



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRANDO: FÁBIO LOPES DE OLIVEIRA

Dissertação de Mestrado em Geografia

“Nosso Ilê é Nosso Lar”

**Territorialidades Negras no Carnaval de Rua de Porto Alegre-RS:
A raiz permanece viva de um Ponto Quilombola à Batucada Coletiva.**

Porto Alegre

Primavera de 2021

Fábio Lopes de Oliveira

Título: Título: “Nosso Ilê é Nosso Lar”

**Territorialidades Negras no Carnaval de Rua de Porto Alegre –R.S:
A raiz permanece viva de um Ponto Quilombola a Batucada Coletiva.**

Dissertação de mestrado acadêmico apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção de título de Mestre em Geografia.

Linha de Pesquisa: Análise Territorial.

Orientador: Professor Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares – UFRGS.

Porto Alegre

02/2021

CIP - Catalogação na Publicação

de Oliveira, Fábio Lopes

"Nosso Ilê é Nosso Lar" Territorialidades Negras no Carnaval de Rua de Porto Alegre-RS: A raiz permanece viva de um Ponto Quilombola à Batucada Coletiva. / Fábio Lopes de Oliveira. -- 2022.

181 f.

Orientador: Paulo Roberto Rodrigues Soares.

Coorientador: Paulo Roberto Rodrigues Soares.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. CARNAVAL. 2. TERRITÓRIO. 3. LUGAR. 4. NEGRITUDE. 5. RUA. I. Rodrigues Soares, Paulo Roberto, orient. II. Rodrigues Soares, Paulo Roberto, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Fábio Lopes de Oliveira

“Nosso Ilê é Nosso Lar”

Territorialidades Negras no Carnaval de Rua de Porto Alegre –R.S:

A raiz permanece viva de um Ponto Quilombola a Batucada Coletiva.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovado em: __/__/__

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à minha família.

Minha mãe mulher negra e batalhadora que é minha referência, meu pai que me ensina grandes valores e meus irmãos e irmãs que são meus companheiros nessa vida, eu amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos amigos e amigas, a família e a vida, aos orixás e mestres que me guiaram e me guiam neste caminho.

Obrigado a minha mãe, Dorildes Lopes, por sempre acreditar em mim, por ser essa mulher guerreira e estar sempre ao meu lado. Gratidão pai, Edison Oliveira por sempre me ensinar o valor do trabalho e pela acolhida nos momentos que eu mais precisei.

Meus irmãos, Paulo, Gabriel e Leonardo, e irmãs, Andressa e Nathália, agradeço pela existência de vocês, que são parte de mim.

Agradeço ao meu orientador Paulo Soares, meu professor, pelo acolhimento, pela paciência e pelo carinho. Foi muito importante na minha vida traçar esse percurso com sua orientação e amizade.

Muita gratidão a amizade, acolhimento e revisões, tanto textuais quanto da vida de Paula Bastos, Iluska Moura, Tayhú Gress, Helena Boll e Luísa Ramos.

Sou imensamente grato a Corina Post e Lyziane Menezes, psicóloga e terapeuta que muito me auxiliaram a manter a sanidade mental.

Agradeço a CAPES pela manutenção do direito a uma bolsa de estudos digna, ao PPGea e a UFRGS por serem resistência em uma luta por educação pública e de qualidade.

Grato ao Centro de Promoção da Criança e do Adolescente pela compreensão, afeto e luta pelas periferias.

Muitíssimo obrigado e um axé gigante para a Turucutá pela acolhida e confiança para a escrita deste texto, mas principalmente por auxiliar esse Porto a ser mais alegre.

Gratidão a Ziriguidum, Bloco da Laje, Areal da Baronesa, blocos piratas do meu coração, Imperadores do Samba e Estado Maior da Restinga por serem minhas referências.

EPÍGRAFE

Às vezes eu acho
Que todo preto como eu
Só quer um terreno no mato
Só seu
Sem luxo, descalço, nadar num riacho
Sem fome, pegando as fruta no cacho
Aí truta, é o que eu acho

Música: Vida Loka Parte II, Racionais Mc's.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivos analisar o carnaval de rua de Porto Alegre - RS, em uma perspectiva territorial e pós colonial, a partir de escrituras minhas e de entrevistados negros e negras participantes do Bloco Turucutá, Batucada Coletiva Independente. Para isso fizemos uma revisão de questões como identidade negra, territorialidades negras e a relação da cidade com o seu Carnaval. Como metodologia optou-se por um questionário semi estruturado, utilizando os resultados com diálogos a partir de autores como Milton Santos, Daniele, Machado e Rogério Haesbaert, dentre outros, assim como as escrituras propostas por Conceição Evaristo. A análise de resultados aponta para a resistência do carnaval de rua diante de conflitos territoriais e raciais, assim como a contribuição do coletivo Turucutá Batucada Nobre e Coletiva para o fortalecimento do carnaval de rua na cidade.

Palavras chave: Carnaval, Território, Lugar, Negritude, Rua.

Lista de Ilustrações

Imagem 1. Arrastão Turucutá 2020	25
Imagem 2. Mapa Territórios Negros	69
Imagem 3. Ensaio Recanto Africano Bloco da Laje	77
Imagem 4. Viaduto do Brooklin	101
Imagem 5. Complexo Cultural do Porto Seco	102
Imagem 6. Oficina Turucutá Estado Maior da Restinga	105
Imagem 7. Atividade Turucutá Quilombo dos Alpes	111
Imagem 8. Encerramento Oficina de Percussão da Turucutá na Imperadores do Samba	110
Imagem 9. Mapa Territórios Negros	120
Imagem 10. Saída Bloco da Laje 2020	121
Imagem 11. Saída Bloco da Laje 2017	128
Imagem 12. Arrastão Turucutá 2019	132
Imagem 14. Estandartes Turucutá e Bloco da Laje	145
Imagem 15. Encerramento Oficina de Percussão da Turucutá na Imperadores do Samba	151
Imagem 16. Ensaio aberto Turucutá Areal da Baronesa	157
Imagem 17. Arrastão Turucutá 2019	171

LISTA DE ABREVIATURAS

Turucutá - Turu

Ziriguidum - Ziri

Bloco da Laje - Laje

Areal do Futuro - Areal

LISTA DE SIGLAS

EPTC: Empresa Pública de Transporte e Circulação

PMPA: Prefeitura Municipal de Porto Alegre

SMIC: Secretaria Municipal de Produção Indústria e Comércio

P.M: Polícia Militar

G.M: Guarda Municipal

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1. A concentração	13
1.2. O Lamento do Samba	16
2. AQUECE BATERIA!	22
2.1. Ensaiei meu samba o ano inteiro.	30
2.2. Comprei surdo e tamborim.	34
2.3. Minha escola estava tão bonita.	35
3. DIGA ESPELHO MEU!	40
3.1. O que é ser negro/negra no Brasil?	41
3.2. Carnaval e política podem ocupar o mesmo espaço.	46
3.3. Desigualdade social e racial no Carnaval de Porto Alegre.	54
3.4. Carnaval de rua, negritude e seus significados.	57
3.5. Os lugares dos corpos de negros e negras no carnaval de rua de Porto Alegre.	62
3.6. Territórios negros do carnaval de rua.	78
3.7. Racismo e Assédio no carnaval de rua.	74
4. A MINHA ALEGRIA ATRAVESSOU O MAR.	78
4.1. Identidade no carnaval de rua.	78
4.2. Representatividade e o corpo negro.	81
4.3. Pertencimento e carnaval de rua.	84
4.4. Os lugares do Carnaval.	86
5. DEIXA O MEU POVO SER FELIZ!	9
5.1. O carnaval competitivo e o Complexo Cultural do Porto Seco.	91
5.2. Carnaval de rua após 2004.	98
5.3. Centro x periferia?	103
5.4. Uma Geografia do Carnaval Porto Alegrense.	106
6. SÓ TEM UM PROBLEMA NESSE AMOR.	110
6.1. As referências de Carnaval.	110
6.2. Fortalecendo o carnaval de rua.	117

6.3. Carnavais sem fronteiras.	122
6.4. Blocos independentes e o carnaval de rua.	126
6.5. O poder público e o carnaval de rua.	133
7. NOSSO ILÊ É NOSSO LAR.	136
7.1. Trajetórias turucuteiras.	136
7.2. Territórios e Lugares de experiências.	139
7.3. A diversidade da Turucutá Batucada Coletiva Independente.	142
7.4. O corpo negro na coletividade.	145
7.5. Turucutá é cultura.	147
7.6. Turucutá é política.	151
7.7. Turucutá é legado.	154
7.8. Turucutá é coletividade.	156
7.9. Batucada Coletiva e a Cidade.	159
8. MORA NA PEDREIRA.	166
8.1. Considerações	166
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	170
ANEXOS	175

1. INTRODUÇÃO

1.1. A Concentração.

**Exu matou um pássaro ontem,
com uma pedra que só jogou hoje.**

Esta dissertação trata de vida, trata de alegria, de dor, de amor, de conflitos. Um texto que perpassa quatro anos de vivências e experiência minhas e tantos outros anos de vivências e experiências de carnavalescos e carnavalescas que trazem em sua vida o amor pelo Carnaval em todas as suas manifestações, da rua ao baile, passando pelos sambódromos, o Carnaval que se constrói dia a dia, por toda vida de quem se entende representado, significado e pertencente a mais significativa festa nacional de negritude.

Antes dos arrastões, o bloco se concentra para que sejam passadas as últimas instruções, que sejam feitos os axés, a energização, momento onde a coletividade se olha. Já a primeira música, o chamamento do público, passa por um lamento, uma reza, uma prece de benção ao festejo que vem. Percebo esta dissertação como um samba enredo, composto ao longo de um mestrado que durou aproximadamente quatro anos e teceu uma ligação direta com os diferentes âmbitos políticos e sociais que vivemos desde o ano de 2018. Este samba, que não necessariamente será tecido por rimas, possui em seu enredo a escrita colaborativa de oito entrevistados, sendo três mulheres negras e cinco homens negros, componentes da Turucutá Batucada Coletiva Independente (Turu), bloco de carnaval de rua que configura, juntamente com outros, as territorialidades negras do carnaval de rua de Porto Alegre (P.A) – Rio Grande do Sul – R.S.

Estas territorialidades são elaboradas pelo prisma de uma perspectiva que visa descolonizar os pensamentos como um elemento de luta intelectual pela valorização e melhor entendimento do saber cultural e acadêmico negro. A perspectiva pós-colonial traça o olhar diante da cidade, diante das manifestações negras e do carnaval de rua. Rua esta que é elemento central para as configurações traduzidas nos conceitos de território, lugar, região e paisagem, mas também que traduzem no espaço geográfico o legado negro que construiu a cidade e contribuiu efetivamente para o fortalecimento e existência do Carnaval.

Para o entendimento e análise destes diferentes espaços geográficos, utiliza-se de uma metodologia participativa, orientada por vivências descritas em questionários

amplios que abordam diferentes facetas do carnaval de rua e competitivo de P.A, trazendo uma análise ora filosófica, por ora histórica, mas traçada sempre nos âmbitos do entendimento da geografia, urbana, cultural e econômica sobre como são as relações entre o ser humano e suas espacialidades. Com foco no carnaval de rua e negritude, nos territórios e Carnaval como um todo, este texto busca tecer uma singela contribuição para o legado do samba e da cultura da cidade, mas principalmente busca transcrever algo que é mágico, através deste Carnaval vivido, por mim e pelos entrevistados, trazidos à luz desta escrita diante de escrevivências.

O Carnaval enquanto um elemento mágico, místico, uma entidade alicerçada em valores e legados ancestrais, manifestado na rua, no espaço público, com seus conflitos e rugosidades, mas como palco de resistência social e política de homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras negros e negras que constroem a cidade, modificam e ressignificam o espaço público e sua urbanidade. Trazidas estas escrevivências para uma análise geográfica, o texto vai ao encontro de tentar estabelecer relações territoriais, materiais e simbólicas entre carnaval de rua, carnaval competitivo, blocos e escolas de samba, Porto Alegre e claro, a Turucutá.

Trata-se pois de uma festa que tem em Porto Alegre formas muito orgânicas e genuínas de se estabelecer, historicamente traçadas pelas resistências do povo negro, representado aqui por vidas que vivem e sentem o carnaval de rua, assim como contribuíram ou contribuem para o fortalecimento deste. Para tudo isso, sempre há de haver encontros, trocas, ensaios e antes de qualquer arrastão sempre temos um ensaio geral, afinar detalhes, coreografias, fantasias, breques, paradinhas e bossas. O ensaio geral afina a bateria, sintoniza o bloco, para que no dia da festa todo o esplendor do trabalho e energia do Carnaval possam brilhar.

A ordem do trabalho é uma manifestação pautada em métodos não convencionais de escrita, tendo em vista que a criação no Carnaval não precede necessariamente de método e sim de criatividade. Foram oito entrevistados, com perguntas colocadas em ordem alfabética e assim analisadas ao longo do texto. Uma tessitura de retalhos de cetim, buscando-se levar em consideração todas as perguntas respondidas, sendo desconsideradas apenas poucas onde o entrevistado não respondeu ou não sabia e as questões sete e oito do questionário (anexo), tendo em vista questões de tempo e metodológicas de escrita.

Estas análises referentes às escrevivências dos entrevistados é feita de maneira a pautar as relações do Carnaval, carnaval de rua, carnaval competitivo, negritudes e territórios, passando por todo o texto com sua fundamentação teórica, ora

mais proeminente, ora menos, mas sempre presente. Assim como os conceitos abordados serão discutidos tanto nos primeiros capítulos quanto ao longo das análises.

Exu reinventa a memória, recoloca as coisas, reacomoda e desacomoda, abre os caminhos. Que esta dissertação seja uma mensagem, uma interpretação, mas principalmente uma contribuição para o Povo Negro.

1.2. O lamento do samba.

De Vermelho e Verde
Colori meu coração
Já chegou a alegria
Esse é o meu bordão
Plantei semente de amor
E a raiz permanece viva
Colhi batucada coletiva
DEIXA ESSA HISTÓRIA QUE EU CONTO!
(Mauricio Dorneles e Pâmela Amaro -
música: Batucada Nobre e Coletiva)

Narrar, contar, dissertar e geografiar. A geografia como elemento de observação da história, da sociedade e de suas culturas, narrativas e escritas. Falar sobre os sambas, as dores, as paisagens, os lugares, os amores e os dilemas. Dissertar sobre o espaço, geográfico por si, histórico por natureza, vivido por amor e dor. No Carnaval, a narração de um enredo, bateria, alegoria, evolução, samba, dentre outros tantos componentes que preenchem um desfile ou cortejo de muita alegria, por vezes pode ser acompanhada de muitas dores e sofrimentos.

Um bom enredo questiona, atravessa, instiga, encanta e frutifica o pensamento. Nem sempre mostra apenas o lado bonito do Carnaval, mas sempre busca embelezar a feiura dos nossos dias, seja no passado, seja no presente ou em nossos desfiles futuros. Traz em forma de toque rítmico, fantasias e alegorias os GRITOS DA COMUNIDADE, todas as dores de um povo que jamais descansa e é um dos principais responsáveis pela construção deste país. Falar de Carnaval no Brasil é falar do povo negro, de suas feridas, cicatrizes, de sua resistência, de seus sonhos e de como, mesmo com um largo histórico de desumanização social, negros e negras continuam a viver a vida com muito trabalho, força e alegria.

Brincar com a escrita, sabendo que ela é séria, assim como se brinca na rua, o Carnaval, as geografias, as histórias e os conflitos onde a ciência encontra a cultura na prática do cotidiano, pode ter muitos momentos lindos, cheios de graça, dança, música e felicidade. Mas traz sempre em seu contexto algumas reflexões muito importantes sobre resistência, disputas, territorialidades, políticas, segregação e racismo. Transformamos em alegria todas as dores de centenas de anos de escravização e cativeiro de seres humanos, simplesmente pela sua cor de pele e ganância colonial, sem o menor respeito pelo próximo. Esta dissertação inicia com a incessante e, infelizmente, necessária afirmação: vivemos em um país, em um estado e em uma cidade fortemente abraçados pelo racismo estrutural que condena sistematicamente negros e negras aos piores patamares sociais possíveis.

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, de modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional, o racismo é estrutural.(ALMEIDA, 2018, p. 38)

Contudo, para além do racismo e conflitos territoriais que corroem, matam, humilham e desumanizam as histórias de negros e negras no Brasil e em outros países, as coisas, por vezes, podem ficar mais difíceis diante desta estrutura colocada como normalizada. No ano de 2020, possivelmente tudo mudou e, parafraseando Milton Nascimento, *nada será como antes*. Nas semanas que antecederam o dia 14 de março de 2020, ninguém tinha a noção, ou poderia, de fato, imaginar que aquele ano seria tão importante para os tempos que estavam por vir. Não sabíamos, nem cogitamos, que a humanidade passaria por um momento histórico que se iniciaria no dia seguinte ao arrastão, após o lindo dia de sol e calor que abraçou o carnaval de rua da Turucutá, dois anos de pandemia.

Alguns dias antes do evento que marcaria a apoteose de um trabalho que durou o ano todo em diferentes frentes e diferentes maneiras, as autoridades brasileiras já acompanhavam de forma descompromissada a chegada de um novo vírus que mudaria a vida de milhões de pessoas ao redor do mundo e que até o dia desta escrita, já se consolida como o grande fenômeno do nosso jovem século XXI. O Sars-CoV-2, popularmente conhecido como Coronavírus (COVID-19), havia entrado pelas portas do capitalismo, com os ricos advindos da Europa e chegou à terra do samba e do Carnaval, possivelmente no fim da festa, para muitos.

A pandemia do Coronavírus vem alterando muitos aspectos sociais, geográficos, psicológicos e econômicos de nossas vidas. Não pode passar sem alguma atenção nesta dissertação. O fim do carnaval de rua em Porto Alegre neste ano cruzou com o mais longo período de isolamento social da história recente da humanidade, deixando saudades e muitas alegrias, mas também a possibilidade de enormes reflexões, reorganizações sociais, coletivas e solidárias. Não é a primeira vez que isso ocorre na história de nosso país, e não será a primeira vez que o Carnaval chega junto para dialogar com os marcos da história. No início do século passado, a chamada “Gripe Espanhola” (vírus Influenza) chegou em navios vindos da Europa ao Rio de Janeiro. Era uma epidemia, uma máquina da morte, que atingiu em cheio os brasileiros e mudaria parte da estrutura social da época.

No início da epidemia de gripe no Rio de Janeiro, em setembro de 1918, os habitantes começaram a apresentar febre e a caírem doentes. Era a 'Espanhola', a doença que vinha da Europa pelos navios que ancoravam nos portos brasileiros (SANTOS, 2006, p. 136).

A “Espanhola” (influenza – H1N1), chegou ao Brasil pelo mesmo oceano Atlântico que trouxe, sequestrados pelos mesmos europeus, milhões de africanos e africanas escravizados, assim como dezenas de doenças, mortes e genocídios de populações originárias, não só daqui, e que mudou a geografia da humanidade toda, com impactos profundos nos territórios saqueados. A colonização trouxe muitas doenças, em diferentes períodos e regiões, mas até nisso vemos a dor virar poesia. No samba de Caninha de 1918 o compositor escreve:

A Espanhola está aí
A Espanhola está aí
A coisa não está brincadeira
Quem tiver medo de morrer
Não venha Mais à Penha

A história mundial pode traçar infinitos paralelos, mas já em 1918 agiu da mesma maneira que em 2020. Não que o Brasil não estivesse avisado. A gripe estava dizimando na Europa e mataria, de acordo com as estatísticas mais modestas, de vinte a trinta milhões de pessoas em todo o mundo (SANTOS, 2006, p.136). Também na atual pandemia, os governantes já sabiam do tamanho do problema, mas assim como tudo o que vem acontecendo nos últimos quatro anos, desde o golpe institucionalizado sofrido por Dilma Rousseff em 2016, o Governo Federal e de outras esferas não conseguiram olhar dez centímetros para além de suas reeleições e sórdidos interesses pessoais.

Fomos pegos e ainda sofremos com centenas de casos que até a data de entrega desta dissertação, estava em 22,5 milhões e 616 mil mortes, apenas no Brasil. Milhares de vidas perdidas pela total irresponsabilidade e despreparo de um governo de extrema direita que questiona os mais profundos valores humanos e que abandona sua população à própria sorte diante de uma pandemia. Santos (2006, p. 138) também aponta que, segundo Teixeira (1993), tanto a imprensa quanto os responsáveis pelos serviços de saúde pública punham em dúvida a existência da influenza no Brasil em 1918.

Em 2020 e 2021 quem pôs em cheque a existência do Covid-19 foi o atual Presidente da República, que em dezenas de manifestações, zombou da vida dos brasileiros, gerando aglomerações, recomendando remédios sem comprovação científica de seus efeitos, e estabeleceu uma cruzada de notícias falaciosas contra opositores, contra o isolamento social e até mesmo contra a Organização Mundial da Saúde (OMS), e até o fim desta escrita contava com mais de cento e trinta pedidos de impeachment no Senado Federal. Neste momento assistimos atônitos ao descontrole do número de mortos e um país que parece que parou no tempo, ou tenta a todo custo voltar para

1918. Não só no que diz respeito às pandemias, mas também à racionalidade social e política.

O medo de comunistas, uma subordinação irracional aos Estados Unidos, a falta de informações confiáveis e as narrativas de ódio propagadas pela extrema direita brasileira somaram-se, neste momento, a uma pandemia descontrolada que mata principalmente a negros e negras de periferia, e que já apresenta impacto incalculável em comunidades indígenas.

“É assustador. Muitas famílias pegaram seus filhos e fugiram da aldeia, foram para a cabeceira do igarapé e não sabemos nada mais deles, não sabemos se estão bem, se foram atendidos. Tem aldeia mais pra cima que fez barreira para não entrar ninguém de fora e para ninguém sair”, conta Higson Kanamari, liderança local. Segundo ele, entre os dias 9 e 10 de junho, 16 casos de covid-19 foram confirmados em duas aldeias vizinhas. “A coisa está se alastrando muito rápido, e não temos suporte hospitalar perto da aldeia [mais de mil quilômetros distante de Manaus]. Temo pelos povos isolados da região, que são ainda mais vulneráveis”, lamenta. (Fonte: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-17/covid-19-se-espalha-entre-indigenas-brasileiros-e-ja-ameaca-povos-isolados.html>)

No que diz respeito às populações negras e periféricas, o quadro não é nada animador, também. Em escalas diferentes, mas com o mesmo descaso são tratadas as populações que vivem em favelas, comunidades, vilas e na rua. São populações majoritariamente negras que enfrentam sozinhas uma pandemia jamais vista.

Há relatos de situações graves de populações que vivem em situação de vulnerabilidade como: a perda ou redução drástica da renda familiar, tanto para aqueles que possuem trabalho formal ou informal; respostas às medidas de isolamento social e de higiene nas condições determinadas pelas instituições de saúde pública; acesso a recursos como alimentação, água, saneamento básico para sobrevivência de famílias e comunidades, entre outros. (Fonte: <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/porto-alegre-e-a-pandemia-moradia-e-direito-a-vida-nos-territorios-da-metropole/>)

A reportagem do Jornal El País e o texto do Observatório das Metrôlopes apenas elucidam o óbvio, a gigantesca desigualdade social que esmaga a vida de populações indígenas e periféricas com mais brutalidade neste momento de luto. O enfrentamento à pandemia tem sido considerado extremamente insuficiente pela grande maioria das autoridades sanitárias e até mesmo no meio político, que ainda possui uma grande parte de “negacionistas” fanáticos que além de não acreditarem na Covid-19 ainda acreditam no Governo Federal e que a Terra é plana.

Até a entrega desta dissertação o quadro social não era animador, felizmente, porém, sempre existe uma luz onde vive o coração do carnavalesco. Sabemos que o período é difícil e que exige atenção. A população negra, indígena e periférica do Brasil

sofre com o descaso de um desgoverno verborrágico e fundamentalista. Mas já passamos por períodos tão angustiantes, como a Influenza de 1918.

Possivelmente, neste momento político e contexto pandêmico, nossas micro, meso e macro estruturas sociais estejam sendo novamente alteradas e tendo suas potencialidades renovadas. Nos EUA e no Brasil, dezenas de milhares de pessoas têm buscado combater o racismo com protestos em redes sociais, procurando novas maneiras de se organizarem coletivamente e fortalecendo movimentos antirracistas já existentes. Teremos, quem sabe, a oportunidade de honrar não só os mortos pelas pandemias que nos assolaram e assolam, mas também honrar mais a população originária destas terras Tupis, Charruas, Tupinambás, de negros e negras que construíram este país chamado Brasil e são os principais prejudicados neste momento.

O Carnaval é o grito desses oprimidos e renegados a uma morte injusta, seja pela violência, seja pelo estado policalesco, seja pelas doenças, seja pela escravidão. O Carnaval de 1919 foi um momento onde as pessoas puderam recuperar o “seu” humano, perdido e reencontrado todos os anos em um país onde mais da metade da população é negra, sensível a momentos de crise, economicamente fragilizada pelo abandono do Estado. Quiçá em fevereiro de 2022 possamos, mais de cem anos depois, ter esse grito de Carnaval, essa homenagem aos que a Covid-19 nos levou, essa manifestação humana dos corpos, na rua, pela alegria e pela dor, que possamos lamentar nossos mortos com samba, cultura, renovação e esperança.

Neste processo, uma mudança de pensamento radical em relação às alteridades do outro é uma importante potência que pode se revigorar, buscando lutar pela democracia e pelos direitos humanos universais e básicos. Essa etapa pode nos trazer novos olhares de um mundo onde os processos coloniais moldaram estruturas perversas de racismo, desigualdades de gênero e classe. Uma perspectiva pós-colonial que nos ajude a entender nossa grande capacidades enquanto negros e negras que foram escravizados, mas jamais foram escravos.

A colonização nos trouxe muitas coisas, inclusive o Carnaval. Entre elas, nos sequestrou de África e nos trouxe para as Américas, escravizou, matou, dizimou, cometeu genocídios, forjou o Brasil com sangue negro e indígena, institucionalizou o racismo e, atualmente, mata um jovem negro a cada 23 minutos. Todo esse processo ainda não foi completamente discutido e muito menos teve a justiça social necessária. Simas (2017), referindo-se a negritude no início do século, aponta que

Ao lado do controle dos corpos, vigorou a desqualificação completa das camadas subalternizadas como agentes incessantes de invenção de

modos de vida. A ordem no terreiro carioca era criminalizar os batuques, sambas, macumbas, capoeiras, carnavais e demais elementos lúdicos do cotidiano dos pretos e pobres (penso no jogo do bicho, reprimido por ser, no início do século XX, uma loteria dos mais humildes). Tudo, enfim, que resistisse ao confinamento dos corpos deveria se escaferder em nome da nostalgia de uma Europa que nunca fomos.

Europa esta que nunca fomos e possivelmente jamais seremos, pois não somos. Os corpos negros sendo controlados são mais um paralelo social que ainda perdura com força, não só no Carnaval, mas de certa forma, as pandemias mostram quem são os mais dizimados, os mais assassinatos e mostram quem são os que mais morrem. A pobreza mostra quem são os que passam fome e só não vê quem não quer. No entanto, nunca nos entregamos e o Carnaval de 1919 é a prova. Soubemos sair da mais profunda dor, não só neste ano, mas também em 1888, onde fomos “libertos” e jogados à própria sorte. Saberemos pensar no futuro um Carnaval maior ainda, mesmo que a saudade do último dia 14 de Março seja imensa, “*esperançar*” um amanhã melhor é também um ato de resistência, como diria Paulo Freire:

Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança (1996, p. 127).

Possivelmente, muitos podem pensar que um texto sobre o Carnaval deveria focar nos elementos e alegrias que o marcaram durante toda sua trajetória. Certamente, estes momentos chegarão a esta dissertação de mestrado. Contudo, torna-se impossível não pensar, em tempos de isolamento social, o quão importante foram os anos de mestrado na minha vida, os anos de batucada, os anos de Cidade Baixa, as rodas de samba, os cortejos, os rostos, os beijos. Como não voltar no tempo, trazendo uma espécie de revisão de vida que transcende as fronteiras do academicismo colonial que nos foi imputado e que talvez não tenha mais espaço no mundo pós COVID-19.

Como não ser atravessado por um momento histórico que nos tira muitas possibilidades de ir e vir, de estar na rua, de sentar num bar, de abraçar um amigo, de estar em companhia, de fazer samba, de falar da vida tão sofrida, mas tão acalentada pelo calor do Carnaval, pelo calor da rua, pelo calor dos corações boêmios? Talvez seja impossível, e o leitor há de concordar comigo, nossas vidas mudaram. Como diz Clara Nunes, na composição de Ivor Lancellotti

Quero recordar aquelas madrugadas
Serenatas no meu jardim
Quero recordar...
Não importam essas lágrimas
Às vezes faz bem chora

2. AQUECE BATERIA!

Carnaval é o ano todo. Carnaval é cotidiano, é dia a dia, ensaios, festas, desfiles, cortejos, comunicação, economia, política, resistência, cultura e muitos outros adjetivos e significados. Este Trabalho dura praticamente o ano todo, sendo a vida de muitas pessoas no Brasil. Assim, o Carnaval nunca tem fim. No dia 14 de março de 2020, a Turucutá realizou um dos últimos eventos de carnaval de rua na cidade de Porto Alegre, como um “pré” Covid-19. Isso porque não se sabe ao certo quando e de que forma o carnaval de rua voltará a acontecer. Na semana posterior ao Arrastão da Turu, a quarentena chegou a Porto Alegre, que até então tinha somente um caso confirmado .

Não tínhamos a real noção do tamanho do impacto que a pandemia causaria em nossas rotinas, nossos cortejos, nossos ensaios, mas principalmente, nossas famílias, nossos idosos, nossos amigos e vidas como um todo. Foi um último grito de Carnaval em um cenário completamente indefinido e sombrio. Impossível não começar este texto por este momento, impossível não começar a pensar no passado para perceber que nosso futuro não poderá mais ser como era. O cotidiano rompido, a rua vazia, uma alteração social espacial jamais vista pela modernidade e com reflexos ainda muito indefinidos.

Todas as autorizações necessárias para o Arrastão (forma como é chamado e evento principal da Turucutá. A depender do bloco, pode ser chamado de cortejo, desfile ou saída), já estavam prontas. Ambulância, seguranças, carro e equipamentos de som, bateria e harmonia, divulgação e tempo bom. Tudo certo, mas as sensações já eram diferentes. Algumas pessoas já não compareceram, algumas pessoas foram com receio, algumas se prepararam para não precisar dividir bebidas e outras já procuravam manter alguma assepsia a mais, detalhes que antes, não eram necessariamente prioridades nos carnavais de rua. Muitas pessoas questionam se realmente o evento deveria ocorrer, se realmente era uma postura ética ou se estávamos sendo irresponsáveis enquanto coletivo.

Zabumbar no fio da navalha, no meio da tempestade, foi a saída mais potente para se driblar a tormenta da noite grande. A cultura do samba veio de um aparente paradoxo: não se samba porque a vida é mole; mas porque é dura pra dedéu (SIMAS, 2017).

O arrastão foi mantido.

Neste dia ainda não tínhamos entrado em estado de isolamento social, o primeiro caso em Porto Alegre havia sido registrado no dia 11 de março e o primeiro caso de transmissão local do vírus no dia dezoito do mesmo mês. Nem o poder público tinha muito a noção do que estava por vir ou o que fazer. Novamente a história se repetia. O Coletivo? Votou por fazer o cortejo, quem não quisesse ir poderia ficar à vontade. Por quê?

Só posso falar por mim: neste dia eu já pensava e analisava os dados do vírus pelo mundo e entendia que o risco de contaminação ainda era muito baixo e que possivelmente ficaríamos muito tempo sem poder celebrar nossas batucadas e alegrias na rua. Somado a isso, um sentimento de que esse poderia ser nosso derradeiro momento enquanto coletivo unido na rua, em 2020. Ao que se sabe nenhuma pessoa foi contaminada no Arrastão e acredito de coração que realizar este evento foi um motor emocional muito significativo para a saúde mental dos envolvidos e envolvidas, sem nenhum prejuízo para a saúde pública.

Mas como disse um de nossos mestres de bateria da Turu, parafrazeando Luiz Antônio Simas (2017): o que espanta a miséria é festa! Por isso contar essa história, por isso começar pelo dia do Arrastão, pois assim como diz a música: Turucutá, Batucada Nobre e Coletiva (Pâmela Amaro e Maurício Dorneles); “Independente das dificuldades estarei contigo Turucutá, Teu Barracão: Meu Ombro Amigo”. Este trabalho é a escrita de dezenas de vivências, dezenas de saídas de campo, três anos de participação direta e ativa na rua, em mais de quatro coletivos carnavalescos que desfilam no carnaval de rua da cidade. Pois voltando a Simas (2017) “a gente aqui não faz festa porque a vida é boa, mas porque tá tudo uma porcaria”.



Imagem 1: Foto Arrastão Turucutá 2020 (fonte: <https://www.facebook.com/turucuta>).

Seguindo na Avenida, essa história, assim como todas no Carnaval, não inicia e nem mesmo termina no dia 14 de março. No que diz respeito a esta dissertação, outro momento muito importante é o quadro político, nacional e regional que atravessa esta escrita.

Em 2018, eu estava no primeiro ano deste mestrado acadêmico e isso me colocou diretamente em ambientes políticos e de debates onde ideias fascistas disfarçadas de conservadorismos, com forte teor reacionário e liberal se manifestavam com muito mais coragem e força do que nos meus anos de graduação, docência, Carnaval e de vida. Paralelo a isso, em 2020, a situação se degradou mais ainda, pois não só a pandemia, mas uma série imensa de aberrações políticas transformou o noticiário em um verdadeiro festival de absurdos.

Algumas delas burlam diretamente os direitos humanos, a saúde, a educação e a justiça, dentre outros direitos. No meio da pandemia, ficamos meses sem Ministro da Saúde, o Governo militarizou boa parte dos cargos técnicos e ministérios, como da Educação e a Secretaria da Cultura, que foram usados como armas ideológicas de propaganda da “moral” e da “família de bem brasileira”.

Todo este movimento pode ser considerado também um retorno de ideias que possivelmente nunca morreram. Racismo, misoginia, machismo, sexismo e violência fazem parte da história do povo “tupiniquim”, mas há anos estavam submergidas em uma região vulcânica, entrando em erupção em episódios de racismo e abusos que pareciam até “ser normais”. Um país com largo histórico escravista, patriarcal e de primazia de homens brancos sobre boa parte dos cargos de poder, educacionais e com toda sorte de privilégios que a branquitude sustenta, havia colocado pra fora suas feridas mal curadas ou que nunca cicatrizaram.

Aqui, cabe destacar que inclusive a Fundação Palmares, órgão institucional federal, passou a lutar contra os movimentos negros e, mesmo administrada por um homem negro, sustenta os ideais de uma FALSA DEMOCRACIA RACIAL que não existe neste país que possui a Polícia que mais mata e morre no mundo, dentre outros profundos problemas resultantes dos sequestros em África.

Segundo levantamento realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 21.910 pessoas morreram em decorrência de intervenções policiais no Brasil entre os anos de 2009 e 2016 (FBSP, 2017). Durante o mesmo período, 2.996 agentes policiais também foram assassinados (tanto em serviço quanto fora dele). Tais números não apenas posicionam as polícias brasileiras entre as organizações de força

mais letais do planeta, como também consolidam seus quadros profissionais entre os que mais morrem em virtude do exercício da atividade e/ou da identidade policial (Misse et al., 2013; Nunes, 2018). A letalidade e a vitimização policial constituem hoje dois dos maiores problemas de segurança pública do Brasil, não apenas pelo grande contingente de perdas humanas que acarretam, mas também porque projetam efeitos deletérios sobre os processos de consolidação das instituições e da própria democracia no país (Chevigny, 1991; 1995; Skolnick e Fyfe, 1993; Monjardet, 2002; Adorno, 1998; Neme, 2000) (ZILI, 2018, p. 71).

O genocídio institucionalizado da população negra na sociedade brasileira não pode ser uma prática normatizada e normalizada em nenhuma das situações. Milhares de policiais e civis mortos são homens e mulheres negros e negras que, uns como capitão do mato e outros como escravizados, repetem há quinhentos anos a mesma rotina: servir ou resistir à branquitude. As práticas racistas não se limitam ao uso da força policial do Estado. Sempre estiveram presentes na vida da população negra do Brasil de diferentes maneiras. No Carnaval não seria diferente.

Não custa recordar que, ao longo dos tempos, o poder instituído no Brasil articulou ações em relação às ditas “classes perigosas” (expressão comum em arquivos policiais da Primeira República) a partir de uma lógica de controle social fundamentada em estratégias de disciplina dos corpos, com inúmeras variantes: corpos amansados pela catequese, pelo trabalho bruto, pela chibata, e pelo confinamento em espaços precários; entre porões, senzalas, canaviais, linhas de montagem e cadeias. (SIMAS, 2017).

Assim, o passado explica o presente que se repete incessantemente. Ao invés de senzalas, temos nossos corpos confinados em moradias precárias, sem acesso a saneamento, saúde, educação, propagando-se muitas vezes atividades consideradas ilícitas como única forma de sobrevivência. Somos extirpados de cultura, com vorazes perseguições aos elementos que constituem as relações sociais dos povos que vieram de África. O Carnaval perseguido, os terreiros perseguidos, as moradias desapropriadas... São muitas as dores do racismo. As violências são construídas por uma trama temporal racista e patriarcal que nos trazem ao que Silvío de Almeida coloca como racismo estrutural.

Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição” (ALMEIDA, 2019, p.50).

Este racismo estrutural onde comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção (ALMEIDA, 2018, p. 38), fruto de um longo e genocida processo colonial, coloca o negro como um protagonista às avessas, um produto do capitalismo a ser escondido, morto,

esquecido. Essa estrutura racial não está somente representada em programas de televisão populares de notícias sensacionalistas, nem somente na nossa população carcerária de maioria negra, o racismo é um poder. Um poder pensado, administrado e aplicado nas diferentes esferas da população. Este processo que “ocorre pelas costas” e se apresenta como tradicional, dando a entender que “sempre foi assim” se traduz em forma de *necropoder* e *necropolítica*.

O colonialismo, portanto, dá ao mundo um novo modelo de administração, que não se ampara no equilíbrio entre a vida e a morte, mas tão somente o exercício da morte, entre o “fazer viver e o deixar morrer”; o colonialismo não mais tem como base a decisão sobre a vida e a morte, mas tão somente o exercício da morte. Não se trata somente do biopoder e nem da biopolítica quando se fala da experiência do colonialismo e do *apartheid*, mas daquilo que Achille Mbembe chama de *necropolítica* e *necropoder*, em que guerra, política, homicídio e suicídio tornam-se indistinguíveis (ALMEIDA, 2019, p. 117).

O “*apartheid* a moda Brasilis” veio disfarçando-se ao longo dos anos como uma pitoresca ideia de democracia racial, onde supostamente somos todos miscigenados, mas até a parte em que os direitos deveriam ser os mesmos. O *necropoder* e a *necropolítica* são conceitos fundamentais neste texto, tendo em vista que o Carnaval enquanto manifestação cultural em nosso país é um elemento indissociável da vida da população negra. A *necropolítica* traça o paralelo fundante de uma análise territorial baseada em disputas e resistências pelos direitos de existir, de ter dignidade e de celebrar a dureza e a beleza da vida. O Carnaval é o espaço temporal onde as dores não são esquecidas e sim ressignificadas, onde é possível se ter um momento de alegria.

As ideias da extrema direita brasileira representam o que sofremos no dia a dia quando nossos corpos são menosprezados e dizimados em razão de que o negro e a negra no Brasil são para estes meros acidentes históricos e que o racismo é um “vitimísmo” barato de pessoas sem força de vontade de vencer no capitalismo. As narrativas negras necessitam de mais espaços para que possamos traçar novas histórias e geografias.

Para tanto, precisamos colocar em pauta nossas escritas, nossos gritos, nossas festas, nossos quereres. Esta dissertação vem ao mundo em um dos momentos mais complicados da humanidade, onde o racismo não pode ser mais apenas assunto a não ser tocado, como se esconder fosse curar a ferida, ao invés de tratá-la. E se existe uma forma de aquecer o coração neste momento e continuar resistindo é pensando no Carnaval e em sua energia.

Esta energia necessária para a bateria aquecer, necessária para os ensaios, treinos, dedicação, comprometimento, estudo e trabalho. A explosão de um cortejo é

produto de um sentimento de pertencimento e identidade singulares. Como pertencimento podemos entender que

No âmbito político o pertencimento gera o sentido de domínio sobre um lugar, sentido que estimula o aparecimento de formas de autoridade e tributação sobre o espaço, configurando a real perspectiva territorial: percepções de atores diversos, geralmente alheios aos contornos territoriais locais (Estado, guerrilhas, ONGs etc.) que inserem suas visões, confrontando-se com as dos residentes (organização social, formas de parentesco, uso do espaço etc.) que devem lutar pela hegemonia de um modo particular de exercer legitimamente o domínio ou estabelecê-lo com as pautas de dominação intervenientes que lhes são alheias (HAESBAERT, 2004, P.8).

Rogério Haesbaert traz em sua análise sobre multipertencimento um elo essencial entre o espaço geográfico e a perspectiva territorial. O sentido que estimula este pertencimento no que tange ao Carnaval é a participação ativa no fazer e estar presente nos lugares e territórios aos quais a festa pertence. Para a população negra este pertencimento também é associado a uma identificação, não somente espacial, mas fluida de sentidos múltiplos e vínculos.

A propriedade da terra como fundamento do território é deslocada pela noção de soberania que é ação de domínio sobre o espaço de pertencimento, real ou imaginado. Sem as amarras da propriedade, o territorial surge com mais nitidez enquanto espaço de relações políticas entre as distintas representações que legitimam as ações de domínio sobre ele; por isto é que em cada território se encontram diversos sentidos de domínio, históricos e complexos – na maioria das vezes produzidos para além das fronteiras locais – diminuindo o caráter aberto, submetido a formas jurisdicionais (HAESBAERT, 2004, P.9).

O pertencimento ao espaço imaginado e também simbólico é posto neste surgimento de relações políticas, mas também é posto nas relações de afeto, convivência e legados históricos que se manifestam no espaço tempo. O Carnaval, tangencia os territórios subvertendo-os, tática importante no que diz respeito a ser negro no Brasil, tendo em vista a constante necessidade de readaptação cultural e espacial que negros e negras foram e são submetidos diariamente na luta contra a dominação de seus corpos e cultura. Esse pertencimento está intimamente relacionado a fatores identitários. O Interesse atual pelas questões identitárias pode ser inscrito de maneira bastante ampla nos debates teóricos travados entre os defensores da modernidade e os advogados da pós-modernidade (Le Bosse, 2004, p. 158).

De um lado, a identificação consiste, em um sentido lógico transitivo, em designar e nomear qualquer coisa ou qualquer um, e depois em caracterizar sua singularidade. De outro lado, em um sentido intransitivo e por vezes reflexivo, e entendendo a identidade como similaridade, a identificação consiste em se assemelhar a qualquer coisa ou a qualquer um e se traduz, principalmente, tanto para o indivíduo como para o grupo,

por um sentimento de pertencimento comum, de partilha e de coesão sociais (LE BOSSÉ, 2004, p. 161).

Aqui, pertencimento e identidade são colocadas como parâmetros geográficos para análise dos contextos de negritude e do Carnaval. A partilha, a convivência e a negritude são elementos que convergem dentro dos espaços geográficos trazendo uma noção de coesão onde a festa é a liga que une os mesmos. Assim, para falar de negritude e do que é ser negro no Brasil, faz-se necessário entender as características básicas de pertencimento territorial e identificação com o Carnaval.

Ser negro ou negra no Brasil é um ato de bravura e coragem. Como professor licenciado em Geografia, acredito que este campo do saber é uma potente ferramenta de análise tanto dos racismos que existem no espaço geográfico, quanto dos que existem nos espaços simbólicos. Para esta dissertação, os espaços geográficos podem ser apresentados como territórios, lugares regiões e paisagens, sendo estes, quatro conceitos abordados no decorrer das análises, mas considerando-se que:

Não é possível dissociar forma e função da análise do espaço. Mas é necessário ir além, inserindo forma e função na estrutura social, sem o que não captaremos a natureza histórica do espaço. A estrutura diz respeito à natureza social e econômica de uma sociedade em um dado momento do tempo: é a matriz social onde as formas e funções são criadas e justificadas (CORRÊA, 2011, p. 29).

Neste trabalho forma e função são adjetivos que traduzem de certa forma o que o Carnaval representa para a negritude, tendo em vista que a sociedade que o constrói e o descredibiliza tem, em seus atravessamentos raciais, manifestações espaciais e históricas que o perpassam e configuram a matriz social. Assim, forma e função são correlacionadas entre geografia como uma composição especializada de análise e Carnaval como uma das funções estabelecidas no espaço geográfico.

Poder juntar Carnaval e Geografia, me faz relacionar dois campos muito significativos na minha vida. Dois campos de encontros, dois campos de aprendizado, dois campos que atualmente vejo como um só. É com alegria que vejo que Carnaval e Geografia alimentar-se-ão um ao outro na produção e alinhamentos desta dissertação. Contudo, não me é possível limitar a visão dos elementos deste trabalho.

Quando me percebo enquanto homem negro de origem periférica escrevendo uma dissertação de mestrado sobre um tema tão importante para a negritude brasileira e tão amplamente negligenciado pelas autoridades vigentes, me enxergo e me vejo, me sinto e me examino. A mesma reflexão que este trabalho me gera parece ter tomado conta de parte da população. O samba da Estação Primeira de Mangueira 2019, pode

ser considerado um exemplo de como negritude, colonialismo e segregação se atravessaram e atravessam o país ("História pra Ninar Gente Grande", do carnavalesco Leandro Vieira).

Ao dizer que o Brasil foi descoberto e não dominado e saqueado; ao dar contorno heróico aos feitos que, na realidade, roubaram o protagonismo do povo brasileiro; ao selecionar heróis "dignos" de serem eternizados em forma de estátuas; ao propagar o mito do povo pacífico, ensinando que as conquistas são fruto da concessão de uma "princesa" e não do resultado de muitas lutas, conta-se uma história na qual as páginas escolhidas o ninam na infância para que, quando gente grande, você continue em sono profundo. De forma geral, a predominância das versões históricas mais bem-sucedidas está associada à consagração de versões elitizadas, no geral, escrita pelos detentores do prestígio econômico, político, militar e educacional - valendo lembrar que o domínio da escrita durante período considerável foi quase que uma exclusividade das elites – e, por consequência natural, é esta a versão que determina no imaginário nacional a memória coletiva dos fatos (disponível em: <http://www.mangueira.com.br/carnaval-2019/enredo>).

Neste mesmo ano de 2019, a G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira veio para avenida com o enredo "História pra ninar gente grande". Um enredo sobre os heróis e heroínas negros e negras que fundamentaram e construíram o Brasil verdadeiramente e são "esquecidos" no país racista em que habitamos. A Mangueira canta "Marielle, presente!" e até o dia de entrega deste trabalho, mais de três anos depois da morte da vereadora Marielle Franco ainda não sabemos: QUEM MANDOU MATAR MARIELE? É deste país que estamos falando.

A imprensa, o governo e parte significativa da população reagem de diferentes formas a crítica que o samba aponta. Uma forma descolonizada de ver o mundo, uma forma pós-colonial que luta. Assim, chego à perspectiva teórica que mais me gera sentimentos de força, luta e resistência. O enredo da Mangueira confirma minha ideia de propor esta dissertação a partir de uma perspectiva pós-colonial.

Definido por Derek Gregori, como 'uma formação político-intelectual crítica que tem como preocupação central, o impacto do colonialismo e sua contestação nas culturas dos povos colonizados e colonizadores do passado, bem como a reprodução e transformação das relações coloniais, representações e práticas no presente', o pós-colonialismo produziu uma das mais sólidas teorias que na actualidade agitam o mundo acadêmico (AZEVEDO, *at all*. 2007, p.31).

Tecer uma narrativa, neste momento em especial, utilizando uma abordagem que se aproxime dos conceitos teóricos pós-coloniais, é especialmente desafiador, pois não é somente uma abordagem acadêmica e sim uma formação político-intelectual, que perpassa os corpos, que é vívida e cotidiana, e principalmente busca humanizar e trazer dignidade para os legados ancestrais da negritude. Não somente pelos já conhecidos

sofrimentos que um mestrado pode causar, mas também pela conjuntura política nacional, onde o primeiro Carnaval sobre o comando de um governo extremamente controverso foi um verdadeiro choque político em boa parte da nação. O trecho do samba campeão da Mangueira a seguir, relata o que significa isso:

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra
Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato
(Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mama, Marcio Bola,
Ronie Oliveira e Danilo Firmino, 2018).

O título do tema já aponta a uma ironia muito séria, pois Histórias de Ninar Gente Grande é um enredo que busca explicar uma história a um país que em pleno século XXI parece ter destrambelhado para um abismo político sem precedentes. Contar as histórias que não foram contadas ou as histórias que durante mais de cinco séculos são derramadas com o sangue do povo negro e indígena é tão básico, mas tão importante que chega a ser paradoxal.

O avesso no mesmo lugar, sempre, sempre e sempre. Os pobres, os trabalhadores e muitas minorias, sufocados pelo medo e receosos pelo por vir. É nesse contexto que este trabalho nasce, buscando saber do Carnaval, buscando saber da Geografia deste Carnaval, buscando se embasar em uma atitude de pesquisa pautada na autenticidade de fala, escrita, metodológica e teórica. A pauta da negritude, associada ao Carnaval, a análise dos territórios, o pertencimento do autor, dos entrevistados e a arte de geografar são o metrônomo deste trabalho. Vamos afinando os instrumentos, pois eu quero é botar meu bloco na rua!

2.1. Ensaiei meu samba o ano inteiro.

Ensaiei meu samba o ano inteiro
Comprei surdo e tamborim
Gastei tudo em fantasia
Era só o que eu queria
E ela jurou desfilar pra mim
Música: Retalhos de Cetim
Benito Di Paula

Esta escrita, vista da perspectiva da negritude, assume uma potência singular e emancipatória. As escritas vividas devem estar em evidência quando queremos trazer a história que não é contada. Que foi deixada em cativeiros nas fazendas e casas burguesas dos brancos endinheirados. Aí a importância de uma geografia na perspectiva da negritude. Em seu livro *Becos da Memória*, a escritora Conceição Evaristo narra a partir de seu cotidiano vivido, histórias que, de acordo com ela, não são nem verdade, nem mentira:

Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade (EVARISTO, 2017, p. 9).

Histórias que trazem sua perspectiva de mundo a partir de uma realidade extremamente palpável, a realidade do povo negro nas favelas do Brasil. Não buscarei aqui trazer ficção, por mais que alguns casos não devessem ser mais do que isso. Essa dissertação vem ao encontro de uma perspectiva de escrita que dá espaço às memórias coletivas vividas pelos negros e negras no carnaval de rua de Porto Alegre, tendo como foco a importância da construção acadêmica pautada na negritude e sua luta por igualdade.

Para tanto, fez-se necessário uma pesquisa ação, onde ensaios, espaços de convivência, reuniões, arrastões e entrevistas são a chave para uma metodologia que parece peculiar, mas é atravessada por uma intencionalidade visceral de ser real. Thiollent (1988 in GERHARDT *at all.*, p.40) define a pesquisa ação como:

A pesquisa ação é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Existe uma grande discussão nas ciências humanas sobre métodos e metodologias. Nas palavras de GERHARDT *at all.* (2009, p.11), a definição básica entre metodologias e métodos se dá quando

Tartuce (2006) aponta que a metodologia científica trata de método e ciência. Método (do grego *methodos*; *met'hodos* significa, literalmente, "caminho para chegar a um fim") é, portanto, o caminho em direção a um objetivo; metodologia é o estudo do método, ou seja, é o corpo de regras e procedimentos estabelecidos para realizar uma pesquisa; científica deriva de ciência, a qual compreende o conjunto de conhecimentos

precisos e metodicamente ordenados em relação a determinado domínio do saber. Metodologia científica é o estudo sistemático e lógico dos métodos empregados nas ciências, seus fundamentos, sua validade e sua relação com as teorias científicas. Em geral, o método científico compreende basicamente um conjunto de dados iniciais e um sistema de operações ordenadas adequado para a formulação de conclusões, de acordo com certos objetivos predeterminados.

Na minha visão, e principalmente em meu lugar de fala, ambos são intrínsecos e caminham juntos. Cada palavra é escrita com o pensar e com um motivo, mesmo que não façam sentido em algum momento, todos os pontos desta trama estão ligados. Isso, pois, uma visão pós-colonial passa por caminhos nem sempre fáceis de serem encarados no meio acadêmico, ou nas palavras de Jurandir Freire Costa:

A credibilidade do que é afirmado não nasce, primordialmente, dos conhecidos passaportes para o tantas vezes insípido mundo da responsabilidade científica: “rigor teórico”; “coerência conceitual”; “fidedignidade do fato empírico” etc. Aqui, a dor cria a noção; a indignação; o conceito; a dignidade; o discurso (COSTA, *in* SOUZA, 1993, p.1).

Essa dor é a dor do meu povo, é a dor de negros e negras, pobres, indígenas e demais excluídos, subalternizados em uma lógica escravista, manipuladora e desigual. Uma lógica embranquecida, “academizada” e alinhavada, não raramente com conceitos segregacionistas e excludentes. Enquanto negro, não posso mais me curvar diante dos imperativos acadêmicos e sociais que colocam a população brasileira tão mal tratada em métodos e metodologias que repitam as narrativas e formatos que imperam na academia e na sociedade há centenas de anos. Neste trabalho, o esqueleto teórico-metodológico é apenas suporte de uma substância viva que pulsa, transpira e nos transmite um sentimento de honestidade radical (COSTA, *in* SOUZA, 1993, p.2).

Neste sentido a pesquisa afrodescendente é uma metodologia de postura nova, relacionando a ação à pesquisa, procurando uma dialética entre ação – pesquisa –ação, tendo como partida o campo e o conhecimento sobre o campo e procurando a construção explicativa teórica depois, como consequência, e não como fonte. Está no campo da discussão da epistemologia das ciências e das rupturas necessárias para integração do Continente Africano, de africanos e descendentes como produtores de um conhecimento com base na experiência criadora de populações africanas e negras na diáspora (CUNHA, 2015, p.4).

Como metodologia negra de estudos para este trabalho buscarei fazer uma pesquisa-ação qualitativa e participativa que visa uma análise ampla de todos os agentes que fazem ou agem direta ou indiretamente no carnaval de rua de Porto Alegre e nas

diferentes interações com o espaço urbano. Os conceitos de ação e qualidade desta pesquisa são pautados em uma prática real e que busca mergulhar fundo na vivências escritas do Carnaval, escrevivências.

Como método de pesquisa, estar nos blocos, ver, observar e registrar já seriam uma constante na minha vida. Contudo, mais que isso, participar das construções diárias de alguns destes, ser membro da bateria de cinco blocos, sendo membro da equipe de apoio de três, já tendo tocado em outros cinco em diferentes momentos, participar de oficinas de percussão, ocupando espaços públicos ou escolas de samba e ter ensaiado na maravilhosa Estado Maior da Restinga, é uma jornada que além de motivadora, me possibilita escrever essa dissertação com muito amor entendendo as atuações espaciais de diferentes agentes aqui considerados o poder público e seus representantes e os atores do Carnaval.

Entender-se-á como ator, no sentido geopolítico do termo, toda entidade que elabora representações territoriais e práticas espaciais, que expressa essas representações (ou se for o caso, suas reivindicações) e age sobre o espaço, estruturando redes e territórios. O ator age sobre o território em interação permanente com outros atores. A interação significa tanto a coordenação quanto a confrontação (ROSIÈRE, 2007, p. 283)..

Esta pesquisa nasce dentro de uma perspectiva de negritude, onde negros enegras são estes atores, também, assim como protagonistas de suas escritas, de suas trajetórias e do Carnaval.

Dar corpo à memória dos moradores da favela, caminhando em sentido contrário ao dos estereótipos que se colam à pele dos subalternos em nossa sociedade, é, portanto, uma estratégia de grande impacto político e cultural, já que permite ao leitor brasileiro, desamparado de uma tradição de representação das diferenças sociais e raciais em nossa cultura, aprender, como sugere Regina Dalcastagnè (2008), “um pouco do que é ser negro no Brasil”, e do que “significa ser branco em uma sociedade racista” (SCHIMDT in EVARISTO, 2017, p. 132).

As minhas memórias e a de outros atores negros são o balizador de uma escrita que busca trazer para a geografia a perspectiva de que é possível se fazer ciência de uma forma emancipatória, que liberte a criatividade e busque ser verdadeira, não só no sentido factual, mas também nas outras dimensões da verdade. A verdade vivida, sentida, ouvida, vista, sonhada e machucada. Subalternizada diante da ignorância. Essa perspectiva de escrita traça um encontro com uma participação maior do autor na narrativa, sendo uma concepção textual nem pior nem melhor do que a de ninguém, apenas vista do lado de cá.

2.2. Comprei surdo e tamborim.

Minha escola estava tão bonita
Era tudo o que eu queria ver
Em retalhos de cetim
Eu dormi o ano inteiro
E ela jurou desfilar pra mim

Para então compor uma contextualização inicial, é importante dizer também que sou aluno de universidade pública, formado e pós graduando em uma das melhores universidades do Brasil e que teve nos últimos anos acolhido centenas de estudantes negros e negras, que mesmo tendo seu direito garantido a estarem nos bancos acadêmicos, sofrem toda sorte de racismos. Durante aproximadamente 13 anos (2002-2016) vimos o nível acadêmico da população negra, subir a patamares jamais antes alcançados, mesmo que ainda longe do ideal, graças a políticas de luta e enfrentamentos de movimentos sociais e a possibilidade de diálogo com governos eleitos democraticamente e que minimamente olhavam pelas “minorias”.

Prouni, Fies, Reuni, e a criação de universidades federais e campus universitários, institutos federais, a implementação da política de cotas raciais, a Lei 10.639/03 e medidas de mitigação da pobreza e evasão escolar auxiliam a ampliar o acesso dos negros e negras a universidade, mas não resolvem o problema. Os governos do Partido dos Trabalhadores também foram objeto de fortes contestações por parte dos movimentos sociais e estudantes, mas não é possível negar que ao menos existiu mais diálogo e iniciativas.

O racismo estrutural e a necropolítica que estudantes negros e negras nas universidades expõem, sofrem e combatem auxilia muito no entendimento das contradições colonizadoras que regem a mente escravagista das elites brasileiras e de boa parte da classe média. Evidenciamos a partir de nossas escritas tudo aquilo que nossos corpos já sabiam e que bravos e bravas intelectuais negros e negras já vinham expondo há muitos anos. Devemos ser gratos aos que vieram antes e seus legados, pois se hoje ser negro na academia é um desafio, no passado era uma luta grande.

Com a chegada mais proeminente de governos de direita em todas as esferas do poder, na sua maioria homens brancos, ricos, fanáticos religiosos e patrocinados pelo que de mais nefasto existe no sistema capitalista, o Carnaval sofre fortes baques a nível nacional. Nada de novo sobre o sol, mas alguns elementos como as igrejas neopentecostais, o antipetismo e a internet me levam a pensar que no país do samba e futebol, Carnaval é coisa séria e não vem sendo tratado da forma como merece. Esse

fenômeno não é isolado. Temos um “caldeirão” político em efervescência no Brasil e nossa grande festa é a pimenta mais quente.

O Carnaval enquanto manifestação cultural e artística em diferentes âmbitos é um fenômeno muito importante no mundo ocidental. Os festejos que percorrem os meses de Fevereiro e Março em cada ano podem estar ligados às culturas ancestrais que remontam ao antigo Egito. A origem da festa é incerta. Alguns atribuem a mesma aos cultos agrários da Antiguidade, nos quais homens e mulheres mascarados e com os corpos pintados saíam em cortejos (PMPA, 1992, p. 09).

Sendo incorporada em diferentes culturas, em diferentes tempos históricos, a trajetória do Carnaval acompanha de perto a trajetória da população que se constitui na atual sociedade moderna ocidental. Uma sociedade que se reprime, é reprimida, se boicota e é boicotada sistematicamente em diferentes âmbitos, sociais, políticos, econômicos e culturais, e que nos dias de festas, se joga aos prazeres da carne e da alegria. Seria impossível falar de Carnaval e negritude sem olhar para o presente, que tanto nos moldará em um futuro ainda desconhecido. Mas seria ainda mais negligente não levar em consideração que no Brasil, no Rio Grande do Sul e em Porto Alegre, a resistência histórica das populações negras, indígenas, marginalizadas, periféricas e pobres é o que forja nossa cultura e nos dá perspectivas de dias melhores.

A necropolítica, os conflitos territoriais capitalistas, os discursos de ódio, o racismo e machismo estruturais que habitam nosso país, estão mais vivos do que nunca. Cabe ao Carnaval ser ele mesmo, pousar nas ruas das cidades e mesmo diante das piores crises, das maiores tristezas, ser o espírito da contestação, do protesto, mas principalmente o espírito da alegria, “onde a tristeza, nem pode pensar em chegar!”

2.3. Minha escola estava tão bonita.

Mas chegou o carnaval
E ela não desfilou
Eu chorei na avenida, eu chorei
Não pensei que mentia a cabrocha
Que eu tanto amei

Para compor esta dissertação, busco uma ligação com todos os processos que me acompanharam empiricamente nos últimos cinco anos. Uma espécie de recorte temporal pessoal, mas que transpassa as linhas e notas, tons e semitons, ritmos e rufos deste texto. Para chegar ao texto, precisei fazer um resgate de minha negritude, de minha brasilidade, do meu espaço no espaço. Portanto, falar de Carnaval é falar do povo negro e brasileiro, talvez os mais “patriotas”, pois construíram com seu sangue este país

e, juntamente com os indígenas, forjam as bases socioculturais fundamentais de algo que poderia ser uma nação.

Falar de Carnaval é estabelecer um diálogo e uma reflexão sobre o papel do negro nos diferentes espaços que ocupa em uma sociedade que ainda se comporta como se estivéssemos em 1888, ano da abolição do processo de escravatura mais extenso entre os países saqueados pelos europeus. Este resgate passa por um movimento que inicia a partir de 2015, onde busquei novas formas de estudar música, de fazer política e, principalmente, de entender a vida. Minha ligação com o Carnaval sempre foi dúbia, pois filho de família evangélica, esta festa sempre fora vista com maus olhos nos moldes educacionais cristãos. Contudo, nascido e criado no Morro Santana, bairro da periferia de Porto Alegre, localizado no morro mais alto da cidade, meu interesse pela Estação Primeira da Figueira, escola de samba que disputou durante alguns anos o carnaval do grupo especial de P.A, era desde criança, muito grande.

A identidade que a escola dava ao bairro nos dias de carnaval competitivo trazia uma espécie de união comunitária e transformava o feriado de Carnaval em algo muito maior do que “irmos à praia”. As muambas, os ensaios, os jogos de futebol na “sede” da escola, que ainda hoje é um clube de futebol de várzea. Pertencer a uma comunidade ligada por festas e futebol é parte fundamental da vida da população negra nas periferias, muitas vezes.

As muambas reuniam os grupos carnavalescos para concentração em locais específicos como a praça Garibaldi, tradicional ponto de muambas nos anos 30 e 40, ou na *caverna* do grupo, de onde parte a fantasiado ao ritmo de instrumentos musicais e em desfile por diferentes pontos da cidade, executando as marchas e sambas do próprio grupo ou sucessos do Carnaval carioca. As muambas, além de englobar as ruas do território de origem incluíam o centro com seus cafés, bares, e casas de comércio, hotéis e as redações dos jornais (GERMANO, 1999, p.186) .

As muambas até hoje são ponto de encontro da negritude e dos amantes do Carnaval, principalmente o competitivo. Comigo não foi diferente. Carnaval e futebol alimentam os sonhos de qualquer “guri” que se aventure de pés descalços pelos esburacados campos de areia ou aquele que batuca nos baldes e panelas suas primeiras células rítmicas. O Carnaval movimenta o imaginário infantil, faz pensar em pertencer, faz sentir-se parte de algo maior, coletivo, grandioso. O Carnaval eleva a autoestima do povo negro e revela o sagrado dos tambores para a mente infantil que recebe cores, sons e muitas emoções.

Infelizmente, por motivos religiosos e até mesmo pelo preconceito familiar contra o Carnaval, poucas vezes consegui estar da maneira como gostaria na sede da escola.

Mas quando estava, aquele era o espaço onde eu lembro estar mais presente, a bateria, a grande Rainha, era o meu encanto. Mas esta história não teve continuidade. Apenas acompanhar e assistir desfiles pela televisão foram meus momentos carnavalescos durante muitos anos, mesmo assim com um senso de representatividade grande por ver minha escola do bairro na avenida. Meus amigos na Tv, negros e negras, como eu, um sentido de pertencer aquilo, ao cultural do meu lugar, meu bairro.

No entanto, em 2015, após um processo pessoal intenso, fui ao primeiro arrastão de blocos de carnaval de rua desde que havia decidido viver mais a cidade e suas ruas. Era o Arrastão da Turu na Rua João Alfredo, Bairro Cidade Baixa. Um mar vermelho e verde coloria uma das ruas mais boêmias daquele momento, na cidade. Naquele ano, eu estava no último ano da graduação e aquele momento mágico me fez perceber que ali acontecia algo muito maior do que o visível. Como professor de geografia, olhar os espaços, ruas, bairros, pessoas interagindo, faz parte do meu cotidiano. Mas naquele dia, vi o carnaval de rua de P.A. pulsante, grandioso, bonito, negro, acessível e principalmente, independente, desde então, sempre “trago a Turu na lembrança”.

A partir daquele momento, iniciei meu processo de reaproximação ao Carnaval, indo a saídas dos blocos que se encontravam mais próximos ao centro, assim como escolas de samba dessa região e ensaios abertos. Até que em 2016, conheci e entrei para a bateria do meu primeiro bloco, a Ziriguidum Batucada Social (Ziri). Bloco fundado por um dos mesmos fundadores da Turucutá e que me acolheu muito bem, e como diz a música: foi assim que um Guerreiro fez um bloco caminhar.

Num ponto quilombola da cidade
Um encontro de amizade
Virou uma batucada
Bateria Joia Rara
Experiência de Garra
Persistência desse admirar
Foi assim que um guerreiro
Fez um bloco caminhar
(Maurício Dorneles e Pâmela Amaro:,
Turucutá, Batucada Nobre e Coletiva)

Considero o primeiro arrastão que vivi da Turu como a minha primeira saída de campo deste trabalho. Isso porque foi onde vi uma potência gigantesca no carnaval de rua e foi o que me motivou a adentrar de cabeça nesse mundo de sonhos e fantasias, onde logo eu iria descobrir muita luta. Todavia, a Ziri me possibilitou algumas vivências muito interessantes do ponto de vista geográfico e principalmente territorial.

Comecei a ensaiar no Largo Zumbi dos Palmares, localizado na Cidade Baixa, ao lado do Bairro Centro. Comecei a observar que a Polícia Militar (P.M) ou Guarda

Municipal (G.M) aparecia exatamente às 22h no Largo. De forma geralmente tranquila perguntavam a que horas ia acabar ou se já havia acabado o ensaio. Os ensaios sempre terminavam pontualmente às 22h e aconteciam às segundas-feiras em um espaço amplo, mas, principalmente, um território da negritude. As primeiras contradições espaciais me faziam sentir que estava em um espaço de disputas, um território.

Conhecido como Largo da Epatur até 2002, devido à presença da sede da antiga Empresa Portoalegrense de Turismo (EPATUR), foi com o esforço dos diversos movimentos negros da cidade que lutam pela valorização da memória e do espaço da população afrogaúcha em Porto Alegre que em 2002 o espaço recebeu o nome oficialmente, por meio da Lei 9035/02, de Largo Zumbi dos Palmares, em homenagem ao herói abolicionista e também devido à histórica presença negra no bairro (Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2020/10/largo-zumbi-dos-palmares-uma-historia-de-resistencia/>).

O antigo “Largo da Epatur” havia recebido grande homenagem do movimento negro, mas apenas feiras de hortifrúti e a Semana da Consciência Negra podem acontecer ali. Este espaço foi o ponto inicial deste trabalho, foi o que me despertou as maiores perguntas sobre o que seria segregação espacial, onde a cultura teria espaço no urbano e, principalmente, quais eram os territórios do Carnaval na capital do “gaúchos”?

Com o passar dos anos e das vivências que tive, vim percebendo também o quão negros estes territórios são ou deveriam ser. As vivências de Carnaval são marcantes e trazem consigo muito do que entendo como “encanto da rua”. Este encanto é marcado pela ancestralidade, latente em todos os cantos, encruzilhadas (!), bares, esquinas, viadutos, praças, calçadas, becos e vielas. O espaço geográfico urbano cru e nu, com toda sua potência e força, em uma manifestação de liberdade dos corpos, da alegria e do festejar, como diria Simas (2017):

As festas — penso especialmente nos furdunços de rua — nadam contra esta corrente. Elas legitimam-se muitas vezes como terreiros de produção de conhecimentos não normativos, viabilizando modos de vida e estratégias de sobrevivência surpreendentes.

O carnaval de rua, o início, onde tudo é questionado, onde os padrões são quebrados, restabelecidos e quebrados novamente em minutos, a variar de toda a sorte de músicas, sorrisos, olhares, cheiros, emoções, sabores, tristezas e glórias. A rua e o Carnaval são, possivelmente, uma manifestação geográfica ímpar na variedade de conceitos, objetos, conflitos, vivências e territorialidades.

Nos cortejos, oficinas, ensaios, nas escolas de samba, nas comunidades, a rua é sempre potente. É onde estabelecemos relações sociais amplas e questionadoras, onde o espaço e movimento se mesclam em diferentes sintonias caóticas em uma primeira visão, mas extremamente sincrônicas para quem consegue olhá-la com profundidade. O

Carnaval é o caminho, é a liberdade de ir e vir sem medo de ser feliz, na alegria de estar presente, extravasar e esquecer tudo que nos oprime durante o ano. O carnaval de rua transpira humanidade, onde nós somos corpos compartilhando nossas peles.

3. DIGA ESPELHO MEU

Esta Pesquisa tem início a partir de uma das mais significativas perguntas que uma pessoa pode fazer enquanto sujeito negro, feita por Milton Santos: O que é ser negro no Brasil? Ou como o mesmo questiona: O que é ser um cidadão? O que é ser um indivíduo completo, um indivíduo forte? O que é ser classe média? Ser classe média é ser cidadão? O que é ser cidadão neste País? E finalmente, os negros neste País são cidadãos? (SANTOS, 1997, p. 133).

Todas as perguntas muito pertinentes ao atual contexto brasileiro e de sua população negra. Nem todas poderiam ser respondidas aqui, mas ser negro no país do Carnaval é uma trajetória de vida difícil e extremamente complexa. A depender de localização geográfica, estado, município, bairros e principalmente periferias. Ser negro pode ser um processo de descoberta desta negritude, pode ser um processo de dor causado pelo racismo cotidiano, pelo racismo institucional, pelo racismo estrutural.

Mas para iniciar esta análise é importante ressaltar a origem e o continente de onde nós fomos sequestrados. África é o berço, não só da humanidade, mas de uma diáspora traçada pela pólvora e pela política colonial. Milhões de negros e negras foram sequestrados de África e auxiliaram a construir este país, fazendo o pior trabalho, o mais difícil, o mais importante para o sistema e após 300 anos foram abandonados à própria sorte. Como aponta Andreilino Campos (2010, p.63), os reflexos do racismo chegam ao campo geográfico como a produção de espaços criminalizados.

Os grupos dominantes, historicamente, produziram o inusitado: a “estigmatização do espaço” apropriado pelas classes trabalhadoras. Em outras palavras, o favelado é considerado classe perigosa atualmente por representar o diferente, ou, no que se refere à ocupação do espaço urbano.

A partir dessas perguntas, iniciam as análises de respostas dos entrevistados, dialogando com os referenciais teóricos e metodológicos, tendo em vista que as escritas protagonistas são as vividas pelos entrevistados, partindo do já explicitado histórico racial Brasileiro. A partir daqui metodologias e referenciais teóricos trabalharão juntos para a construção do argumento da dissertação. A escolha por não ter um capítulo específico de metodologia e referencial teórico é uma opção de escrita e até mesmo metodológica, tendo em vista que a composição do texto segue um fluxo que não necessariamente se enquadra nos aspectos mais estabelecidos de uma construção textual acadêmica.

3.1. O que é ser negro/negra no Brasil?

Essa criminalização do espaço é mais uma faceta das estruturas raciais que colocam o negro como subalterno diante de sua existência. Dialogando com uma gama de possibilidades de ser negro no Brasil e com nossa origem comum, é possível traçar paralelos com o entrevistado, onde ao responder essa pergunta afirma que:

É uma experiência que talvez as palavras não deem conta de explicitar. Existem múltiplas possibilidades de existir enquanto pessoa negra, e cabe a cada indivíduo forjar seu próprio arquétipo existencial; particularmente, enxergo um traço comum, um mesmo ponto de partida. Esse ponto de partida está em África.

Partindo deste continente que outrora soberano e culturalmente riquíssimo, entendemos que o processo colonial influenciou o Brasil não só em situações históricas, mas imprime nossa cultura e existência. Os diferentes povos, reinos e países africanos que tiveram suas populações escravizadas e subalternizadas ao longo dos processos coloniais até a chamada Pós-modernidade nos atravessam como espadas, ainda e cotidianamente. Somos muitas vezes ainda tirados de nossa negritude por outros, brancos que se entendem como superiores.

Sofrer racismo nem sempre foi como é atualmente e algumas mudanças são extremamente recentes, principalmente no que tange políticas públicas e ações afirmativas para reparação histórica dos povos negros. No Brasil, construído por negros e negras, ser negro ainda é uma questão que o próprio negro pode e deve se apropriar mais. Isso pois, como diz a entrevistada, ser negro ou negra no Brasil

Não é fácil, principalmente porque na minha infância e adolescência esse tema não era muito debatido. O acesso à informação que temos hoje não possuíamos antigamente. Então, quando sofria racismo/discriminação por causa da cor da pele, não sabia como agir, não entendia muito bem, diferente de hoje. O negro já nasce em desvantagem independente das condições e independente do lugar, e para lidar com isso e enfrentar os problemas decorrentes disso é fundamental falar sobre racismo e sua origem, conhecer a verdadeira história.

O debate sobre racismo no Brasil possui alguns “pudores” ligeiramente interessantes de serem pensados. Nossa negritude é diminuída, principalmente enquanto negros claros, ou “café com leite”, “chocolate”, “sarárá”, “moreno/a”, dentre tantas outras expressões que dão ênfase a um contexto extremamente racializado que existe no Brasil. O cotidiano racial no Brasil é fator de grande porte na discussão que perpassa as diferentes territorialidades negras. A desvantagem apontada pela entrevistada 2 demonstra a realidade de um povo que sendo pardo, negro retinto ou qualquer outra “especificação” racial, seja oficial ou em termos do cotidiano, sofre racismo, sofre

repressão e é assassinado. Como diria Milton Santos, são cidadanias mutiladas sistematicamente.

Poderíamos traçar a lista das cidadanias mutiladas neste país. cidadania mutilada no trabalho através das oportunidades de ingresso negadas. Cidadania mutilada na remuneração, melhor para uns do que para outros. Cidadania mutilada nas oportunidades de promoção. Cidadania mutilada também na localização dos homens, na sua moradia. Cidadania mutilada na circulação. Esse famoso direito de ir e vir que alguns nem imaginam existir, mas que na realidade é tolhido para uma parte significativa da população (SANTOS, 1997, p.134).

Essa é nossa desvantagem e por isso é necessário colocar negros e negras no protagonismo destas escritas. E conhecer nossa verdadeira história. Uma história que foi deturpada por um veneno que corrompe a humanidade, tanto dos que são quanto dos que sofrem, esse veneno é o racismo que constitui as narrativas históricas, mutilando a cidadania, a humanidade de negros e negras. Uma história que coloca o negro como um sujeito ausente da construção social e econômica. Não que a figura do escravizado não estivesse explícita, mas está associada a indolência, vagabundagem, inferioridade intelectual e comportamental. Um sujeito animalesco criado para fomentar o domínio de um outro, a partir de pressupostos ocidentais traçados na religião, economia e guerra.

Para o Brasil oficial, exaltado em parte das narrativas historiográficas, e das pessoas brancas que estão nas instituições públicas e regulam a economia e a política, ser negro ainda é ser alvo ou simplesmente não quase ser nada, além de um sujeito zoomorfizado, como define o Professor Renato Nogueira. Mas, falando de um lugar de quem teve/têm oportunidades, e ainda sim, ser considerado alvo, reconhecer esses processos de opressões e racismos, ter a possibilidade de se contrapor a essa narrativa e mentalidade colonizada e re-existir, projetando um outro projeto de humanidade que não este que está posto, através do reconhecimento e práticas pertencentes à minha ancestralidade.

O negro no Brasil nasce na resistência. Os piores hospitais, as piores moradias, as piores escolas, as piores oportunidades de emprego. Esta constatação se dá quando da violência contra a população negra no Brasil nos apontam para um terror cotidiano focado na violência. 75,5% das pessoas assassinadas em 2017 eram negras.

Por sua vez, a ideologia do racismo afeta a prevalência de homicídios de negros, possivelmente, por dois canais. Indiretamente, a discriminação pela cor da pele pode afetar a demanda por trabalho de negros para postos mais qualificados, ou bloquear oportunidades de crescimento profissional. Pelo lado da oferta de trabalho, o racismo cria determinados estereótipos negativos que afetam a identidade e a autoestima das crianças e jovens negros, conforme discutido por Silvério (2002). Em última instância, o racismo reforçou, ao longo do tempo, o baixo status socioeconômico daquelas populações que foram largadas à sua própria sorte após a abolição, com baixa dotação de capital humano (IPEA, 2013, p.5) .

Muitas vezes estamos buscando existir, apenas, mas a violência e o abandono nos fazem ter que re-existir diariamente. A mãe que não sabe se seu filho volta para casa, o filho que tem geralmente só a mãe em casa, drogas, alcoolismo, tragédias do cotidiano. Os que têm que trabalhar cedo para cuidar do lar e auxiliar com as contas, os que procuram no “corre” a solução para os problemas. No Brasil a resistência é diária quando:

Em 2017, 75,5% das vítimas de homicídios foram indivíduos negros (definidos aqui como a soma de indivíduos pretos ou pardos, segundo a classificação do IBGE, utilizada também pelo SIM), sendo que a taxa de homicídios por 100 mil negros foi de 43,1, ao passo que a taxa de não negros (brancos, amarelos e indígenas) foi de 16,0. Ou seja, proporcionalmente às respectivas populações, para cada indivíduo não negro que sofreu homicídio em 2017, aproximadamente, 2,7 negros foram mortos (IPEA, 2019).

Se não re-existíssemos, quantos seriam? Quantas Marieles, Andersons, Claudias, crianças, adultos, homens, mulheres, negros e negras de todos os gêneros nas bases das pirâmides sociais são silenciados por dia? Os dados são números frios que não dão conta da dor de uma população que, como diria Mano Brown: já tem que fazer duas vezes mais. Como Aponta Silvio Almeida (2018, p.19), o racismo no Brasil pode ser apontado como um processo político e histórico onde

Por trás da raça sempre a contingência, conflito, poder de decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas.

Os processos políticos e históricos apontados trazem à tona a discussão de quanto estruturalmente estamos moldados pelo racismo e quão importante é re-existir. Em um território forjado pela violência escravocrata e colonial, o negro atua como um ator de resistência social e política desde que o primeiro navio negreiro de tráfico humano aportou por estas bandas.

No meu ponto de vista, ser negro no Brasil é sinônimo de luta, é aprender a não se oprimir ou se sentir diminuído, a ocupar espaços em uma sociedade que é estruturada tendo os negros como base da pirâmide social e que quer nos fazer sentir menos.

A partir da construção histórica do negro no Brasil, aprendemos cedo que somos menos do que realmente somos. Aprendemos cedo que por nossa cor seremos mais testados, mais cobrados, menos ouvidos e considerados e que nem sempre essas consequências da estrutura racista serão perceptíveis apenas aos olhos de quem vê. Sofrer racismo e resistir a ele são partes importantes do cotidiano, nas abordagens policiais, nos tribunais, nas empresas, nos quartos de empregadas domésticas, nos

uniformes de babás, nas portarias de prédio, nas cadeias lotadas de negros e neras. É papel dos que possuem algum privilégio denunciar que sofremos e que ainda em 2022 somos subalternizados como em 1887.

A questão do negro também deve ser tratada de maneira digna. A produção de um novo discurso poderá permitir um novo plano de debate, e essa é a tarefa essencial dos movimentos negros. Isto supõe a tolerância com as práticas plurais. É evidente que o movimento negro tem de ser plural, porque deveria ser uno? É a pluralidade que faz sua riqueza e sua força (SANTOS, 1997, p.141).

Em uma escala mais próxima, temos o Estado do Rio Grande do Sul, com sua ópera ficcional de colonização européia, principalmente italiana e germânica, que não passa pelos pensamentos de que na realidade quem construiu este estado, desde o início, foram os negros. Um estado que mesmo tendo em sua base a pluralidade descrita por Milton, não respeita nem os que aqui já estavam, nem os que o construíram com seu trabalho escravizado.

Neste contexto, desde o período colonial até os dias atuais, os “gaúchos” são considerados um povo “nobre”, um estado “europeizado”, com representantes loiras, brancas e que não é conhecido por sua negritude e cultura Afro. Sim, aqui também somos silenciados por diferentes motores do racismo estrutural, quem sabe até mais do que em estados onde a presença negra faz parte do imaginário popular.

É ser ambivalente, especialmente no RS, onde “não existe” uma cultura mainstream negra gaúcha. O negro gaúcho seria visto só no carnaval, importando uma cultura de outros estados, fato não verdadeiro. Por várias vezes não sinto nenhuma conexão com o gaúcho típico, mas ao mesmo tempo não fico sem tomar chimarrão e me emociono ao ouvir uma música gauchesca do Cesar Passarinho ou Mauro Moraes.

A arte do Rio grande do Sul não está associada ao negro, não está associada à África, muito menos ao samba. Somos o “berço da revolução farroupilha” que nada mais foi do que a demonstração da falta de escrúpulos das elites oligárquicas do Estado que mandaram para a morte os Lanceiros Negros e que sem a menor dificuldade, terminou de matar os que haviam sobrados de forma covarde e suja. Os rio-grandenses que não são “Gaúchos”. Basta viajar pelo Brasil e perceber a intriga no olhar dos habitantes dos outros estados quando um negro ou negra se identifica como gaúcho.

Não temos espaço na televisão, nos concursos de beleza, na mídia, na história. O quadro de Aldo Locateli no palácio Piratini (sede do governo do RS) é para mim, o marco da segregação racial simbólica e estrutural que atravessa nosso povo negro no Estado do Rio Grande do Sul. Ali, indígenas, imigrantes de todas as nacionalidades que chegaram ao Estado celebram nossa falsa diversidade. No entanto, a ausência negra

marca também que ainda temos muito que resistir em um estado marcado pelo racismo e pela oligarquia branca que nos açoita ainda em todas as passeatas no Parcão (parque de Porto Alegre situado em uma região de classe média alta, também conhecido por sediar eventos da extrema direita). Assim,

Ser negra no Brasil é resistir e sobreviver todos os dias.

Ser negro no Brasil pode significar muitas coisas, mas infelizmente a principal é que em algum momento, seja qual o tom de negritude que queiram nos impor, iremos nos encontrar face a face com o racismo. Ser negro no Brasil significa lutar diariamente contra grandes fantasmas que se traduzem em segregação racial que são muitas e extremamente estruturais.

Por ser um processo estrutural, o racismo é também um processo histórico. Desse modo, não se pode compreender o racismo apenas como derivação automática dos sistemas econômico e político. A especificidade da dinâmica estrutural do racismo está ligada às peculiaridades de cada formação social (ALMEIDA, 2018, p. 42).

Ser negro é ter seus direitos básicos violados sistematicamente, sem acesso à saúde, educação, cultura e habitação, sendo não raras as vezes que o que sobra é o produto mais drástico do processo colonial: a violência pautada em diferentes aspectos, da Polícia ao tráfico de drogas, do desemprego ou subemprego, das estigmatizações, dentre outros problemas que fazem da população negra um alvo fácil do necropoder que há centenas de anos assola as populações sequestradas de África.

Contudo, ser negro no Brasil também significa aprender a viver diariamente com as diversidades e fazer delas motivo de alegria, festa, religiosidade e esperança. A população negra no nosso país vive a vida em sua mais pura força, pois não nos resta outro caminho que ser duas vezes melhor para conseguir, quem sabe, ser aceito como cidadão, ou como diria a música do Bloco da Laje: cidadão contemporâneo, não tá fácil pra ninguém!

Resistir e sobreviver são nossas alternativas, são nossa única maneira de existir, na maioria dos casos. Todos os dias a luta, o olhar no mercado, a segurança de um shopping, a Polícia na rua, as “abordagens de segurança” que sempre possuem um porém, a cor da pele pode determinar se você sairá dela vivo. Como diria Marcelo D2:

Então, pensa
Dois moleques ali sentados
Tramando contra o mundo e fumando um baseado
Falar de quê? Lutar contra quem?
Chegar com pé na porta e não dar mole pra ninguém

Imagina só o fim da repressão
Você falar de maconha e de liberdade de expressão

De um lado o bandido
De outro a polícia
Agora já era, tá na mão da milícia

Ser negro no Brasil, na pós-modernidade, pode ser visto como um sinal de coragem. Coragem de amar a vida, pois os paradigmas patriarcais, capitalistas e racistas que ainda se disseminam como um câncer, devem e podem ser alterados. “Dois moleques ali sentados” se questionam sobre a vida, sobre seu poder, sobre as possibilidades, e quais são os horizontes possíveis? Sonhamos com o fim da repressão policial, com a desmilitarização das forças policiais, pelo fortalecimento de cotas raciais como um pressuposto inquestionável para que haja justiça social e reparação histórica, não só no Brasil, mas em todos os países e territórios saqueados, queimados, destruídos e colonizados que até hoje determinam quem morre ou não na mão da polícia ou da milícia.

Seriam duas faces da mesma moeda? Polícia/milícia, guerra antidrogas/ encarceramento e genocídio da população negra, sejam estudantes, traficantes, crianças, mães ou pais de família, ou até mesmo policiais, Todos nós estamos ou de um lado ou de outro, nas cordas bambas coloniais que o racismo estrutural nos impõe. Assim, ser negro no Brasil é um ato de dignidade, diante de tudo que nos foi tirado. Para isso é necessária a luta por igualdade.

É resistência e batalha diárias num processo de tomada de espaço que é essencialmente nosso (juntamente com povos indígenas) e que de maneira sórdida e estratégica nos é surrupiado.

Esta luta não somente se faz no senado, nas câmaras, nos palácios *démodés*, intimamente coligados com o pior da política. As lutas do movimentos negros no Brasil é tão antiga quanto nossa saída de África. Sempre lutamos, sempre juntos, separados geograficamente, etnicamente, mas o quilombo é território negro. Território político e de resistência. Negros e negras sempre fizeram política, sempre celebraram seus deuses e mesmo sobre forte repressão, sempre conseguiram fazer Carnaval.

Ser negro é lutar para ser valorizado no país, é lutar para derrubar todo o racismo e preconceito construídos em todos esses anos no Brasil. Buscar igualdade e valorização. É lutar pela vida uma vez que a sociedade nos vê como o bandido.

3.2. Carnaval e política ocupam o mesmo espaço.

Fazer Carnaval, samba, batuques, festas religiosas, é resistência na busca por valorizar, manter e ampliar nossa cultura, muito singular, formada por diferentes matrizes de África, somadas a uma festa de origem colonizadora que foi e é uma das maiores

ferramentas de luta de nosso povo. A luta pelo Carnaval é uma das várias lutas sociais, territoriais e políticas que negros e negras travam no Brasil há 500 anos.

Aqui, Carnaval e política se unem. Ao ser perguntado se Carnaval e política podem ocupar o mesmo espaço, as respostas foram unânimes. Sim. O Carnaval é um ato político. Essa afirmação é traçada em diferentes sentidos, mas que podem convergir sistematicamente com as relações sociais estabelecidas no Brasil, sejam de classe, raça, gênero ou qualquer outra que atravesse o tecido social.

Em certa instância o carnaval também é política. Estamos falando de uma expressão extremamente complexa e repleta de diferentes atravessamentos. Há uma disputa acerca de como e se essa expressão pode ser exercida de forma livre. Hoje há uma série de mecanismos de regulação que tentam controlar essa manifestação.

O Carnaval é política quando é agenda de debates públicos em diferentes esferas dos setores da cultura, economia, planejamento e legislativo, dentre outros espaços políticos institucionalizados. No entanto, o Carnaval também é política quando ocupa os seus espaços, seus territórios, suas ruas e bairros. Carnaval é política quando traz na letra do samba algo como diz o samba da mangueira:

Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Não veio do céu como um presente da branquitude colonial e sem um alto preço de sangue e vidas essa falsa liberdade dada como inquestionável pela Princesa Isabel. O samba nos conta que Francisco José do Nascimento é um verdadeiro herói do povo negro ao ser um símbolo da resistência no Ceará, primeiro estado a abolir a escravidão. Essa era a política necessária e sempre estivemos no “front” político pela liberdade do cativo.

Assim, recontando a história do Brasil, o Carnaval desponta como um agente ator político de peso, tendo em vista não somente seu impacto comunitário e sócio espacial, mas, inicialmente, analisando pelo ponto de vista de um impacto cultural de difusão da luta do povo negro. Assim:

Podem, sim. Num país que historicamente foi forjado nas mais variadas violações dos corpos que não fossem de homens brancos heterossexuais e cristãos, toda e qualquer manifestação cultural é política, e eles sempre souberam disso. Desde os tempos coloniais as manifestações públicas oriundas das pessoas subalternizadas são reprimidas no Brasil e se intensificaram nos séculos XIX e início do XX. Logo, o carnaval por si só é um ato político, e o tom ou a sutileza da sua manifestação vai depender de cada organização e quem não gosta da crítica provavelmente vai vestir a carapuça.

Essa carapuça citada pelo entrevistado pode ser vista também como um reflexo colonial onde uma elite complexa, que não se baseia apenas em poder econômico, mas também em um poder simbólico sobre os corpos negros, principalmente no que diz respeito aos seus direitos básicos, garantidos na constituição federal, em leis anti-discriminação e antirracismo. O Carnaval apresenta uma resistência genuína ao status dominante das elites brancas, desloca a sociedade para pensar outras possibilidades de relação com os corpos, com os espaços e com a sociedade.

Contudo, o patriarcado colonial que ainda domina boa parte do cenário político e econômico no país resiste em se reorientar em busca de uma sociedade com menos privilégios para estes e mais equidade em relação à justiça social jamais alcançada desde a fundação deste território em “nação”. Uma nação que foi construída com suor e sangue negro, mas que tem nos altos escalões de sua representação homens brancos, cristãos, cidadãos “de bem”, mas que em se utilizando dos seus privilégios não permitem a participação total de todos os cidadãos e cidadãs nas decisões, elaboração de leis, no poder judiciário, nos espaços de poder econômico e principalmente políticos.

Em uma perspectiva pós-colonial, cultura é uma manifestação política, Carnaval é uma manifestação cultural política e adentra todos os níveis de contestação do status colonizador que baseia o pensamento do hétero patriarcado. Prova disso são os relatos dos antigos carnavais, que sempre de alguma forma foram reprimidos e subalternizados dentro de lógicas coloniais, que amarram corpos, hoje de descendentes de escravizados, outrora dos próprios negros cativos. Percebe-se assim como a cultura é fator crucial na produção e reprodução do espaço, articulando-se às expressões do local e do global, bem como aspectos de mito e memória possíveis de imprimir à constituição dos grupos sociais e dos indivíduos (AZEVEDO, 2006, p.33).

A relação dos carnavais com a política e cultura se estabelece de forma muito contraditória na contemporaneidade. As parcerias entre atores carnavalescos e agentes públicos e privados vem acompanhada de muitas polêmicas e, geralmente, poucos investimentos e cooperação por parte do poder público. Quando não reprimido diretamente, a festa sofre com boicotes, falta de verbas, projetos e por ser uma manifestação de populações mais pobres, muitas vezes não é reconhecida como um evento cultural fundante da sociedade e sim como um elemento a ser extirpado, juntamente com as religiões de matriz africana e quiçá até mesmo com a população negra.

No final do século XIX ocorre a abolição da escravatura (1888) e, no ano seguinte, a proclamação da República (1889). Esses eventos geram uma ruptura na organização do espaço urbano, pois provocam uma reorganização política e social, que incide também no espaço. Neste momento de transição, tem início uma política de modernização do espaço central, com a modernização dos serviços básicos (água, esgotos, transportes e iluminação). Esta política de modernização do núcleo urbano principal, o Centro, é uma espécie de arrumação da “sala de visitas”, forma como os políticos se referiam aquele espaço à época (BAKOS, 1994, in MACHADO, 1999, p. 163).

Acho que devem ocupar o mesmo espaço. Carnaval é cultura e deve receber investimentos dos entes governamentais, não só para a realização da festa, mas acho que os espaços das escolas poderiam ser utilizados também para a realização de políticas sociais, através de parcerias com a prefeitura.

O espaço geográfico é um elemento que possui diferentes manifestações, interpretações e teorias ao longo dos anos. Em uma discussão epistemológica este se encontra em um campo de disputas importante para a geografia acadêmica, mas também nas práticas que regem as interações dos humanos com seus meios. Podendo ser visto como território, lugar, paisagem, meio ambiente, dentre outros conceitos este espaço físico, mas também simbólico cheio de nuances e subjetividades, flui com sua forma e conteúdo, interesses, utilizações e apropriações. O investimento no Carnaval, citado pelo entrevistado, e a realização de políticas sociais que visem a emancipação cultural dos atores carnavalescos é fator importante na construção de espaços geográficos que levem em conta alteridades que no processo histórico brasileiro foram negligenciadas.

O espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem uma tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos, são igualmente elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam a prática social. A práxis, ingrediente fundamental da transformação da natureza humana, é um dado sócio-econômico, mas é também tributária dos imperativos espaciais (SANTOS, 1982, p. 18)

As escolas de samba como berços de Carnaval, casas sagradas onde os toques e sambas são criados, tocados e vividos são espaços ricos em significado para seus carnavalescos. A escola de samba, de certa maneira, compõe um panteão religioso como acento de orixás e sacralizado como um Lugar de representatividade, identidade e pertencimento de parte da população brasileira.

Estes Lugares muitas vezes sofrem forte repressão de vizinhos, da polícia, mas principalmente do poder público que não os percebe como fonte geradora de cultura, de saber, de alegria, de confraternização, de ensino, de aprendizagem e de renda. De acordo com o Governo Federal, o Carnaval principalmente no mês de fevereiro, segundo

estimativas da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), deve movimentar R\$ 8 bilhões na economia do País em 2020. O valor representa um aumento de R\$ 80 milhões em relação ao ano passado (disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/viagens-e-turismo/2020/02/carnaval-deve-movimentar-r-8-bilhoes-em-2020-preve-setor-do-turismo>).

Este valor a nível nacional é um importante dado que coloca esta festa como um dos eventos não somente culturais mais importantes do país, mas também economicamente muito forte para a população que o circunda. Os Agentes públicos, reguladores, gestores e burocratas na maior parte das vezes estão deslocados de muitas realidades sócio espaciais que compõem as relações entre Carnaval e comunidade.

Isso se dá em parte pelo distanciamento em diversos níveis destes gestores de diferentes realidades existentes em comunidades, favelas, bairros afastados dos centros, quilombos e outros espaços onde o Carnaval é celebrado. As leis que colocam o Carnaval enquanto um patrimônio cultural não são o suficiente para que haja um real interesse do poder público em dialogar com o povo carnavalesco visando estabelecer uma festa democrática, amplamente acessível a todos e todas e sim muitas vezes acabam por restringir práticas carnavalescas como ensaios, ou perseguir espaços de samba como bares, escolas de samba, e outros que possuem na sua identidade a negritude como prisma.

O carnaval e a política devem ocupar o mesmo espaço, pois carnaval é direito a cultura e precisa ser tratado e respeitado como tal. Além disso, o carnaval alimenta a economia que traz benefícios à cidade.
--

O direito à cidade, como parte essencial da dignidade humana nos centros urbanos é amplamente desrespeitado, tendo em vista que artistas de diferentes áreas da cultura também não possuem grandes apoios institucionais e necessitam muitas vezes ocupar espaços públicos para garantir seu sustento a partir de sua arte, mas que encontram forte repressão dos agentes públicos.

Nesse contexto, em que a necessidade de intervenção popular passa a ser percebida pelo poder público e reivindicada por seus cidadãos, o conteúdo do direito à cidade passa a incluir acesso a direitos difusos e sociais. No exemplo brasileiro, esses direitos foram especialmente destacados a partir da Constituição Federal de 1988, como nos casos de meio ambiente, educação, saúde, assistência social e também moradia (SIQUEIRA E VASQUES, 2015,p.139) .

Não obstante o Carnaval seja em qual manifestação além de um importante motor econômico é um direito para os habitantes que festejam sua tradição. Movimentando

milhões de reais por ano em alguns lugares esta festa gera empregos em diferentes escalas, de maneira direta e indireta, trazendo renda para milhares de famílias Brasil a fora e mesmo marginalizada enquanto cultura em alguns centros urbanos como Porto Alegre faz com que do ambulante ao artista plástico do barracão, dos ritmistas e passistas aos patrocinadores, toda uma cadeia produtiva seja estabelecida e orientada por valores culturais e ancestrais. A política e a economia no Carnaval fazem parte da sociedade brasileira como agentes formadores de aspectos sociais intimamente ligados ao ser brasileiro, negro e comunitário.

Podem, devem e sempre ocuparam. Porque quem faz política e carnaval é o ser humano, um “animal político” no conceito de Aristóteles.

Para Aristóteles ser humano é um animal político tendo em vista que este necessita de outros, necessita de uma comunidade, necessita ser social, gerando seus valores a partir de referências culturais e geográficas onde, este animal vive em seu meio e é influenciado pelo mesmo. Em um contexto de segregação espacial e racial estes humanos são constantemente “desumanizados” e retirados de seu lugar de dignidade cidadã.

A segregação - característica fundamental da produção do espaço urbano contemporâneo - em seus fundamentos, é um negativo da cidade e da vida urbana. Seu pressuposto é a compreensão da produção do espaço urbano como condição, meio e produto da reprodução social - portanto um produto histórico e de conteúdo social (CARLOS, 2013, p.97).

A segregação é um importante conceito no que diz respeito às práticas urbanas que corroboram para uma sociedade excludente e que marginaliza os mais pobres, sendo um dos aspectos mais latentes nas grandes urbes brasileiras. Este produto histórico, na perspectiva de uma segregação espacial racializada é latente desde 1888, tendo em vista a marginalização dos ex-escravizados.

A produção da Metrópole em sua monumentalidade, evidencia-se como espaço de constrangimentos, interditos, regras e normas. No plano da prática sócio-espacial ela é vivida como estranhamento, revelando a pobreza do mundo humano, na medida em que sua produção como valor de troca orienta e define todos os momentos da vida, privando o indivíduo de seu conteúdo social (CARLOS, 2013, p.97).

As regras e normas as quais a autora se refere, são subsídios para o entendimento também das relações da cidade com seus Carnavais, tendo em vista que este é um valor que não está apenas alicerçado em uma lógica econômica. Está no âmbito do social, no espaço e também na política.

Sim. Devem. Tudo é política e carnaval é resistência no Brasil desde sempre. Como diz Luiz Antônio Simas a festa do carnaval no Brasil agudiza questões sociais que marcam a cidade...e

que precisam ser consideradas.

Estas questões trazidas pelo entrevistado e citadas com Carlos e Simas, são de muitas ordens, com destaque para a desapropriação do negro no espaço urbano de suas formas de habitar, de existir, tendo em vista que a maior parte da população negra é periférica e quando chega ao centro para fazer a farra gera extremo desconforto na sociedade branca e elitista.

Carnaval e política ocupam o mesmo espaço, penso eu. Porque carnaval é uma forma de fazer política.

Carnaval e política são fenômenos sociais simbióticos, tanto no sentido biológico da palavra quanto simbólico. Isso, pois, quando o Carnaval acontece, ele sempre proporciona reflexões políticas, seja em questões raciais, culturais, religiosas e econômicas. A política está para o Carnaval assim como o Carnaval está para a política associados em um país que grita por igualdade e que tem nessa festa sua grande representatividade comunitária e social.

Ele possui uma dimensão política, por ser elaborado dentro de contextos em que diferentes indivíduos são postos em relação e em constante negociação, apesar da sua formação um suposto interesse em comum. E estas ações e retóricas são orientadas dentro de um *campo de possibilidades*, onde se possui um repertório de escolhas e alternativas circunscritas e delimitadas a um contexto cultural e histórico, que admitem a possibilidade de crises, conflitos e dramas sociais (DUARTE, 2011, p.43).

Estas crises e conflitos, segregação e racismo, encontram-se em um palco, onde muito mais elementos traz o Carnaval. O território é uma manifestação do espaço que está entrelaçado com os batuques de fevereiro. Dentro deste campo de possibilidades ao qual se refere Duarte, o território também se faz presente, assim como as diferentes possibilidades de territorialidades.

Certamente que sim, o carnaval é uma forma de expressão onde as visões políticas se evidenciam. Pular o carnaval não é só diversão, é uma forma de produzir seu próprio espaço de cultura, é uma forma de construir percepções de territorialidade e ser ativo na construção do território.

Para entender o território e suas territorialidades, faz-se necessário distinguir que este território conceitual é uma manifestação que ocorre dentro do espaço geográfico. O espaço já existente dá lugar a possibilidade da formação territorial. É nesse espaço

territorial onde as interações políticas, conflituosas e de resistência acontecem entre os diferentes atores que o compõem.

Raffestin nos chama atenção para a necessária distinção entre os termos espaço e território, pois os mesmos não são equivalentes, embora por vezes sejam usados como tal (2011, p. 128). O espaço é aquilo que antecede o território; é o campo de possibilidades sobre o qual um ou mais atores projetarão as suas intencionalidades, constituindo um programa – projeto, ação, que se caracteriza por um conjunto de intenções a serem desenvolvidas. Um projeto pressupõe objetivos a serem alcançados, os quais requerem a realização de ações para a sua concretização. É neste sentido que o autor pontua que o território se forma a partir do espaço, sendo o resultado de uma ação conduzida por um ator que realiza um programa composto por um conjunto de objetivos que pode ocorrer em qualquer nível (idem) (MACHADO, 2017, p.34) .

Este território que nasce no espaço geográfico é palco de relações onde existem diferentes necessidades espaciais dos atores e agentes políticos e sociais que se configuram em materialidade no espaço. No caso desta análise, o espaço onde se configuram os territórios é o espaço urbano, recheado de contradições e rugosidades. Essas rugosidades estão relacionadas a conflitos e tensões que se colocam em virtude de diferentes necessidades sociais nos espaços onde cultura, economia e outros elementos da composição humana no espaço possuem dominações ou apropriações, podendo ser materiais ou simbólicas.

Podemos então afirmar que o território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, "desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais 'concreta' e 'funcional' à apropriação mais subjetiva e/ou "cultural-simbólica" (HAESBAERT, 2004 p.21).

Assim, podemos pensar que o Carnaval, ao se manifestar no território, alcança outro nível de territorialidades. Por ser uma manifestação cultural, ancestral, histórica e que age no espaço no presente, o Carnaval atravessa as temporalidades, gerando o que Haesbaert denomina de espaço-tempo vivido.

[...] é interessante observar que, enquanto "espaço-tempo vivido", o território é sempre múltiplo, "diverso e complexo", ao contrário do território "unifuncional" proposto e reproduzido pela lógica capitalista hegemônica, especialmente através da figura do Estado territorial moderno, defensor de uma lógica territorial padrão que, ao contrário de outras formas de ordenação territorial (como a do espaço feudal típico), não admite multiplicidade/ sobreposição de jurisdições e/ou de territorialidades(HAESBAERT, 2004 p.21).

É neste palco múltiplo e diverso que o Carnaval e, principalmente, o carnaval de rua ocorre. Mas ele foge das lógicas padrão de um território normatizado e ordenado. Se mistura dentro de experiências territoriais que são marcadas por diferentes tempos, diferentes lugares e diferentes possibilidades de se territorializar. O carnaval de rua é território em toda a sua complexidade e multiplicidade de fatores associados a sua

existência, reconfigurando as territorialidades da cidade ao longo da história geográfica e política.

Os territórios do carnaval de rua são onde nossos gritos por direitos e respeito ecoam ao mundo, onde nossa forma de se divertir e zombar da vida são manifestados sem pudores, sem medos. A política necessária para se fazer Carnaval é imensa, tendo em vista que geralmente existe a necessidade de se atuar em conjunto com os poderes públicos locais e comunidades. Mas Carnaval e política estão intimamente ligados, a meu ver, principalmente pela possibilidade que temos de ocupar o espaço público, mídia e pautas sociais através da alegria e da manutenção da cultura negra e carnavalesca, manifestando nos seus territórios sua legítima cultura de existir e resistir.

Tendo em vista a importância política e econômica do Carnaval, sua manifestação no espaço geográfico e territorialidades é necessário entender como este importante vínculo demonstra as desigualdades sociais e raciais que estão sendo apontadas. A questão seguinte então visa saber se existem relações de desigualdade social e racial no Carnaval de Porto Alegre.

3.3. Desigualdade social e racial no Carnaval de Porto Alegre.

As narrativas produzidas sobre espaços e pessoas também acabam por construir representações, ou seja, os modos como os leitores irão ver estes espaços e seus moradores. E os sentidos e significados construídos sobre espaços e pessoas influenciarão em sentimentos de maior ou menor empatia. Nesta perspectiva concordamos com Lindón de que os sujeitos não só constroem os espaços quando edificam casas e cidades, mas também quando falam delas e da forma como o fazem, enfatizando alguns aspectos (como o ócio, a criminalidade, a exclusão, a subjugação) e omitindo outros [...] (MACHADO, 2017, p. 32).

No seu entender, existem relações de desigualdade social e racial no carnaval de Porto Alegre? Se possível citar exemplos.

As respostas do questionário referentes a esta pergunta são unânimes. Sim, existem fortes desigualdades sociais e raciais no Carnaval de Porto Alegre. Isso se dá principalmente no que tange a possibilidade de livre expressão cultural e acesso a mecanismos e ferramentas que possibilitem a manutenção, realização e evolução do Carnaval na cidade, tanto o competitivo quanto o de rua.

Sim, existem muitas relações de desigualdade e preconceito. Uma forma de perceber é como as escolas de samba são vistas como espaços de pobreza, como espaços de circulação da população periférica da cidade. O carnaval de Porto Alegre não recebe a mesma valorização de outras festas culturais do RS. Isso devido ao racismo estrutural

existente em nosso estado.

Festas como as da Revolução Farroupilha, Festa da Uva, Oktoberfest, entre outras, são muito apoiadas por governos e leis de incentivo à cultura, além de terem forte aporte financeiro de instituições privadas. O apoio aos espaços de realização destes eventos também sugere que o Carnaval sofre por ser dos pobres e negros, tendo em vista que festas relacionadas às culturas de imigração européia e que reverenciam a Guerra dos Farrapos são amplamente valorizadas, tendo esta última, por exemplo, um desfile e a ocupação durante o mês de Setembro inteiro do Parque Harmonia, no centro da cidade.

Sim, existem. O Carnaval das Escolas de Samba, o desfile, é o maior exemplo disso. O atual carnaval de rua também vem demonstrando essas desigualdades, acionando diversos dispositivos que acabam por selecionar determinado público em relação a outro.

Estes dispositivos passam por incentivo simbólico, logístico e financeiro. Atualmente, espaços econômicos do Carnaval de rua, inclusive a realização da festa, enfrentam caminhos muito árduos, porém outras festas e eventos como a Semana Farroupilha e seu acampamento na região central da cidade não encontram as mesmas dificuldades. Assim como os desfiles cívicos que celebram o Sete e o Vinte de Setembro também não encontram resistências para conseguir incentivos, dinheiro, apoio da “opinião pública” e logística para realização de suas atividades. Por outro lado, o Carnaval enfrenta o sucateamento, o cancelamento, o desprezo e o abandono do poder público.

Sim, existem. Tanto pelo poder público, no sentido de promoção e incentivo, quanto pelas pessoas mesmo.

Esta falta de apoio e até mesmo o discurso de que o Carnaval de P.A é ruim e comparações com carnavais de Rio de Janeiro e São Paulo trazem à tona a intencionalidade de esconder os negros e negros periféricos no direito à cultura que é sua. Não que o Carnaval não seja discutido em âmbitos institucionais, contudo ele passa como uma pauta secundária, não raramente METAMORFISADO E DEFORMADO COMO cabo eleitoral de políticos locais. Em 2016, a cidade elegeu o Prefeito Nelson Marchezan Jr., que havia feito em sua campanha promessas em relação ao Carnaval e até tocou um surdo na escola de samba Estado Maior da Restinga, com o discurso de que o Carnaval teria muita atenção à sua gestão. No ano seguinte, a cidade teve todos os investimentos cancelados por parte do executivo municipal e em 2018 o Carnaval da

cidade simplesmente não aconteceu, pela primeira vez na história desde sua organização inicial.

Isso tudo é dado com um exemplo muito interessante de ser analisado tendo em vista a criação do complexo Cultural do Porto Seco, na zona norte de Porto Alegre. A pesquisa aponta algo muito importante: o carnaval competitivo de Porto Alegre sofreu um importante golpe ao ser transferido para dezessete quilômetros do centro da cidade.

Sim, existem. A principal delas foi a construção da “pista de eventos” em bairro distante da região central da cidade.
Sim, existem. Tanto pelo poder público, no sentido de promoção e incentivo, quanto pelas pessoas mesmo.
Existe relação de desigualdade entre a cidade e o carnaval de porto alegre. O maior exemplo foi o exílio no porto seco, mas existem outros.
Sim.
sim. Exemplo é retirarem o carnaval do centro pra enfiar num canto da cidade de difícil acesso pra todos....ou tb no fato de os carnavais de rua serem em grande parte de gente branca

As respostas são categóricas: o exemplo do Porto Seco também serve como uma disputa territorial e política de grande impacto na cidade e que expressa o desprezo pela cultura negra e das classes subalternas em Porto Alegre. A transferência do carnaval competitivo para o Bairro Rubem Berta nos traz toda uma gama de pautas negligenciadas pelo poder público e embasadas em racismo, politicagem e exclusão social.

De acordo com Ulisses Duarte a maior mudança nestes territórios do Carnaval pode ser considerada a do local dos desfiles do carnaval competitivo em 2004. Esta mudança alavancou todo um processo de nova formatação do Carnaval de Porto Alegre. Até o ano de 2003, o Carnaval era realizado na Avenida Augusto de Carvalho, nos limites do centro da cidade com o bairro Praia de Belas (DUARTE, 2011, p.37)

Certamente, os blocos de rua ganharam visibilidade e apoio em paralelo com o sucateamento do carnaval de escolas de samba. Empiricamente, percebo uma maior presença negra no carnaval de escolas de samba e uma maior presença branca no carnaval de rua. São dois fatos correlacionados.
--

Essa visibilidade que talvez pudesse ser ampliada em paralelo dos dois formatos de Carnaval evidencia uma das hipóteses desta dissertação onde é possível entender que a ida do carnaval competitivo para o Porto Seco especializou a exclusão racial de maneira radical, tendo em vista que a população que continua fiel ao Carnaval competitivo das escolas de samba permanece sendo de uma maioria negra e periférica, ao passo que o Carnaval de rua encontrou na classe média e central espaço e força para se reestruturar.

Essa exclusão não pode ser comparada ao Carnaval descentralizado, nem mesmo pode ser considerada uma benfeitoria por parte dos agentes públicos, tendo em vista que o Complexo do Porto Seco não apresenta condições reais de manutenção, melhoria e desenvolvimento do carnaval competitivo e o carnaval de rua é cada vez mais central e possivelmente menos popular.

3.4. Carnaval de rua, negritude e seus significados.

Como você descreveria o carnaval de rua de Porto Alegre? Qual o significado dele na sua vida e para a população negra da cidade?

Descrever o Carnaval de rua de Porto Alegre é uma missão complexa, tendo em vista que a cidade possui um histórico de amor e ódio com o Carnaval, não seria diferente com o Carnaval de rua. Pode-se até pensar que P.A. possui uma relação ambígua também com a cultura enquanto conceito amplo, pois atualmente não é nem 1% do orçamento total da cidade. No entanto, propostas importantes no decorrer dos últimos anos foram colocadas em prática, mesmo que sem a devida manutenção. Uma delas foi a criação do projeto de descentralização da cultura e do Carnaval.

A descentralização do Carnaval ocorreu na cidade de Porto Alegre dentro do espectro do projeto de descentralização da cultura, fomentada pela Prefeitura Municipal em diferentes gestões executivas. Foi criada uma Coordenação de Descentralização da Cultura, que buscava propor ações afirmativas, ações de fruição e fomento em diferentes regiões da capital (Fonte: https://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=261). Estas ações quando alinhadas com os interesses da população artística e produtora de cultura obtiveram importantes resultados para os porto-alegrenses.

Tenho uma relação ambígua com o C.R. Por um lado tenho muito carinho, pois passei um tempo dentro de um bloco, a Turucutá. No meu início na Turucutá, fazíamos parte de um projeto da prefeitura chamado "Descentralização do Carnaval". Subíamos num ônibus que nos levava até os locais mais remotos e periféricos de POA para fazer carnaval. A memória afetiva é muito grande. Mas ao mesmo tempo tem meu distanciamento que se deu concomitante com o distanciamento da Turucutá com propostas do gênero, se voltando cada vez mais para shows, etc

Projetos como este mostram a importância afetiva para a cidade de ações afirmativas pautadas nas reais necessidades dos atores, espectadores, proponentes e apreciadores da cultura como um todo e principalmente do Carnaval. Ainda assim, não são o suficiente enquanto política pública para que haja uma real representatividade no que diz respeito às demandas da população em relação ao Carnaval.

O carnaval de rua de Porto Alegre é um evento antigo e de resistência, que apesar da intenção de alguns, não desiste de existir. Para a população negra eu não acredito que ele tenha um significado real, porque não sei se a população negra se vê representada nele.

O Carnaval é movimento, ou nas palavras de GERMANO (1999, p. 12):

Esta apropriação do carnaval de Porto Alegre pelos descendentes de africanos imprimiu-lhe um caráter particular que articula passado e presente através de vivências e de práticas comuns que vem sendo ressignificadas, transmitidas e transformadas de geração a geração até os dias atuais.

Isso se dá em um contexto onde o carnaval de rua central expõe as fragilidades das políticas de acesso à cultura, tendo em vista que nem todos e todas podem participar de atividades festivas que ocorrem a dez, quinze ou vinte quilômetros de suas residências, e por vezes não teriam nem como pagar um transporte público, que também é precarizado para festejar sua cultura. E essa história é antiga, não sendo de agora que o povo tem seu direito a celebrar a vida negligenciado.

A cidade de Porto Alegre conta com um dos maiores Carnavais de rua do sul do Brasil. Isso dentro do espectro da vida urbana significa muito. Todos os anos milhares de pessoas fazem nos meses de verão uma grande festa popular, tanto nas ruas dos bairros, clubes, escolas de samba, casas noturnas quanto no Complexo Cultural do Porto Seco. Também é necessário considerar que existem trabalhos e muitas atividades envolvendo o Carnaval o ano inteiro.

A gama de trabalhos que envolvem o desfile, o cortejo ou baile de uma entidade carnavalesca é grande. A produção, fantasias, som, músicas e arranjos, profissionais e voluntários envolvidos, reuniões e festas promocionais, comércio e economias locais e intercâmbios culturais são algumas das demandas e consequências do Carnaval. Esse é o próprio movimento no espaço geográfico, no caso a capital do Rio Grande do Sul (R.S.), Porto Alegre (P.A). A cultura do Carnaval acompanha a história de Porto Alegre. Essa cultura também é alvo recorrente de “marginalização” por parte de habitantes da cidade que não entendem esta como um aspecto relevante de pessoas que tem no Carnaval uma forma de expressão popular e comemoração de sua história.

Nesta capital, a festa já esteve presente em diversos lugares, diferentes espaços públicos e privados tendo sua história remetida ao ano de 1772, ano de fundação da cidade (CORREA, 2011, p. 156). Seja nas avenidas do Centro Histórico, nas ruas da Cidade Baixa, Menino Deus, Bom Fim, Farroupilha, Santana, Rio Branco e Floresta. Áreas centrais da cidade que aos poucos sofrem diferentes disputas e são “limpas” dessas festas. Ao longo dos últimos cem anos o Carnaval da cidade passou por muitas

mudanças e alterações espaciais e principalmente territoriais. Essa festa pode parecer para muitos “qualquer coisa”, no entanto gera significados muito singelos e importantes.

Confesso que a minha participação no carnaval de rua começou em 2016, quando conheci a Turucutá. Porém acho que o carnaval é festa da rua, é festa popular, então sempre curti o carnaval na rua tanto no interior, quanto na praia.

Conhecer o Carnaval, seja em 2016 ou em 1900, significa muito para a população negra. Significa saber que desde que chegamos, estamos resistindo a diferentes atravessamentos do racismo estrutural que nos assola.

O carnaval de rua ele é autêntico, possui personalidade e autonomia, e é possível escolher qual festa lhe agrada mais, sejam por escolhas identitárias, políticas ou espaciais, entre outras. Na minha vida ele se estabelece nos últimos dez anos, e o significado é de aprendizado, de poder interagir, de forma afetuosa e também conflituosa, com a cidade (leia-se gestão pública, moradores, imprensa, foliões, integrantes do mesmo grupo, familiares) de perceber os impactos, positivos e negativos, infelizmente nem tudo são flores e alegria. E para população negra é mais uma oportunidade de acessar lugares e ter a oportunidade, quando possível, de estar em um ambiente aparentemente livre de qualquer preocupação.

Mesmo com dúvidas em relação à representatividade do carnaval de rua para a população negra é dado que este é importante para tal. Seja pelos diferentes aprendizados e acessos que este possibilita, mesmo tão difíceis, principalmente quando se fala em racismo e economia. Poder acessar festas e eventos gratuitos não é para todos, sendo muitas vezes uma escolha para apenas um dia ou resultado de um trabalho intenso que mobiliza muitas forças para poder se estar festejando. Até para brincar o Carnaval na rua, sem gastos é necessária muita resistência.

O carnaval de rua de porto alegre é uma espécie de válvula de escape para o processo de caretização da cidade, mas também com um viés elitista, visto que é um carnaval branco se comparado com o das escolas de samba. A revitalização do carnaval de rua dos anos 2000 parte de um pressuposto de organização da classe média/alta jovem. A população negra no início ficou escanteada seja da parte atuante dentro dos blocos ou mesmo como espectadora. Em um segundo processo verifico a contratação de ritmistas das escolas, porém apenas como sendo contratados, sem uma característica de pertencimento desse espaço

Esta válvula de escape faz parte de uma das formas de resistir a opressão da cidade, a opressão racial e econômica que assola nosso país e município. Mesmo autêntico e diverso em muitos pontos, o Carnaval de rua expressa uma tendência social já explicitada em diferentes âmbitos urbanos de exclusão racial por vetores que muitas vezes não são tão factíveis e objetivos.

O carnaval de Porto Alegre é um evento que no decorrer dos anos vem perdendo sua visibilidade. No entanto, é um evento muito importante para a população negra da cidade em razão de ser uma manifestação de cultura da população massivamente preta é uma espaço

culturalmente de pessoas negras, onde os negros geralmente são a maioria. Nunca fui ao evento na cidade, já fui a ensaios de escolas de samba e essa é minha única participação em escolas de samba de Porto Alegre, no entanto, me considero muito feliz e confortável em estar nesses espaços.

A cidade e seus paradoxos apresentam diferentes possibilidades de exclusão, onde até mesmo pessoas negras não conseguem participar do carnaval competitivo no Porto Seco e muitas vezes acabam por ir para o interior para prestigiar outras festas, seja em função de outros vínculos ou até mesmo pelo desprestígio mitigado pela população careta e racista que aqui habita.

lembro de o carnaval de escolas de samba de porto alegre ter bastante visibilidade na década de 90 início 2000, talvez até mais que São Paulo e com o tempo, falta de políticas e investimentos foi se esvaindo até culminar na questão do porto seco. carnaval de bairros eu nunca tinha visto até em torno de 2014/2015 por ai...

As variações temporais e históricas se refletem no espaço geográfico carnavalesco como uma bússola que aponta sempre no sentido contrário as necessidades da população negra que é quem faz e fomenta culturalmente a festa.

o carnaval de rua de Porto Alegre é uma forma de resistência que tenta manter viva a cultura negra no RS. O carnaval é a cultura com a qual desde pequeno me identifiquei, por ver meus iguais construindo aquele espetáculo. Meus iguais lutando por ideais que me contemplam enquanto negro nesta cidade.

Esta festa popular, autêntica e negra que define o carnaval de rua de Porto Alegre é um ato de resistência que possui uma forte personalidade ligada às raízes dos ancestrais de África e seus legados. Representa a capacidade de um povo sofrido e forte de buscar e exercer sua autonomia, suas escolhas e seus sonhos.

É possível entender que o carnaval de rua mesmo embranquecido no território central de Porto Alegre ainda possui forte caráter indentitário negro, assim como uma busca constante por um espaço político adequado as necessidades da população pobre e periférica.

O carnaval de rua de Porto Alegre para mim é uma potência. Ele mesmo é o gerador de significado, de identidade e pertencimento e vínculos territoriais. Uma potência cultural e política de grandes proporções. A possibilidade de organização de blocos, coletivos, cortejos, arrastões, festas públicas, movimentação econômica durante o ano todo e principalmente nos dias de festa, projetos educacionais e inclusivos de blocos e escolas de samba, são alguns exemplos das EXPERIÊNCIAS que vivo e vivi no carnaval de rua da cidade.

Se logo à primeira vista a identidade apresenta-se como a resposta a um "o que é?", "quem são eles", "quem somos nós?" e serve para dar

substância e sentido a objetos ou pessoas, ela pressupõe que sejam estabelecidos critérios adequados a uma identificação, que de sua parte, remete a dois processos distintos e complementares (LE BOSSÉ, 1999 p.160).

Uma identidade dá sentido às substâncias, responde perguntas muito importantes sobre os sujeitos, sua individualidade e coletividade. Este processo de criação identitária e do da identificação com algo é traçado, de acordo com LeBosse, com dois processos.

De um lado, a identificação consiste, em um sentido lógico transitivo, em designar e nomear qualquer coisa ou qualquer um, e depois em caracterizar sua singularidade. De outro lado, em um sentido intransitivo e por vezes reflexivo, e entendendo a identidade como similaridade, a identificação consiste em se assemelhar a qualquer coisa ou a qualquer um e se traduz, principalmente, tanto para o indivíduo como para o grupo, por um sentimento de pertencimento comum, de partilha e de coesão sociais (LE BOSSÉ, 1999 p.161).

A caracterização da singularidade identitária para esta análise é o Carnaval, como um todo, amplo e democrático, que gera a similaridade dos atores. Assemelhados em torno de uma cultura, de ancestralidade e que gera o sentimento do pertencimento a algo, do pertencimento ao espaço, ao coletivo, ao território, gerando vínculos territoriais.

Vínculos territoriais foram vistos como prática associada à apropriação do espaço por comunidades e grupos em situações com possibilidades variantes de reprodução social. Lidamos com um quadro de significativas diferenças para dar conta de possíveis comparações: moradores de rua, comunidades envolvidas em reassentamento urbano, grupos articulados em movimento social em busca de assentamento rural de reforma agrária e comunidades de agricultores ecologistas (Heidrich, 2006 in HEIDRICH, 2017, p. 31).

As diferenças territoriais e de apropriação do espaço são maneiras como o território pode se formar e estabelecer os primeiros vínculos. No carnaval de rua estes se dão nos espaços públicos, mas também acontecem em individualidades e coletividades em outros âmbitos de convivência e espacialidades. No caso deste trabalho, os exemplos mais importantes de vínculos territoriais se dão entre atores proponentes do carnaval de rua e outros elementos do espaço urbano, como quilombos, escolas de samba, praças, ruas e avenidas.

À medida que a identidade e os imaginários correspondem a práticas que afetam algum sentido da permanência dos outros grupos, vai se vendo a imbricação que elas possuem com a localização, a extensão da presença e os usos associados. Se for possível ver cada um desses aspectos como a ligação de um grupo com o lugar, um vínculo, o conjunto deles expressa uma territorialidade própria (HEIDRICH, 2017, p. 35).

A noção de identidade perpassa os vínculos que se estabelecem no território, sendo substancial para o desenvolvimento de afetividades, traumas, tensões e disputas em diferentes territorialidades. Estas territorialidades e vínculos podem estar carregadas

de tensões, mas entendo que, no que tange o carnaval de rua, são processos que quando se manifestam, sempre valem a pena.

Para a minha vida, o carnaval de rua significa um encontro com a alegria, um estilo de vida, com o amor pela rua, pela música e pelos encontros que a festa proporciona, sejam pessoas, lugares, territórios, paisagens ou até mesmo na consagração de minha identidade negra. Assim penso que para a população negra da cidade, o Carnaval é uma importante forma de encontrar alegria na vida, dar sentido comunitário às dores do cotidiano e fazer delas uma festa.

Porto Alegre possui um longo histórico de envolvimento com o Carnaval e a rua sempre foi esse palco. Tanto no competitivo pré Porto Seco, quanto as micaretas e cortejos são um encontro de sua população com a cidade, com seu espaço que é de direito e não de conveniência, pois desde suas encruzilhadas, praças, parques, terreiros, ruas históricas, todos esses são territórios negros, quilombos que nos tornam visíveis e são necessários para uma vida mais plural e justa. Para mim, enquanto sujeito negro e ator nessa festa, o Carnaval significa minha casa, uma extensão de meu ser, que se manifesta com meu corpo, minha pele e ancestralidade no grande terreiro da convivência humana que é a rua.

3.5. Os lugares dos corpos de negros e negras no Carnaval de rua de Porto Alegre.

Ao pensar os corpos negros no Carnaval de rua, com suas identidades e territorialidades, é traçado um paralelo com seus lugares, no conceito geográfico e de negritude. O lugar, enquanto conceito geográfico, é espaço de afeto, de atravessamento, de sentimento, de vínculo, de identidade e assim como o conceito de território, pode ser visto como parte fundante da constituição da população negra no Carnaval. Esses lugares são onde a população negra quiser, devem ser respeitados, pois, além de muitas vezes possuir um caráter religioso e sagrado, é parte integral da manifestação do corpo negro como elemento de vida.

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organizações e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e criatividade (SANTOS, 2009, p. 322) .

No lugar onde as pessoas compartilham momentos de felicidade, de tensão, mas que está referenciado em paixões e comunicações, o carnaval de rua encontra terreno

fértil para sua existência. São nos lugares que estão as lembranças sentimentais do cotidiano. Neste lugar onde habitam corpos, circulam pessoas, dinheiro, amizades e tantos outros componentes dessa ala carnavalesca que se manifesta na rua. Daniele Vieira (2017, p. 38) referindo-se a dimensão da territorialidade manifesta que o corpo é o primeiro território.

Tanto Sack (2011) quanto Raffestin (2011) destacam como características da territorialidade: i. manifesta-se em todas as escalas espaciais (da nano escala, a começar pelo próprio corpo, à macro escala estatal); ii) está relacionada a um contexto sócio-histórico e espaço-temporal; iii) sendo, portanto, dinâmica, visto que os elementos que compõem as territorialidades são suscetíveis a variações.

Entre este amplo espaço manifesto que vai do corpo até grandes instituições, os territórios e corpos se entrelaçam e no que tange ao carnaval de rua, esses entrelaçamentos são relativamente intrínsecos a diferentes contextos sócio-históricos. Em seu livro “Pele negra, máscaras brancas”, Franz Fanon, discute o corpo negro em diferentes relações sociais, temporais até mesmo espaciais. Tendo em vista sua chegada ao mundo onde o racismo é regra.

Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraindo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu (FANON, 2008, p.113).

Daí a importância de entender o lugar do corpo negro no carnaval de rua. Muitas vezes o que o racismo deixa são os farelos, reunidos e reaproveitados no Carnaval. Nos deixa furiosos, tristes, às vezes sem reação, mas sempre nos coloca diante da pergunta, qual o nosso lugar, por que isso existe ou por que comigo, quando não questionamos nossa própria pele, nossa própria dignidade. Assim nasce a pergunta:

Quais os lugares dos corpos de homens e mulheres negros e negras no Carnaval de rua de Porto Alegre?
--

Talvez possamos pensar que não existam lugares específicos dos corpos negros no Carnaval, talvez possamos pensar que o corpo negro, de homens e mulheres que construíram essa festa seja a referência principal da identidade do que hoje é o carnaval. No entanto, o que temos em vista são faces do racismo, sejam no carnaval de rua ou no competitivo.

Depois tivemos de enfrentar o olhar branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. No mundo branco,

o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas. Sei que, se quiser fumar, terei de estender o braço direito e pegar o pacote de cigarros que se encontra na outra extremidade da mesa. Os fósforos estão na gaveta da esquerda, é preciso recuar um pouco. Faço todos esses gestos não por hábito, mas por um conhecimento implícito. Lenta construção de meu eu enquanto corpo, no seio de um mundo espacial e temporal, tal parece ser o esquema. Este não se impõe a mim, é mais uma estruturação definitiva do eu e do mundo – definitiva, pois entre meu corpo e o mundo se estabelece uma dialética efetiva (FANON, 2008, p.104).

A história de Fanon continua os entrelaços de entender seu corpo diante de uma sociedade racializada. O olhar branco que desloca este corpo negro, mas que ao mesmo tempo aumenta a capacidade de entendimento das relações dialéticas que estruturam também o racismo. Essa dialética que muitas vezes não é nem percebida pela branquitude, mas que escancara aos sentimentos do negro o racismo em relação ao seu próprio corpo(2008, p.105).

Acredito não existir um lugar previamente determinado, o que existe é alguns sujeitos negros que compõe alguns blocos e alguns foliões.

Ao analisar os festejos do carnaval de rua é possível perceber que a população negra predomina no que tange a força de trabalho que sustenta a festa. Dos proponentes, das músicas até os funcionários de limpeza e recicladores negros e negras fazem o carnaval de rua acontecer. Isso exercendo uma função que lhes é dada como “triumfante”, mas perdura com seu caráter exploratório, o trabalho.

Onde eu mais vejo negros no carnaval de rua são como catadores de lixo ou como vendedor ambulante. Poucos são foliões e menos integrantes dos blocos, perto da quantidade de brancos.

Essa perspectiva visualizada pelo racismo estrutural e segregação sócio econômica demonstra que o corpo negro está presente, mas não é o protagonista de sua própria festa, mesmo que esta conte com inúmeros elementos de sua ancestralidade e legado ou, como fala Fanon, eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meu ancestrais. Aqui cabe uma comparação territorial onde é demonstrada a força da exclusão social e racial na formação da cidade de Porto Alegre.

DESLOCAMENTO DOS TERRITÓRIOS NEGROS NO ESPAÇO URBANO PORTO ALEGRE – SÉCULO XIX A 1970

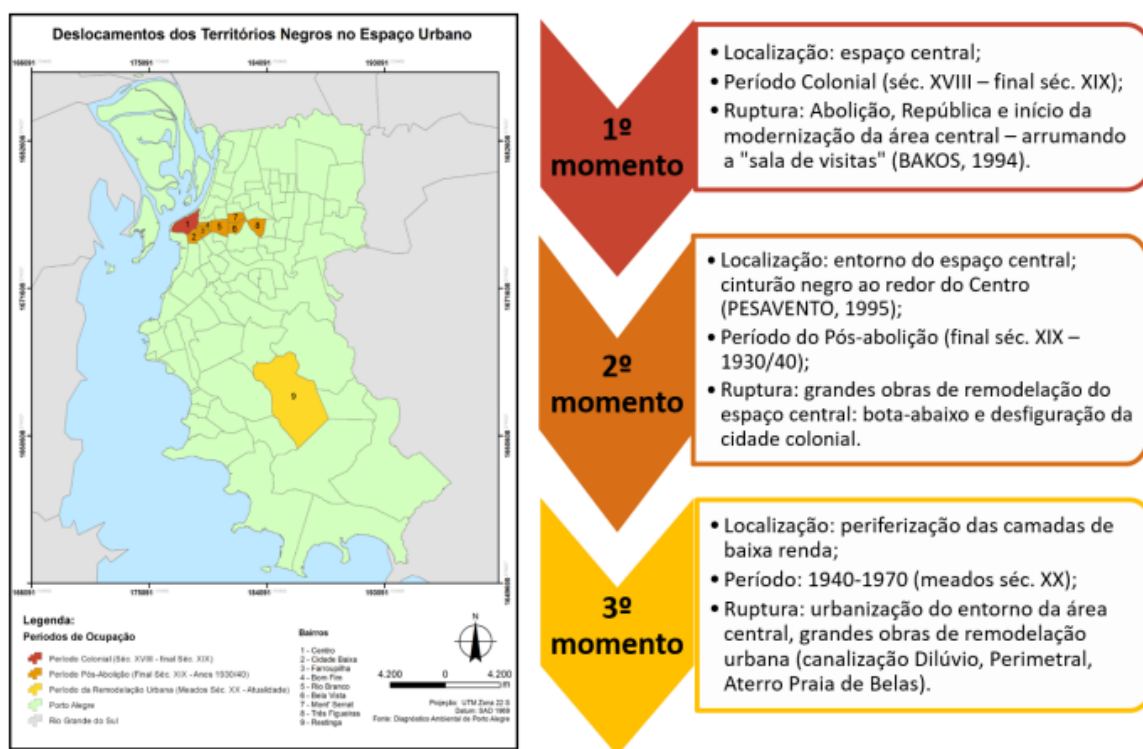


Imagem 2. Fonte: MACHADO, 1999, p. 162.

O mapa de Daniele Machado aponta com seu esquema as diferentes etapas dos processos de segregação espacial aos quais as populações negras foram expostas no decorrer da formação urbana. Percebe-se que o eixo central da cidade, hoje composto por bairros como Bom Fim, Cidade Baixa, Rio Branco, dentre outros, fora ocupado inicialmente por camadas sociais de baixa renda. Assim, com processos de segregação surge por exemplo a Restinga, em um terceiro momento, já sendo resultado de exclusão principalmente de moradores da Ilhota e Cidade Baixa.

Este processo de segregação, que hoje se traduz no espaço carnavalesco, pode também ser denominado como um projeto, tendo em vista que jamais as pessoas excluídas são contempladas em sua plenitude nos processos de exclusão social. Assim, os corpos negros que foram colocados a margem da sociedade, também não conseguem mais ser os protagonistas de sua própria festa, que ainda ocorre também nas regiões centrais.

Falando como integrante e proponente da festa, existe uma co-criação, uma relativa agência desses corpos em termos de protagonismo e organização da festa. Atravessados por uma perspectiva quase sempre dúbia, por experiência própria vejo dessa forma.

Poderíamos pensar que este corpo, dançante, festivo, alegre, trabalhador seria o grande homenageado de qualquer Carnaval, de qualquer samba enredo, de qualquer arrastão, mas não é isso que acontece. Nossos corpos são utilizados, mas não reverenciados, são subalternizados quando possível, mas não colocados em sua potência criadora como protagonistas.

Eu acredito que deva ser total, visto que a origem do carnaval de rua nesta cidade nasceu nos bairros considerados negros.

O nascer do Carnaval em bairros negros, diante dos terreiros e tambores, mazelas e dores não é realmente um corpo valorizado e colocado no lugar de protagonismo ao qual merece.

Acredito que as pessoas negras devem fazer parte do carnaval respeitando e espalhando a história do evento, dos espaços que são do povo preto e fazem parte de tudo isso. Acredito que não podemos deixar que o evento e toda a luta para que isso ocorra seja enfraquecido. Hoje fazer carnaval em Porto Alegre é resistência, luta e possuímos papel importante na construção dessa história.

Esse protagonismo também deve ser marcado e é fonte de disputas. O corpo negro que não é visto, mas que esta ali nas composições, nas limpezas, nos vendedores, nos trabalhadores e em tantas funções exercitadas ao longo dos séculos para que o Carnaval chegasse a ser a grande festa que o Brasil vende como sua. Esse protagonismo, em uma sociedade racializada e colonizada, é fonte de dores e sentimentos inalcançáveis para o mais querido e amigo branco.

Enquanto que eu, no paroxismo do vivido e do furor, proclamo isto, Sartre me lembra que minha negritude é apenas um tempo fraco. Na verdade, na verdade vos digo, meus ombros se esquivaram da estrutura do mundo, meus pés não sentem mais a carícia do solo. Sem passado negro, sem futuro negro, era impossível viver minha negridão. Ainda sem ser branco, já não mais negro, eu era um condenado. Jean-Paul Sartre esqueceu que o negro sofre em seu corpo de outro modo que o branco. Entre o branco e eu, há irremediavelmente uma relação de transcendência (FANON, 2008, p.124)..

Esta espécie de diálogo entre Fanon e Sartre coloca a perspectiva de que o corpo negro no Carnaval e no carnaval de rua é o detentor deste protagonismo, mas que em virtude de uma formação colonizadora, este branco sempre tende a esquecer alguns detalhes.

acho que o papel é de protagonista papel principal e importante nos ambientes, nos instrumentos, na dança. Os corpos negros tb são políticos....precisam ser valorizados, considerados, ouvidos...

Em P.A ainda temos esta condição, mas que deve ser repensada, reestruturada e ressignificada a partir de movimentos que valorizem nossa trajetória enquanto homens e mulheres que tem em sua pele a marca de uma resistência secular.

A maior expressão de segregação é que no homens e mulheres negras no carnaval de rua em sua maioria estão trabalhando como ambulantes e não como foliões. É uma condição de operários que fazem a máquina funcionar

Enquanto operários e operárias podemos entender que o lugar do corpo negro deve ser de total protagonismo dentro do Carnaval, mas também dentro do valor que se da ao trabalho como objeto de transformação e emancipação social.

Valorizar a cultura negra e suas referências é o mínimo para que esse corpo seja trazido e colocado em seu papel de destaque. Não somente em alegorias e narrativas referente a escravização, mas também no lugar do trabalhador e trabalhadora que literalmente sustentam esse país e essa cidade. Como diz Tote Gira em sua música gravada por Daniela Mercury: A cor dessa cidade sou eu, o canto dessa cidade é meu

Este corpo negro, possui diferentes escalas de análise no que tange ao Carnaval, tendo em vista todas as manifestações de diversidade que o Carnaval pode manifestar, mesmo se tratando apenas de populações negras. Homens e mulheres negros e negras tem no Carnaval muitas possibilidades de existir, de se vestir, de se fantasiar e de brincar, mas seus corpos estão sempre com sua pele como fronte de resistência e ocupação sócio espacial. **O corpo negro, também pode ser entendido como um território, nossa primeira pele, nossa forma como o mundo nos vê e** deve estar em todos os movimentos carnavalescos que ele se permitir e assim desejar, seja nas regiões centrais, periféricas, blocos “embranquecidos”, escolas de samba e qualquer espaço onde este corpo possa manifestar-se livremente dentro de uma cultura que mesmo segregada racialmente, originou-se, vive e respira negritude. Para Fanon,

O negro, em determinados momentos, fica enclausurado no próprio corpo. Ora, “para um ser que adquiriu a consciência de si e de seu corpo, que chegou à dialética do sujeito e do objeto, o corpo não é mais a causa da estrutura da consciência, tornou-se objeto da consciência” (FANON, 2008, p. 186)

Esta consciência corporal é, no Carnaval, um elemento muito significativo. Negros e negras sabem em quem a polícia bate primeiro e mais forte. Temos a consciência, muitas vezes, do que estamos fazendo na rua, pois é nela que muitos de nós nos criamos. Nas dialéticas de dores e alegrias, esta se manifesta no corpo negro em seus territórios, em seus lugares de expressão livre e despida de pudores. Essa magia

acontece no Carnaval de rua e em suas manifestações correlatas, mas tem na rua a alma de um espaço geográfico que pulsa dentro de si mesmo.

Lefebvre (1991 [1974]) em sua obra clássica *The production of space* já argumentava a centralidade do corpo na teoria do espaço social. Para ele, o corpo humano não é um mero produtor do espaço material mas é, ele próprio, espaço. Afirma que “antes de produzir efeitos na esfera material (ferramentas e objetos), antes de produzir-se por alimentar-se daquela esfera material e antes de se reproduzir, gerando outros organismos, cada corpo vivo é espaço...” (Lefebvre, 1991 [1974], p. 170, tradução nossa *in* CAMPOS & SILVA, 2020, p.104).

O corpo como próprio espaço, territorializado por sua cor de pele, mas também por suas vivências, correlatas ou não ao racismo, atravessada de muitas dores que mesmo aos ainda poucos negros ricos e de classe média, não fogem de existir.

Para Lefebvre (1991 [1974], p. 40) “a relação com o espaço de um ‘sujeito’ que é membro de um grupo ou sociedade implica sua relação com seu próprio corpo e vice-versa”. A vivência corpórea implica a mediação cultural no tempo e no espaço. O corpo como fundamento da energia material que pressupõe ações produz as representações de espaço e as vivências espaciais (CAMPOS & SILVA, 2020, p.104).

Este corpo fundamentado em suas territorialidades e lugares, traz consigo, no caso do corpo negro, toda sorte de cicatrizes caudas pelos séculos de escravização, que permeiam o racismo atualmente. A pele traz consigo a marca do tempo, onde este corpo está, sua ancestralidade lhe é presente. Estas representações são importantes para o carnaval de rua, seja em espaços de maioria negra ou não.

Os inúmeros corpos, com diversas formas, características, estágios de existência se constituem como lugar social, político e geográfico, sendo também uma escala a partir da qual as pessoas se conectam com outras escalas espaciais, tal qual imaginado por Valentine (2001). Para esta geógrafa, o corpo marca a fronteira entre o eu e o outro, se constituindo em um espaço pessoal, um espaço de prazer e dor em que definições de bem-estar, doença, capacidade física, felicidade e saúde são construídas socialmente (CAMPOS & SILVA, 2020, p.105).

Este corpo negro no carnaval de rua existe e faz parte de uma abordagem que pretenda descolonizá-lo, assim como seus espaços geográficos e sua história. O corpo é um território, um lugar, mas também está no espaço, territorializando, se identificando e pertencendo. No carnaval de rua essa negritude é expressada, resignificada e especializada mas, principalmente, é sinônimo de resistência, ou territórios de resistência.

3.6. Territórios negros do carnaval de rua.

Como você entende o termo “territórios negros do Carnaval de rua”?
--

Onde há território, há um território negro.

Resistir pode ser considerada uma intervenção territorial. Isso porque o ato de resistir já presume no mínimo um tensionamento onde uma parte necessita agregar maiores esforços para sustentar sua vida. Negros e negras brasileiros, rio grandenses e porto alegrenses resistem há centenas de anos. Sendo o Carnaval uma manifestação alicerçada na negritude e sua cultura ancestral, os espaços geográficos e temporais onde o ele faz sua materialização são territórios, pois sempre são de resistência.

Acredito que precisamos ampliar a compressão do “território” para além do espaço geográfico. Nesse sentido, o carnaval em si é um território negro, independente de onde ele ocorro. Logo, onde há carnaval, há um território negro.

Enquanto pesquisadores, precisamos nos questionar a partir de qual abordagem os grupos e espaços negros serão concebidos. A partir de que lente, nós, pesquisadores, iremos construir as representações sobre nós e eles? Sim, quando escrevemos estamos ajudando a construir representações – imagens e concepções – sobre os grupos abordados. No caso do grupo negro, podemos caminhar na linha da reprodução da imagem de subjugados, silenciados, segregados, ou do reposicionamento social, e neste caso, espacial (MACHADO, 2017, p. 33).

Este território negro perpassa o tempo partindo de princípios que muitas vezes parecem difusos, tendo em vista que em comparação com a geografia e história colonizadas e brancas. O estudo de nossa ancestralidade vem florescendo com força, mas ainda teremos muito trabalho até conseguirmos contar nossa história e geografia nos nossos espaços com a perspectiva da negritude em pé de igualdade e justiça sociais e intelectuais.

Dentro deste tempo onde o território se forma e se remodela é onde nascem os fenômenos culturais que são base para a convivência, para os vínculos e tradições. O Carnaval de Porto Alegre tem como seu principal berço o Quilombo do Areal da Baronesa. Sendo este um

Territórios onde o carnaval de rua nasceu na mão da população negra.

Isso não quer dizer que a Colônia Africana e outros territórios negros não tenham tido seu protagonismo nos primórdios do Carnaval de P.A, no entanto, hoje, é possível entender a dimensão do Quilombo do Areal para o samba na cidade e como este sempre trouxe consigo o Carnaval e o samba como elementos basais para sua resistência cultural, política e geográfica. Daniele Vieira Machado (2017, p. 42) sustenta que

A noção de “mundo africano” explicitada por Petronilha, articulando espaço físico e simbólico e sua significação a partir da efetiva presença negra é a chave para concepção de território negro que estou tentando construir. Nesta perspectiva é imprescindível a vinculação entre espaço físico e sua significação a partir da presença de pessoas negras e/ou de práticas realizadas por elas. O que quero dizer é que para ser concebido como um território negro, os significados atribuídos a este espaço devem estar relacionados não apenas as práticas consideradas negras (capoeira; batuque, umbanda e suas variações; samba; maracatu e suas variações), mas, antes disso, a efetiva presença de pessoas negras neste espaço.

A presença negra nos territórios centrais da cidade é constante em sua formação e não difere nos carnavais. Por mais que essa representatividade possa estar fragmentada ou dúbia em alguns blocos e eventos, ela é parte fundante do carnaval de rua da cidade. A cidade de Porto Alegre, atual capital do Rio grande do Sul, é primeiramente ocupada por indígenas de etnias que por sua vez foram perdendo seus territórios durante os diferentes processos de colonização e genocídio da população indígena do Brasil. Daniele Machado (2017) em sua dissertação sobre os territórios negros de Porto Alegre coloca em perspectiva essa territorialidade ancestral.

Na época colonial, os territórios negros estavam concentrados em sua maioria no Centro ou nos seus limites. No final do século XIX, com a abolição da escravidão (1888) e a instauração da República (1889) há uma intensa reorganização territorial na área central e a população empobrecida, na sua maioria negra, se desloca para os arraiais ou arrabaldes, localizados no entorno. Estes espaços de características semi-rurais deram origem aos territórios negros foco deste trabalho – o Areal da Baronesa e a Ilhota, a Colônia Africana e a Bacia do Mont’ Serrat. Estes espaços se consolidaram pela concentração de famílias negras e pelas práticas culturais aí desenvolvidas, nomeadamente o batuque e o carnaval, transformando-se em territórios negros.

O Carnaval nestes bairros aponta o início do século XX, mas assim como as festas, os processos de exclusão social atingiram moradores, comerciantes, pescadores e ex-escravizados. Sobre o carnaval de rua, Iris Graciela Germano traz em sua dissertação de mestrado que:

Não que antes o elemento Popular estivesse ausente no carnaval de rua. Mas, como tentei demonstrar, sua Associação ao carnaval era vista como uma decadência desses festejos de rua ou serviam a interesses políticos imediatos, como no caso da campanha abolicionista. Nas décadas de 1930 e 40, essa representação do carnaval de rua modificou-se pois o elemento popular e negro passou a ser associado ao verdadeiro representante do carnaval de rua já que o próprio carnaval passou a ser visto como uma festa do Povo (GERMANO, 1999, p.85.)

Essa festa do povo toma posse das ruas da cidade durante todo o século XX e tem em sua negritude forte raiz popular, tendo sido apropriada pela cidade, mas nunca sem uma forte tendência racista e conflituosa. Os territórios e lugares de negritude chegaram a ser chamados de lugares malditos, onde a população negra vivia e convivia,

muitas vezes em extrema pobreza, mas que ao chegar o Carnaval, tinha a possibilidade de festejar sua cultura e legados.

Complexo! A cidade ela se justapõe e penso que o território ele existe porque é praticado, ritualizado, encantado naquele determinado espaço. Logo, é o lugar da possibilidade, da transformação. Por exemplo, se uma, duas ou mais pessoas negras frequentam o carnaval e manifestam seus referenciais ancestrais, acho que podemos creditar como um território negro. Penso que é necessário agregar alguns elementos para torná-lo um território negro. Não sei se me fiz entender, mas outro exemplo, faz sentido realizar um desfile no areal da baronesa com cerca de 1000 pessoas, sendo 90% ou mais delas pessoas brancas entre foliões e integrantes do grupo propositor? Existe um projeto continuado com aquela comunidade pertencente a esse território ou uma parceria? Ainda, é mais uma forma de proselitismo que trás mais vantagem e protagonismo para o propositor do que acréscimo igualitário para ambos(propositor e comunidade)?

As contradições do território se exemplificam na resposta acima. Pode-se entender que este território, onde é o berço do Carnaval e que ainda se destaca como grande referência, que é o Areal da Baronesa, se propõe a vivenciar o Carnaval 365 dias por ano, o que torna o quilombo, o projeto Areal do Futuro e os Bairros Cidade Baixa e Menino Deus territórios de samba e carnaval de rua durante o ano todo.

O Areal da Baronesa era uma "nesga de terra arenosa" (SANHUDO, 1961, p. 186) delimitada pelo Guaíba (a oeste) e margeado pelo Riachinho (trecho final do Arroio Dilúvio) a leste. O Areal compreendia, além da Praça Cônego Marcelino, as ruas Baronesa do Gravataí, Barão do Gravataí, Cel. André Belo, Miguel Teixeira e algumas transversais menores (FRANCO, 2006, p. 58). Tinha como limites a Av. Praia de Belas (a oeste), a Rua Treze de Maio (atual Av. Getúlio Vargas) e o Riachinho (a leste), a Rua Vinte e Oito de Setembro (ao sul) e a Ponte de Pedra (ao norte). Na atualidade a área abarcada pelo outrora Areal da Baronesa faz parte dos bairros Cidade Baixa e Menino Deus (MACHADO, 2017, p.102).

Para esta pesquisa considera-se o Areal da Baronesa um dos principais referências de territórios negros a região central, tendo em vista que sua história não somente compõe toda a trajetória da negritude porto alegreense, mas também é berço de samba e Carnaval que permanece atuando fortemente na preservação e florescimento da cultura do carnaval de rua.

Hoje em dia, com pesar entendo somente o areal da baronesa, como sendo o único polo ainda negro do carnaval de rua da cidade.

Acredito que sejam os locais que pertencem a história do povo preto na cidade de Porto Alegre, como Areal da Baronesa, por exemplo.

O Areal da Baronesa é território central na discussão sobre o papel do negro no Carnaval e seus territórios em P.A. Entendo que a partir do momento em que o quilombo resiste colocando seu Carnaval na rua, ensaios, indo em festas e atos políticos importantes para a comunidade como é o caso, a presença negra é mais importante do

que a dos 90% brancos, tendo em vista que o território é negro, o proponente é negro e a comunidade que faz do vínculo a materialização do Carnaval no espaço é negra.

O território deste Carnaval é sagrado pela sua ancestralidade e legado ao qual construiu e mantém no decorrer das décadas. Uma ponte interessante, é a dos ensaios do Bloco da Laje no hoje renomeado e ressignificado Recanto Africano, no Parque da Redenção (Farroupilha). Este lugar que hoje é um cartão postal da cidade, localizava-se nos entornos do portão que dava acesso a região central e fora alterado em sua função urbana a partir dos planos de modernização executados por Otávio Rocha, prefeito da cidade que contribuiu muito para a exclusão social que temos hoje.

Outra proposta do Plano Geral de Melhoramentos, levada a cabo por Otávio Rocha, foi o ajardinamento de praças. É nesta época que os Campos da Redenção (antiga Várzea) começam a ser ajardinados. O Parque da Redenção era uma área baixa e úmida, que em épocas de chuva se transformava num lodaçal, implicando investimentos de drenagem antes de ser destinada a outros fins (BAKOS, 1996, p. 132 in MACHADO, 2017, p.72).

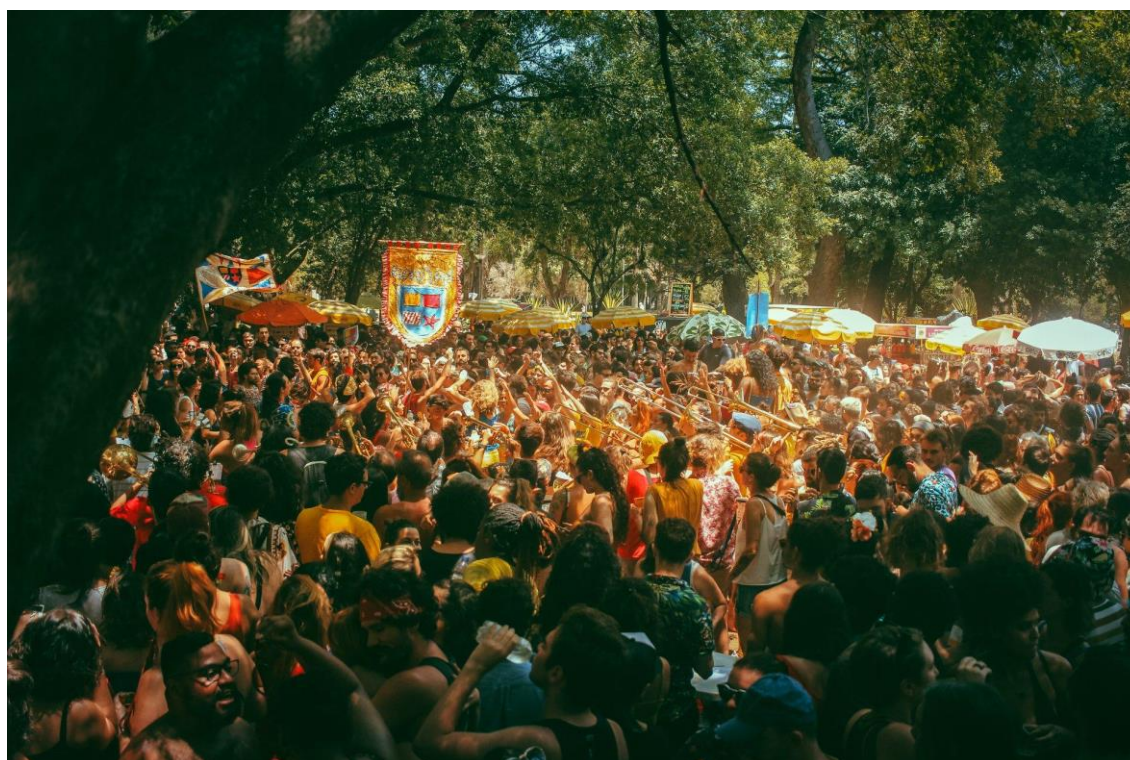


Imagem 3: Ensaio Bloco da Laje, Recanto Africano, Parque da Redenção (Fonte: <https://www.facebook.com/blocodalaje>).

Não me é possível falar de Bloco da Laje sem falar de Redenção. Este bloco que tem como seu palco de ensaios este espaço, transforma nas manhãs de domingo o processo colonizatório em africanidade. Neste espaço onde muitos tambores já bateram, onde foi comemorada a liberdade (já raiou a liberdade), onde negros e negras viveram por anos construindo e auxiliando a compor a riqueza da região central da cidade e

depois foram expulsos por toda sorte de racismos e especulações, neste espaço existe uma ancestralidade, um sagrado, pois religiões de matriz africana também sacralizam o espaço, assentam seus orixás e santos na terra onde o batuque acontece, onde existem os sacrifícios, as comemorações e os rituais. Thiago Pirajira Conceição em sua dissertação de mestrado trata sobre o Bloco de Laje e suas forjas pedagógicas.

O Bloco da Laje é um bloco de carnaval de rua que surgiu na cidade de Porto Alegre em 2011, do qual faço parte desde seu início. Desde então, anualmente promove ensaios e desfiles públicos e gratuitos no período pré-carnaval nas ruas da cidade. Paralelo ao trabalho realizado na rua, em 2016 surge um formato compacto, que atende demandas de shows e apresentações em lugares fechados, a partir dos quais os artistas, que trabalham ao longo de todo o ano, conseguem ter um retorno financeiro. (CONCEIÇÃO, 2019 p.12).

O Bloco da Laje ensaia há anos no espaço do Parque da Redenção, que era conhecido como Recanto Europeu e que hoje, a partir da proposição coletiva do bloco que tem como base integrantes negros e negras, assim como toda a sorte de respeito e geração de significado as referências negras sejam nas músicas nos ensaios e cortejos renomeou o Recanto Europeu para Recanto Africano. Esse território praticado, que passa a receber os ensaios desse bloco e de outros coletivos carnavalescos e até mesmo do Maracatu Truvão, resgata assim sua ancestralidade espacial, negra em origem, palco da redenção pela justiça racial e desconfigurado com o nome de Farroupilha.

O toque dos tambores, os sinos e agogôs, os ijexás e afroxés, sambas e melodias negras que o bloco traz para o Recanto Africano são elementos que reconectam o espaço com sua fonte de redenção, trazendo a festa negra para o palco negro que mesmo embranquecido, por hoje estar em uma região central, ainda possui seu axé, hoje como que em uma nova camada remasterizado por uma arte de brincar, tocar e reverenciar o espaço mais contemporânea, mas com o mesmo respeito aos toques dos atabaques do final da escravatura.

A ideia de território pode ser direcionada ao carnaval na medida em que esse se configura como um espaço de pertencimento. É também nesse modelo de carnaval que o Bloco da Laje se inspira. Seja na musicalidade, a exemplo do samba, de *rítmica centro africana*, que engendra em seu cerne múltiplas complexidades e codificações, seja na própria estrutura física e estética de um bloco carnavalesco. Esses pressupostos – que descendem da cultura de matriz africana – agem diretamente na sua construção (CONCEIÇÃO, 2019, P. 24).

territórios importantes na história do povo preto da cidade e do seu carnaval são todos os espaços da cidade que tem história e se consolidaram em algum momento como berços para acolher as manifestações de diferentes agentes do carnaval de porto alegre.

Um ensaio do bloco da Laje é um ensaio ritualizado, onde pedimos licença aos orixás, aos ibejis, ao povo da rua para poder realizar o evento e são eventos realmente magníficos. Pela minha experiência, é possível entender que o Recanto Africano é encantado e possui na mais forte raiz negra sua origem.

Esse território é um espaço de possibilidades, onde os encantos, os encontros, os contos acontecem, transformando o espaço em algo sagrado, sacralizado e que o coloca como palco do fortalecimento das relações, do vínculos sociais e culturais, materializando nele a certeza de que ali existe uma ancestralidade e amor, nada mais humano, negro e bonito do que o amor no espaço geográfico: é ele que gera o vínculo assertivo de que é nosso e é negro.

O território é constituído por diversas relações de poder e disputas que o configuram como um espaço geográfico de grande ou pouca diversidade, mas sempre acompanhado de um caráter político e social que se manifesta no espaço físico e configura muitas das relações possíveis neste espaço, territorializado. Os territórios negros são espaços onde as populações negras e outrora escravizadas encontram a possibilidade de viver sua cultura, hábitos, costumes, religiosidade, moradia, educação e lutas.

A rua como palco de atividades relacionadas a população negra e suas trajetórias é um importante território de disputas, como por exemplo, o uso ou não desta para atividades culturais sem a necessidade de autorização de órgão institucionais, como Prefeitura, Ministério Público, agentes de trânsito ou qualquer fiscalização repressora que não sirva para a proteção dos próprios foliões. O território negro se constitui de um espaço físico e simbólico onde é possível encontrar uma ou algumas identidades e vínculos muito importantes para a sobrevivência destes. No Carnaval, os territórios negros são espaços simbólicos e físicos que agregam a comunidade em torno de suas histórias, de seu pertencimento identitário a festa, que vem acompanhada de grandes aspectos religiosos e filosóficos, contextação e reivindicação política, cultural e social.

3.7. Racismo e assédio no carnaval de rua.

Você já vivenciou experiências de racismo ou outras violências/assédios no carnaval de rua de Porto Alegre? Cite exemplos, histórias, acontecimentos.

O racismo muitas vezes é velado, o assédio e outras violências também. Nem sempre percebemos na hora, nem sempre temos condições de reagir as diferentes

formas de violências que os corpos negros sofrem. Isso também é diferente entre homens e mulheres negros que frequentam o Carnaval.

O machismo estrutura a violência contra a mulher de formas que eu, enquanto homem negro, muitas vezes não saberia nem que estão acontecendo. No entanto, a postura coletiva e educativa tende a gerar processos pedagógicos que aos poucos vem dando conta de expor essas violências.

Comecei a frequentar o Carnaval de rua através da turucutá. O ambiente da Turu é frequentado por pessoas que sabem que qualquer postura de assédio/violência não são tolerados, por esse motivo em Porto Alegre, nunca presenciei. Porém em outros lugares onde já passei e passo o carnaval, já presenciei e também sofri algum assédio. Eu entendo o carnaval de rua como um processo a cada temporada, não consigo dissociar todo planejamento de meses anteriores do desfile, até por que não termina naquele dia, e levando em consideração isso, eu digo que sim. Tendo como característica as difusas formas de racismo que estruturam a sociedade brasileira, tenho exemplo como descrédito na construção de ideias, boicotes, silenciamento, oposição, enfim, exemplos sutis...que não parecem, mas são.

De maneira coletiva percebe-se que existe uma amplificação do cuidado para com todos e todas e assim podendo se estabelecer um espaço com mais segurança e confiabilidade, pois todos estão atentos. A Turucutá e outros blocos que participo têm essa postura. Não toleram racismo, não toleram violência contra mulher e nem outros tipos de violência durante suas atividades, sejam elas onde forem. Isso não significa que estes episódios não existam.

Não vivenciei histórias de racismo. Vivenciei relatos de assédio sexual à mulheres em uma saída do bloco da laje

A culpa em torno da violação traz o corpo como um espaço que guarda um segredo, tal como visto em Brown (2000). O silêncio em torno da violência sexual se estabelece porque falar sobre ela implica ser julgada pela moral patriarcal em que as próprias vítimas são culpabilizadas pela violação. Anima relata esse sentimento interiorizado da seguinte forma: “eu cheguei em casa e eu tentei dormir. Eu fui tomar banho com dor assim sabe e tipo emocionalmente dolorida e esgotada, me questionando, se tinha sido estupro ou não, se a culpa era minha ou não. (Entrevista realizada com Anima, Porto Alegre, 10 de novembro de 2014). A culpa é um forte componente das experiências emocionais vivenciada pelos corpos femininos que não é individual, mas que, conforme Soto-Villagran (2013) ultrapassa a realidade individual e se configura coletivamente em uma sociedade machista (CAMPOS & SILVA, 2020, p.110).

E é muito importante esse debate, político e afirmativo, para que o Carnaval também possa ser respeitado como um espaço plural democrático e de todos, onde os corpos são livres para se expressar sem medo de qualquer tipo de repressão. Pois mesmo quem não sofre sabe que ainda precisamos estar atentos.

Já ouvi relatos de alguns casos de racismo e violências, porém nunca presenciei ou vi algo.

Contudo, destaca-se sempre um agente muito importante e complexo da ordem pública que no Carnaval age de maneira intensa e controversa, a Polícia Militar. O papel preventivo da PM quase sempre é motivo ou de medo ou de desvio da função por parte dos militares que exercem com violência suas funções e são, desde que me conheço por gente, motivo de preocupação de mães negras que sempre falam: “Sai de casa com o documento”. A PM está na vida da população negra enquanto um agente repressor necessário para salvaguardar determinadas situações, mas extremamente embrutecida no que diz respeito a essas ações em relação à população negra, e no carnaval de rua não é diferente.

As abordagens geográficas sobre o corpo como espaço são ricas e variadas. Apesar disso, é possível identificar um traço comum entre elas, interpretam sujeitos cujas marcas corpóreas trazem implicações desvantajosas nas experiências espaciais. Os sujeitos que reivindicam o direito a seus corpos sentem sua carne atravessada pelo poder que subjuga sua existência espacial. Os corpos marcados não gozam do privilégio da transcendência que homens brancos, heterossexuais alcançaram (CAMPOS & SILVA, 2020, p.106).

Presenciei uma vez a truculência da polícia em relação a um homem preto em situação de rua que tava se divertindo e o defendi, ouvindo da polícia que eu era responsável se ele roubasse alguém (era um cara conhecido e que tava apenas dançando e bebendo).

Sim, umas das violências mais evidentes no carnaval de rua está relacionada a polícia militar, que em muitas situações usa de força exagerada para manter a “ordem”. Em uma situação observei um PM iniciar uma briga com folião, para justificar uma ação de todo o pelotão e gerar uma pancadaria geral em meio ao bloco. Tentando assim acabar com a festa.

Essas táticas de forçar conflitos, escolher alvos com “possível periculosidade” nunca são sinceras e raramente tem o efeito de proteger a população. A PM não só traz mais medo a situações críticas no Carnaval e nas comunidades, mas assentou a sensação de que o corpo negro pode ser a qualquer momento mutilado, controlado ou sequestrado diante de alguma possível “infração”.

Já presenciei cenas e acontecimentos racistas no carnaval de rua. Já vi componente negro ser retirado da bateria, já vi vereador se referindo aos negros no Carnaval como “café”, que “todo mundo gosta, por isso não existe racismo”, disse ele, em audiência pública na Câmara de Vereadores. Já presenciei atitudes racistas e repressoras da Polícia Militar, Guarda Municipal e Prefeitura Municipal.

O racismo existe dentro do Carnaval e é necessário entendermos como ele funciona em todas as suas instâncias, desde a proposição da festa, dos debates durante

o ano, durante os eventos, nos arrastões, nas exclusões, nos empecilhos do poder público, ele está presente. Faz-se necessário entender que esta estrutura racista que perpassa a matriz social brasileira também irá se manifestar em territórios negros, em festas negras e em espaços originários de negritude de toda a ordem. Para combater o racismo estrutural são necessárias estratégias, são necessários entendimentos de quem somos e para onde vamos, uma identidade racial que nos permita estar de olhos e coração abertos para entender que o carnaval de rua é negro e nele temos que estar, por direito, por ancestralidade e por resistência.

4. A MINHA ALEGRIA ATRAVESSOU O MAR.

4.1. Identidade no carnaval de rua.

De uma forma mais descritiva, toda identidade se define por um conteúdo compreendido em termos de caracteres diferenciais percebidos a partir de perspectivas diferentes, e que podem incluir igualmente aspectos de ordem física ou psíquica, material ou intelectual. Assim, a identidade se exprime e se comunica de maneira externa e externa, através de práticas simbólicas e discursivas (LE BOSSÉ, 1999, p.162)

Você se identifica com o carnaval de rua de Porto Alegre? Por quê, como e em que aspectos?
--

A amplitude e as diferentes possibilidades de identidade e identificação dão conta de processos que atravessam os sujeitos, que os transformam, que os reconfiguram e organizam no espaço, pois é uma prática, seja no campo simbólico, discursivo e espacial. Se identificar ou não com algo pode ser bastante subjetivo. O conceito de identidade nos traz uma importante reflexão acerca de quão nós enxergamos em um meio, em um lugar ou em um território, assim como quão e como nos vemos espelhados nas ações culturais que modelam nosso ser. O Carnaval de rua de PA atualmente é um carnaval embranquecido, com forte apelo comercial onde pessoas brancas muitas vezes não o associam a negritude enquanto matriz.

Todas as formas de identidade geográfica são locais e territoriais? todas as identidades assumem necessariamente uma forma especial e são conscientemente representadas? Podemos pensar em sociedades e não afetadas pela modernidade, Que tinham uma consciência diferente de sua relação com o espaço e cuja identidade foi, por isso mesmo, inadequadamente referida pelos critérios do observador ocidenta (LE BOSSÉ, 1999, p. 178)l.

Não mais, pois há um notório embranquecimento dessa expressão.
--

Não. Vejo como um evento feito por brancos para brancos.
--

Essa falta de identificação apontada traz à tona um processo que distancia o carnaval de rua de sua população, seja pela exclusão geográfica onde pessoas negras periféricas são afastadas da possibilidade de propor a festa ou até mesmo de vivenciá-la. Um carnaval feito de brancos para brancos pode ser considerado até mesmo uma generalização, mas em se tratando das ações do poder público que não interage com as necessidades da negritude para o fortalecimento do evento, é constituído em sua maioria por pessoas e principalmente homens brancos que não entende realmente a dimensão do carnaval para o povo preto, pode sim ser considerado um carnaval feito de brancos para brancos.

Porém algumas pontes ou pontilhões ainda permanecem íntegros e ligam o carnaval de rua à população negra da cidade. A Turucutá pode ser um desses exemplos,

que mesmo com uma grande porcentagem de membros e foliões brancos, busca estabelecer esse diálogo entre o carnaval embranquecido e sua negritude de raiz e cotidiana. Isso ocorre através da porta que é aberta inclusive para pessoas negras terem seus contatos com o carnaval de rua.

Meu contato com o carnaval de rua de Porto Alegre, realmente começou com a Turucutá. Isso ocorreu porque nunca passei o carnaval em Porto Alegre, na minha infância e adolescência passava o carnaval no interior, depois passei dois carnavais no Rio de Janeiro, e atualmente passo o carnaval na praia. Mas sempre participando do carnaval de rua, atualmente na praia desfile em duas escolas, uma como integrante de ala e em outra como integrante da bateria

Assim, a ponte que ainda coloca negros e negras como protagonistas de um carnaval cada vez mais embranquecido se solidifica com a presença de pessoas que entendem o significado e identidade do carnaval como suas e marcam sua presença no território, nos ensaios, no convívio e na luta.

A identidade é uma construção social e histórica do “próprio” [do *soi*, do *self*] e do “outro”, entidades que, longe de serem congeladas em uma permanência “essencial”, estão constante e reciprocamente engajadas e negociadas em relações de poder, de troca ou de confrontação, mais ou menos disputáveis e disputadas, que variam no tempo e no espaço (LE BOSSÉ, 1999, p. 163)

Me identifico como disse anteriormente, por afinidades identitária, políticas e espaciais.

Para a população negra da cidade talvez não haja total identificação com o carnaval de rua ou com os locos que atuam na região central, no entanto existe uma quantidade de pessoas negras que ali se mantem trabalhando para que este carnaval seja ainda negro e de certa forma até sagrado que permite tomarmos posse de uma cidade que nos construímos e mantemos com nosso trabalho e sangue.

Esses agrupamentos compostos por descendentes de Africanos, por sua vez, manifestaram através de suas práticas, fantasias, composições e falas, sua forma particular de situar-se no mundo e de entender a realidade. validamente incluído na cultura regional, o negro buscou maneiras de inserir-se, de pertencer à identidade local, idealizada no mito do gaúcho (GERMANO, 1999, p.2018).

Sim, me identifico, pois é uma acontecimento extremamente popular que permite “tomar posse” da cidade.

Tomando posse deste território, podemos chegar a nos sentir pertencentes, pertencentes a nossa própria trajetória e caminho ancestral, pois onde há negros há um território negro, aquilombado e representativo que gera identidade e pertencimento.

Com efeito, podemos entender o carnaval como um tempo-espaco complexo, não unidimensional e permeado por tensões ao longo da história do País e em seus diferentes formatos. No entanto, em um olhar

macro, podemos entendê-lo como um território possível para que negras e negros possam expressar suas 24 subjetividades diante da segregação a outros espaços, tocando seus tambores, dançando suas danças e celebrando suas tradições. Isso não isenta as tensões internas, porém, salienta uma das dimensões. A ideia de território pode ser direcionada ao carnaval na medida em que esse se configura como um espaço de pertencimento (CONCEIÇÃO, 2019, p.23).

Minha participação no carnaval de Porto Alegre iniciou após minhas participações com a turucutá. Antes disso, apesar de sempre pertencer ao carnaval nunca estive inserida na cidade de Porto Alegre. Hoje, me sinto como participante do carnaval, após participar dos últimos três anos no arrastão da turucutá e frequentar as saídas de diversos outros blocos da cidade.

Pertencer também pode ser considerada uma forma de identidade, uma identidade que se estabelece quando mesmo que poucos, existem e estão ali, negros e negras buscando significar e construir o espaço e os valores que são seus, utilizando-se da música, do samba e do território com legitimidade e coerência.

Quando chegamos aos territórios das escolas de samba com blocos e ensaios, participando, fortalecendo e somando, também estamos construindo e resgatando a identidade negra do carnaval de rua. Blocos e escolas de samba são dois lados de uma moeda onde podem até ter uma coroa meio apagada, mas a cara é sempre negra.

Nas quadras de escola de samba sim, praticamente sempre porém nos espaços de blocos de brancos depende muito.

Construir uma identidade para o ator carnavalesco pode ser um desafio, mas quando analisamos através do prisma de uma consciência de classe onde negros e negras de diferentes idades e gêneros conseguem mesmo que em menos número estar presente, propor, fazer acontecer e brincar o Carnaval, mesmo que poucos, muito poucos, ali estaremos e devemos ser respeitados e valorizados também, pois por mais embranquecido que algo seja o negro é bem mais forte.

Me identifico, pois é a forma de cultura que acredito e que valoriza a população negra e suas origens. Me identifico com a sonoridade que se constroem e que permanecem vivas com o passar das gerações. Me identifico por ser uma manifestação popular e construída pelo povo

Uma construção popular é uma construção negra onde mesmo que queiram nos esconder como há séculos o fazem existimos e resistimos a todas as formas de embranquecimento, apagamento de nossa imagem e significância. Os negros e negras ainda são e sempre serão muito importantes na construção do carnaval pois somos o povo e carnaval é do povo e deve ser sempre para o povo.

Este carnaval de rua é construído de diversas maneiras em diferentes âmbitos, territórios, instituições, famílias, comunidades, terreiros, bares e muitos outros espaços de convivência social, em territórios que se hoje não são considerados como negros, outrora já foram apenas nossos. Me identifico com o carnaval de rua da cidade pois este momento é onde eu e muitos outros amigos, familiares, desconhecidos somos mais iguais, mas próximos, mais alegres e como negro, temos a oportunidade de estarmos ocupando nossos lugares, nossos espaços, sejam eles na região central ou na periferia. Penso que minha identidade negra se manifesta na rua, no toque do tambor, do surdo, do couro sagrado, do agogô, do ferro de Ogum, que abre os caminhos em frente aos blocos em que participo.

Os aspectos religiosos do carnaval de rua, as tradições, os toques de baterias inspirados nos orixás e mesmo que não sejam todos os blocos que pensam nestes aspectos, tanto como folião quanto como ritmista, acredito que o Carnaval seja um evento atemporal. Isso pois ele acontece o ano todo em diferentes frentes de trabalho, ensino e ação social, que o fazem um agente político que permeia os 365 dias do ano, com suas pautas, com suas demandas, com seus ensaios, com suas apresentações, com suas produções musicais, áudio visuais e intelectuais me geram uma percepção de acolhimento, de militância, de luta e principalmente de felicidade.

Minha identidade está atrelada ao carnaval de rua de Porto Alegre, tendo em vista que é nele que eu vivo a festa há anos e é nesta cidade que eu encontrei minha negritude, nas ruas do centro, nos carnavais competitivos do Porto Seco, nos sambas de roda, nos pagodes e penso que o carnaval de rua permeia todos estes espaços, com seus blocos diversos, antigos e novos, embranquecidos, mas negros por natureza, pois por natureza o carnaval na cidade é negro. Sou de Porto Alegre e mais do que um Registro Geral e um CEP, pertenço a este espaço urbano, que tem no carnaval de rua uma oportunidade de sermos nós mesmos e assumirmos nossa identidade.

4.2. Representatividade e o corpo negro.

Você se sente representado/representada enquanto corpo negro no carnaval de rua de Porto Alegre? Por que, como e em que aspectos?

Parte das respostas a pergunta sobre representatividade e carnaval de rua de PA dão conta de que este não é representativo para estes negros e negras que participam ou já participaram do carnaval de rua da cidade e entende-se que este fenômeno se dá por uma maioria branca estar se fazendo mais presente, assim como respostas

anteriores que dão conta dos processos de proposição e execução do carnaval feito por brancos para brancos.

Pelo fato de ter me ausentado dos carnavais de rua, não é uma questão sentir-me representado.

Não. Porque os negros aparecem em cenário diferente ao que eu apareço .

No entanto, é possível atrelar certa representatividade tendo em vista que ela não deixa de existir por completo.

Parcialmente. O atual carnaval de rua foi mercantilizado, com isso entram patrocínios, publicidade e ideias distorcidas sobre a festa em geral. Logo, existem blocos negros, mas o público por vezes não é. Ou o repertório, ou poucas pessoas negras, é complexo. Por isso, parcialmente.
--

Parcialmente, visto que ainda falta maior participação das escolas de samba no meu ver. Parte é culpa dos organizadores do carnaval de rua pela ausência de uma vontade e parte culpa das próprias escolas, pois não aproveitam melhor quando são chamadas.

A existência de blocos que buscam fortalecer seus vínculos com a população negra e com escolas de samba demonstra que é possível aumentar essa representatividade com boas políticas públicas e maior congregação das entidades carnavalescas, assim como uma revisão do caráter comercial do Carnaval que deve existir, tendo em vista que é um setor econômico importante para a cidade, para o Carnaval e para populações que vivem desta festa e sua renda, mas que ainda precisa ser melhor elaborada para ser mais real para todos e todas as pessoas negras amantes da festa.

Assim é possível também enxergar essa representatividade, tendo em vista que

Sim, acredito que o carnaval da cidade é um evento em que a maioria dos frequentadores são pessoas negras. Após conhecer alguns espaços como quadras de escolas de samba e territórios negros como o Areal da Baronesa pude aprender um pouco mais da história do carnaval e conviver com as histórias e lutas das pessoas que o compõem.

A representatividade não se encontra em todos os momentos, blocos ou ensaios, mas existem nos espaços onde os vínculos entre blocos e escolas de samba são mais contundentes e a população negra é mais protagonista.

Na escola de samba e eventos de escola de samba sim. No areal da Baronesa sim, no bloco do isopor sim no sentido de serem espaços pensados e executados por gente preta

Mais uma vez o Areal da Baronesa e o bloco do isopor aparecem como referências de negritude nos territórios do Carnaval, tanto como resistência, público e composição geral, de histórias e geografias. As escolas de samba são também grande centro de convergência no que diz respeito a essa representatividade, quase escassa em alguns espaços, mas ainda persistente e existente e outros.

Me sinto representado, pois, essa expressão cultural conversa com valores da população negra e suas origens.
--

Seja pela cultura, pela geografia ou pelas narrativas de cada território a representatividade consegue ser observada no carnaval de rua da cidade com especial atenção para escolas de samba onde os terreiros do samba são assentados ou a blocos onde a ancestralidade é evocada e praticada com o intuito de fortalecer os vínculos identitários, tornando possível a existência representativa da população negra no carnaval de rua.

Pode-se dizer que é possível sentir-se representado em alguns aspectos e em outros não. A representatividade em alguns blocos é visível, como no Bloco da Banda da Saldanha, tradicional bloco da cidade que não sai no carnaval, mas ocupa a Orla do Guaíba em duas datas por ano e leva milhares de negros e negras pra curtir um carnaval de rua fora de época. Mas acredito que representatividade seja um conceito mais amplo e que quando existem poucos negros e negras em um bloco eu penso que ao menos eu e quem sabe alguns poucos amigos negros estando ali, estamos ocupando um espaço que é nosso e que nada mais importante que pessoas negras em espaços embranquecidos para que nossas pautas não sejam invisibilidade e nossa representatividade seja respeitada, mesmo que em uma escala menor do que o ideal.

A representatividade pode estar em diferentes manifestações no espaço geográfico e histórico. Ao pensar se me sinto representado no carnaval de rua de porto alegre, uma análise superficial poderia trazer a resposta imediata de que não, tendo em vista que por meios sócias excludentes dentro dos territórios onde o carnaval de rua acontece com mais força na cidade, os negros e negras por vezes estão longe de serem majorias. Contudo, em primeiro lugar, acredito ser importante observar que, mesmo em blocos embranquecidos em foliões e participantes, as conexões socioespaciais estabelecidas são atravessam muitas das diferentes realidades que o Carnaval pode manifestar e reestabelecer no território. Assim, pode-se pensar em uma multiterritorialidade, que não se enquadra em uma formatação específica, mas que:

Geograficamente falando, pensar multiterritorialmente significa pensar tanto em múltiplos poderes (ou "governanças") quanto em múltiplas identidades (em espaços culturalmente mais híbridos) e mesmo em múltiplas funções (a "multifuncionalidade" econômica) - em síntese, um debate complexo em prol da perspectiva maior de construção de uma outra sociedade, ao mesmo tempo mais universalmente igualitária e mais multiculturalmente reconhecadora das diferenças humanas (HAESBAERT, 2007, p.42).

Os vínculos dos blocos com as escolas de samba, com os quilombos, com lugares ancestrais de pertença e representatividade negra também auxiliam a me sentir representado, também territorialmente. Como participante de blocos onde a maior parte da bateria é branca e expressiva quantidade de foliões brancos e brancas, penso que quando estes blocos estarem ocupando espaços simultaneamente com escolas de samba, quilombos e movimentos que pautam a luta antirracista nos traz uma aproximação territorial que passa do simbólico e reflete nas relações de empatia e vínculos comunitários. Os laços de amizade, comunicação, política e, principalmente, compartilhamento de experiências festivas e de celebração, ao meu ver, se conectam com expressões de cooperação tendo em vista que o personagem principal desta narrativa é o carnaval de rua.

Em segunda análise percebo que quando os poucos pretos e pretas de blocos embranquecidos ocupam seus espaços de direito, sabendo-se que o Carnaval na região central pode ser entendido como uma manifestação de cultura negra em todas as instâncias, estes espaços são nossos. São de negritude, mesmo em espaços onde o carnaval de rua possui mais acessibilidade a pessoas brancas de classe média.

Assim, se não percebo enquanto negro a representatividade que me seria mais aquilombadora e acolhedora, busco ocupar meus espaços da melhor, mais negra e potente forma, sabendo da importância de ser negro em todos os espaços que manifestam a cultura negra, física, territorial, artística e simbolicamente. Negros que queiram e possam tem a total legitimidade de ocupar todos os espaços cabíveis dentro do carnaval de rua e se esta representatividade não existia ela passará a ressurgir.

4.3. Pertencimento e carnaval de rua.

Você se sente pertencente ao carnaval de rua de Porto Alegre? Por que, como e em que aspectos?

Mais uma vez as respostas demonstram uma certa escala de respostas onde inicialmente não existe esse pertencimento, tendo em vista afastamentos ou tempo de carnaval,

Hoje, não mais.

Não. Passei a frequentar o carnaval de rua de Porto Alegre a pouco tempo.

Porém, demonstrando que sim, existe um certo nível de pertencimento dos entrevistados ao carnaval, se tratando de mais um componente onde o carnaval de rua das regiões centrais se fortalece como um território negro e importante. Um primeiro elemento a ser destacado é quando negros e negras se fazem presentes em lugares dentro dos coletivos que propõem e constroem o carnaval de rua na ponta da lança.

Sim, sinto pertencente principalmente por fazer parte de um grupo propositor e que de certa forma colaborou para a retomada da festa na cidade, por mais que existam conflitos, afetuosos e divergentes.

Mesmo tendo em vista todos os percalços socioeconômicos, raciais e políticos quando homens e mulheres negras ocupam estes espaços, nossa visão passa a ser estabelecida, atualmente, com maior visibilidade em certos núcleos. O carnaval de rua de PA por ser uma festa embranquecida necessita que ali estejamos também, fortalecendo nossas pautas, dores e amores e cores. Assim, existem muitas formas de se fazer pertencer para resistir ou sentir-se pertencente para resistir.

Sim, fazer parte de um bloco de rua é uma forma de pertencer ao carnaval de rua. Levando a história do carnaval ao povo que assiste, a energia e a música.

Levar a energia, a música e a história do carnaval para a rua. Ocupar o espaço público é uma tarefa árdua e cheia de vieses que por vezes dão vontade de desistir. Para homens negros que são ainda maioria nos espaços de poder do Carnaval pertencer e ser um homem em um espaço embranquecido tem um significado, mas para as mulheres não é o mesmo.

Não completamente, não em blocos de mulheres brancas, não em blocos criados por gente branca, não em blocos que se apropriam de cultura nordestina...

É importante ressaltar essa forte diferença de gênero no que tange o pertencimento da população negra, pois certamente homens e mulheres negras terão uma relação diferente com os espaços de poder e territórios, tendo em vista o tangenciamento interseccional que existe diferenciando-os na estrutura do patriarcado, conseguindo desfavorecer em muito a vida das mulheres negras que são as pessoas que sustentam mais as estruturas com seu trabalho, esforço,

maternidades e afetos, mas que mais sofrem mais os efeitos nefastos do capitalismo e patriarcado na pirâmide social.

Sim, me sinto pertencente por poder também ajudar a construir e levar a diante os valores do povo negro, a música negra, as histórias. Poder ter um papel ativo na construção do carnaval

O papel de protagonista no carnaval de rua é um destaque importante no que diz respeito ao pertencimento da população negra ao carnaval de rua. Isso tendo em vista que quando somos protagonistas de nossa própria história entendemos o significado de ser negro em uma sociedade que todos os dias escancara sua incapacidade de conviver com a diferença.

Ter um papel ativo no Carnaval para os negros entrevistados pode ser uma das diferenças em conseguir resistir e se posicionar em ambientes que mesmo embranquecidos, necessitam aprender a conviver com a negritude que compõe, propõe, brinca, resiste e pertence ao carnaval de rua, pois dele o é. Mesmo que a vida siga outros caminhos, lembranças e significados, marcas dos territórios permanecem.

4.4. Os lugares do Carnaval.

[...] pouco se fala do carnaval em Porto Alegre. Se perguntarmos o porquê, uma das respostas seria a forte herança europeizante do Rio Grande do Sul. Poderíamos avançar um pouco e descobrir, no silêncio sobre o carnaval, o silêncio, na verdade, sobre determinado grupo social nele preponderante: os negros. Calar-se é, portanto, negar a existência de uma forte herança cultural negra em Porto Alegre (PMPA, 1992, p. 07).

Qual o melhor lugar para fazer carnaval de rua em Porto Alegre? Existe o melhor lugar para se fazer carnaval? Por quê?

Descentralizado, orgânico dialogando com a região do bloco.

Ao pensar formas de se fazer o carnaval de rua na cidade de PA percebe-se que existem as mesmas diversidades de pensamento em relação ao pertencer e as relações identitárias. Mas o que sabemos também é que o Carnaval pode ser tudo isso e muito mais e que ele é a própria espontaneidade e criatividade e primeiramente precisa sempre estar atrelado a organicidade de seu nascimento, de seu cultivo e de sua história e de seus territórios, regiões e lugares.

Acredito que o ideal é que o carnaval aconteça de forma descentralizada e orgânica, dialogando com a própria região de cada bloco.

Descentralizar o carnaval de rua é uma possibilidade que gera identidade e pertencimento, quando a comunidade consegue se sentir viva, mais capaz, pois expressa suas raízes e dores no seu espaço, no seu lugar, no seu espaço, no seu beco, na sua vila, lá deve estar o carnaval também.

O meu lugar
É cercado de luta e suor
Esperança num mundo melhor
E cerveja pra comemorar
Música: Arlindo Cruz

A região onde habitam os lugares são importantes nos significados dialogando de forma constante com as diferentes dinâmicas do espaço urbano. Isso na perspectiva do carnaval de rua é visto de forma muito frutífera pois estabelece diferentes redes de conexões entre diferentes atores da festa, o que corresponde a intercâmbios que geram e debatem cultura, política, que debatem a cidade, que criam a partir dela e a ocupam por amor não só ao carnaval, mas também amor pela própria cidade, por isso também o carnaval de rua é tão importante e deve ser levado a sério.

No entanto, a região central da cidade é o espaço de melhor e mais fácil acesso para um maior número de pessoas e foliões, contando com importante estrutura de serviços e transporte público. Cidade Baixa, Menino Deus, Bom Fim, Centro, Santana, Floresta (4º distrito) são bairros da região central que possuem diferentes formas de estrutura capazes de receber eventos carnavalescos com bom nível de acesso a diferentes regiões mais afastadas da cidade.

Melhor lugar para o carnaval de rua é a rua. A região mais central possível.

O melhor lugar é um local central de fácil acesso, como a cidade baixa, orla e centro

Atingir mais pessoas é uma necessidade da cultura como um todo, mas que necessita de planejamento e política pública para que os acessos às estruturas necessárias sejam mais democráticos entre proponentes e garantam a autonomia dos blocos.

Acho que o carnaval tem que ser realizado em lugares onde a população atingida vai além dos simpatizantes e frequentadores dos blocos e escolas de samba. Acredito que dessa forma o carnaval de rua atingiria e contaria com o apoio de mais pessoas.

Por experiência, eu julgo ser o lugar mais adequado a Av. Augusto de Carvalho, entre a orla, cidade baixa e centro histórico. A orla do Guaíba não é de todo ruim também, e a Aureliano, trechos do Centro Histórico e João Alfredo junto com o Largo Zumbi, no meu entendimento, são espaços adequados SE estiverem com uma estrutura garantida. Ao que me parece, ainda

falta um entendimento tanto para os propositores quanto para o público frequentador do que é Qualidade X Quantidade. Algumas iniciativas têm pensado no Conforto, deslocamento, segurança, pré e pós evento, e por mais que o evento aconteça em determinado horário e local, a cidade (os órgãos públicos) deve entender que aquele dia, naquela determinada região vai ter uma movimentação atípica, e não somente no local da festa.

Todas estas questões devem ser analisadas também pelo prisma que o deslocamento para região central da cidade é muito caro para as populações de periferia, o transporte público nem sempre corresponde às necessidades de eventos de grandes proporções, e ao atingir uma região maior o carnaval de rua poderia estabelecer conexões de transporte público mais acessíveis, podendo ser evento menores e em maior quantidade e com até mesmo mais qualidade.

Acredito que não existe melhor lugar, o carnaval deve estar onde as pessoas estão. Nesse contexto, em Porto Alegre, acredito que o evento deve ocorrer em locais mais centralizados e acessíveis a todos.

o melhor lugar é onde a maioria da população tenha acesso fácil e seguro. E também acredito que eventos descentralizados são importantes.

Assim entendo que o melhor lugar a se fazer o carnaval de rua deveria ser pensado de maneira a abranger carnavais descentralizados enquanto política pública do Município, mas que permita grandes eventos na região central com o mesmo empenho e apoio. Descentralizar e centralizar o carnaval de rua são perspectivas que se somam a necessidade do amplo acesso da população ao carnaval de rua.

Assim, respeitar-se-ia de forma mais orgânica e regional os territórios de Carnaval, mas também se reconfiguram territorialidades diversas, novas, mais efervescentes culturalmente. Valoriza-se a espontaneidade e criatividade local, amplificam-se movimentos centrais e a cidade e sua população é quem ganham com essa transformação do espaço através do Carnaval. Pessoas dando vida a cidade.

Não existe melhor lugar para se fazer carnaval, o carnaval é uma forma de expressão que se concretiza com a reunião de pessoas e o lugar se transforma em palco devido essa reunião. São as pessoas que dão vida ao carnaval

O lugar é um espaço geográfico que significa, que gera em si uma reflexão disruptiva do básico cotidiano, mesmo que este faça parte do mais íntimo "estado de espírito" do ser seja em qual espaço geográfico este lugar esteja inserido e haja a interação deste "homo sapiens" com este espaço. Essa percepção do lugar traz inúmeros pertencimentos, do territorial, psicológico, subjetivos, temporais, assim como pode trazer medos, amores, dores, alegrias, sofrimentos e temores, pois o lugar pode ser de um único momento vivido e de todos os não vividos.

Assim, penso que o melhor lugar que existe para se fazer Carnaval em porto alegre em primeira instância é o lugar onde os atores carnavalescos assim o queiram. Isso tendo em vista que as escolhas dos lugares tanto por atores carnavalescos quanto por agentes públicos é sempre atravessada por um processo histórico e racial. A aceitação ou não de um bloco ou outro de atuar em um lugar geográfico seja em ensaios, sedes, quadras, ruas, praças e largos deve ser respeitada dentro dos parâmetros legais tendo em vista que para este bloco o lugar possui um significado, uma territorialidade, um vínculo, um afeto e muitos outros atravessamentos simbólicos e espaciais que não são do alcance de pessoas a quais não pertençam ao processo identitário vivido no cotidiano de quem ama e faz Carnaval, mas que coabitam o mesmo espaço que outrora já foi completamente carnavalesco em essência, como a região central de Porto Alegre.

Tendo em vista que esta região é historicamente uma região de negros e negras, famílias, clubes recreativos, escolas de samba, bares e ruas se tornaram lugares onde existem múltiplas formas de se fazer Carnaval a variar com as identificações dos atores. No meu caso, como uma ator que auxilia de forma direta na execução de atividades ligadas ao carnaval de rua, acredito que a região da orla do Guaíba mereça especial atenção como um bom lugar para se fazer Carnaval na cidade, tendo como dispersão sempre a rótula das avenidas Presidente João Goulart com Loureiro da Silva, mais próxima o possível do Centro Histórico, Usina do Gasômetro e com acesso a transporte público.

Outro espaço interessante, outrora já foi ocupado pelo carnaval competitivo da capital. A Avenida Augusto de Carvalho, possui metragens e características que a fazem um espaço muito especial para se fazer carnaval de rua, pois possui ampla área de evacuação, acesso a transporte público, ao lado do centro, da Cidade Baixa e do menino Deus, Shopping Praia de Belas. Ambos os lugares são favorecidos para acesso a zona sul e a linhas de ônibus Transversais da Carris que possibilitam baldeações. Porém, tudo isso depende muito mais das questões com os agentes públicos e atores contrários ao carnaval de rua do que necessariamente a vontade dos blocos. Muitos blocos gostariam apenas de poder sair na Cidade Baixa, nas suas ruas históricas, próximo às suas trajetórias de vida carnavalesca e identidade.

No entanto, esta é a contradição que faz com que não exista necessariamente o melhor lugar para se fazer carnaval de rua, pois blocos possuem uma identidade e pertencimento que as burocracias da máquina pública pouco ou nada conseguem considerar. Assim como alguns moradores e até mesmo comerciantes que são contrários ao carnaval de rua na Cidade Baixa, por exemplo, a cidade tem dificuldades estruturais

de entender que o melhor lugar para se fazer carnaval de rua em Porto Alegre é aquele ao qual o Carnaval pertence, indiferente de ser em uma rua, quilombo, escola de samba ou em um cortejo de oito horas.

5. DEIXA O MEU POVO SER FELIZ!

Se dá polícia apanhei por preconceito
Chegou o dia que apanho de prefeito
Samba Enredo: Embaixadores do Ritmo, 2018.

5.1. O carnaval competitivo e o Complexo Cultural do Porto Seco.

Nesta capital, a festa já esteve presente em diversos lugares, diferentes espaços públicos e privados tendo sua história remetida ao ano de 1772, ano de fundação da cidade (CORREA, 2011, p. 156). Seja nas avenidas do Centro Histórico, nas ruas da Cidade Baixa, Menino Deus, Bom Fim, Farroupilha, Santana, Rio Branco e Floresta. Bairros centrais da cidade que aos poucos sofrem diferentes disputas e são "limpos" dessas festas. Ao longo dos últimos cem anos o Carnaval da cidade passou por muitas mudanças e alterações espaciais e principalmente territoriais.

Alterações essas que acompanharam diferentes momentos urbanísticos na história da, então hoje, metrópole. Estes processos serão largamente discutidos neste texto, tendo em vista que existe uma territorialidade intrínseca nesses movimentos higienizadores e segregacionistas que a cidade vive no espaço-tempo. A história da cidade pode ser facilmente interpretada como uma história de exclusão, colonização e urbanização de populações negras e indígenas, que ainda acontece e não tem perspectiva de cessar. A perseguição a quilombos, vilas, casas de religião de matriz africana, e a polícia na periferia, são apenas alguns dos obstáculos enfrentados pelos negros e negras porto-alegrenses na trajetória do município. No que tange o Carnaval, não foi nada diferente.

Os locais dos desfiles na cidade são historicamente itinerantes e nunca tiveram uma estrutura fixa. Inicialmente os desfiles eram realizados na Avenida Borges de Medeiros, posteriormente foram para a Avenida João Pessoa, passando para a Avenida Loureiro da Silva, a Perimetral, e após para a Avenida Augusto de Carvalho. Apesar das constantes mudanças dos lugares de realização dos desfiles, todas estas avenidas citadas estão localizadas na área central de Porto Alegre (BITENCOURT, 2016, P. 13).

Talvez a mais brusca dessas alterações espaciais tenha sido a mudança da festa da Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto para o Complexo Cultural do Porto Seco em 2004. Localizado a aproximadamente dezessete quilômetros do centro da cidade, esse controverso espaço é tema de muitas discussões na comunidade carnavalesca. Contudo esse não é o único espaço de celebração do Carnaval na cidade.

Em segundo lugar, observa-se que o Carnaval de Porto Alegre teve variadas características ao longo dos anos até chegada das escolas de samba oriundas das comunidades negras e periféricas da cidade. Tal

segmento da sociedade acessava os espaços centrais da cidade para desfilarem ou assistir suas escolas até a decisão do deslocamento dos desfiles para o Porto Seco (BITENCOURT, 2016, P. 66).

Qual sua percepção sobre a alteração do carnaval competitivo da região central para o Porto Seco?

O histórico persecutório, discriminatório e racista em relação ao Carnaval, quando especializado nos demonstra um conflito territorial de importantes proporções que coloca o poder público no centro da discussão.

A exclusão social foi uma das bases da “modernidade urbana” da cidade e definiu um perverso modo de alteridade, no qual os grupos dominantes estabelecem suas formas de identidade através de uma relação antagônica com as chamadas “classes populares”. Este antagonismo excludente, entretanto, não era nenhuma novidade. Ele já podia ser percebido, por exemplo, nos carnavais da cidade desde o século 19, indicando que certas relações sociais cotidianas eram reiteradas nos dias de festa (GERMANO, 1999, p.8).

Um sintoma do desejo público acerca das expressões negras, que é colocá-las cada vez mais à margem das regiões centrais.

À margem são colocados os negros carnavalescos nesta cidade. À margem de um espaço construído e diariamente mantido por esforço, obrigação, dor e sangue por negros. A dor de todos os dias precisa de expiação, nossa festa é nossa cultura e culturalmente somos muito ricos. Nesta festa, não só o sambódromo ou na rua exprimimos essa potência em alegria. O poder público ao colocar o sambódromo a mais de 17 quilômetros do centro da cidade reproduz o que podemos entender como segregação espacial, racismo estrutural e apartheid cultural tendo em vista o tamanho das estruturas e populações envolvidas neste evento.

Este processo se deu a partir da busca de diversos espaços na região central para a construção de um espaço fixo para a realização dos desfiles. A oposição e a influência de alguns atores fizeram com que a construção nestes locais fosse impossibilitada, através, principalmente, das instâncias judiciárias, restando as opções do Porto Seco, Humaitá e Restinga. Acatando o resultado da votação do CMDUA a Prefeitura de Porto Alegre determinou o Porto Seco como local para execução do projeto (BITENCOURT, 2016, P. 66).

O poder público no que lhe diz respeito, finge ouvir, com os ouvidos, mas não lhe bate o coração. Precisando urgentemente entender o que este evento significou, significa e pode significar para a cidade. O Porto Seco, mesmo a tal distância poderia sim abrigar diferentes projetos, diferentes espaços onde a população da Região Leste e Norte, regiões mais populosas de Porto Alegre poderiam ser atendidas com serviços de

convivências, espaços de cultura, educação e lazer, para além de um real centro de eventos tendo como foco a cultura carnavalesca, negra e periférica da cidade.

Vejo como mais uma maneira de marginalizar o povo preto e sua cultura Foi ruim, acho que é a única atividade cultural realizada nesse espaço. As demais atividades culturais continuaram a ser realizadas em pontos centrais da cidade. Vejo como mais uma tentativa do poder público em enfraquecer o evento.

Porém o que se passa é uma total falta de respeito com o Carnaval e quem o contões, trabalhadoras e trabalhadores que desdenham da cara da população como fez o Ex-prefeito Nelson Marchezan Junior que ao ir na quadra da estado maior da restinga no seu período de campanha prometendo mundos e fundos para o Carnaval, em seus dois anos seguintes de administração do executivo, conseguiu a ser o primeiro prefeito com uma gestão sem carnaval competitivo desde que este passou a existir aproximadamente nos anos 60.

Outro fato relevante é a contribuição de forma inconstante do Poder Público da cidade. Os auxílios se deram em momentos variados, até a fundação da AECPARS, no ano de 1960, quando foi reivindicada uma oficialização do evento junto à Prefeitura de Porto Alegre, que se deu a partir dos desfiles de 1962. Além de inconstantes em relação ao período em que se davam, o apoio também se mostrou variado em relação à forma como acontecia, se dando hora com contribuições financeiras repassadas diretamente para as entidades, hora com a garantia apenas da iluminação das ruas nos dias dos desfiles, por exemplo. Esta situação abriu espaço para os investimentos privados no evento (BITENCOURT, 2016, P. 67).

Bittencourt aponta que a relação do poder público em relação ao Carnaval de Porto Alegre é antiga e tensionada, mas que apresenta variações no espaço tempo carnavalesco da cidade. Assim, o projeto para o carnaval se materializou em um forte exemplo de segregação racial e espacial, enfraquecendo não só os desfiles, mas toda a cadeia produtiva do carnaval competitivo.

Foi ruim, acho que é a única atividade cultural realizada nesse espaço. As demais atividades culturais continuaram a ser realizadas em pontos centrais da cidade. Vejo como mais uma tentativa do poder público em enfraquecer o evento.

Falara de Porto Seco se tornou uma questão complexa que toma uma dimensão enorme quando atinge milhares de porto-alegrenses que vivenciam o Carnaval todos os dias do ano e mesmo os que apenas gostariam de poder desfilarem em um espaço seguro, central e com estruturas condizentes com o amor que sentem pela festa.

Em relação aos atores da sociedade civil envolvidos, é possível afirmar que houve um intenso jogo de poder, onde eles tentavam utilizar ao máximo seus potenciais de influência sobre o tomador de decisão, neste

caso o Poder Público. Portanto, é importante identificar qual o posicionamento destes atores neste processo que definiu o deslocamento dos desfiles das escolas de samba do Carnaval de Porto Alegre para o Porto Seco (BITENCOURT, 2016, P. 67).

O jogo de poder entre agentes públicos, associações de bairro, moradores, e entidades carnavalescas, foi motor da decisão de um carnaval competitivo mais afastado, do que os outros projetos que se referiam aos bairros Humaitá e Menino Deus. Este jogo que nunca é só o que parece é trajado de uma ideia central de um espaço onde moradores e entidades representativas destes também detém um papel importante nas configurações territoriais e conflitos.

O tema Porto Seco é muito caro para aqueles que apreciam as escolas de samba. É uma amostra do que se entende pela ampla ideia de Epistemicídio, conceito da Filósofa Sueli Carneiro, no que diz respeito à discriminação, desvalorização das culturas negras. Onde já existia descaso, se manteve com quase ou sem nenhum apoio, mas pra quem é mais de fora do que de dentro, acho que o poder público têm sua parcela de responsabilidade, assim como as escolas de samba, que ficaram na espera da agenda de efetivação dos projetos destinados.

Um epistemicídio do que para Sueli Carneiro pode ser definido como um processo de negação e inferiorização cultural, mas principalmente que compromete a morte da racionalidade do subjugado.

Para nós [...] o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento 'legítimo' ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005, in CONCEIÇÃO, 2019, p. 97).

Um exemplo de segregação racial e subjugação do carnaval de rua e de manifestações culturais ligadas a negritude em Porto Alegre é o caso do Viaduto do Brooklin. No ano de 2017 um interessante episódio ocorreu quando a Prefeitura Municipal havia liberado o uso do espaço denominado Brooklin (Viaduto Dona Leopoldina), para a saída da Ziriguidum.

Dois dias antes da data programada e já autorizada pelo Escritório de Eventos do executivo municipal, a pedido dos moradores da redondeza, o Ministério Público vetou o evento. Isso gerou grandes contratemplos, tendo em vista que alguns dos patrocinadores

que garantiriam a venda de bebidas, segurança, banheiros químicos, ambulância e limpeza do espaço, localizavam-se exatamente neste espaço. A disputa territorial no Brooklin acontece há aproximadamente dois anos, quando grupos de diferentes movimentos culturais como Slam, batalhas de rima, rodas de samba, blocos de carnaval, skatistas, dentre outros, passaram a reivindicar o uso de um espaço que, além de ocioso, só era utilizado como estacionamento.

O caso ganhou considerável espaço na imprensa local, tendo em vista que os moradores acusam os movimentos de desrespeitá-los com barulho excessivo, sujeira, etc. Alguns bares do local fecharam por falta de público e outros foram fechados pela Secretaria Municipal de Indústria e Comércio (S.M.I.C.). A investigação está nas mãos da Promotoria de Justiça do Meio Ambiente e foi aberta a partir de um abaixo-assinado, somando cerca de 80 assinaturas de residentes nas redondezas.

As reclamações, segundo a promotora Ana Marchesan, têm origem em, pelo menos, dois grupos distintos de moradores, localizados tanto na avenida João Pessoa quanto na Sarmiento Leite. O principal problema, segundo as queixas recebidas pelo MP-RS, é mesmo o barulho, que se propagam mais facilmente na medida em que as atividades acontecem na rua, sem nenhum tipo de isolamento acústico. "Há vários focos potenciais de ruído, como os blocos (carnavalescos), os bares e os eventos de pré-Carnaval", enumera (Jornal do Comércio, disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2018/04/geral/624340-viaduto-do-brooklyn-um-lugar-dividido-entre-a-arte-e-o-ruído.html).

Muitas vezes, em ensaios de blocos e rodas de samba em que estive presente, a polícia militar (P.M.) foi acionada por moradores que se sentiram atingidos pelo excesso de pessoas e música alta. O que ocorre também é que alguns moradores relatam ser este espaço um local de estacionamento de seus veículos. Contudo, a parte do largo onde os carros ficam, no mapa viário de Porto Alegre, é uma área onde é proibido estacionar, além de que é uma continuação da Rua Sarmiento Leite. Muitas vezes as placas de proibido estacionar colocadas pela Empresa Pública de Transporte e Circulação (E.P.T.C.), são retiradas do local.

Além desses conflitos, o espaço ainda conta com uma significativa quantidade de moradores em situação de rua que habitam a parte interna do viaduto. Existe também um ponto de vendas de drogas, um beco onde não raramente alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trabalhadores e moradores e outros transeuntes são assaltados (ver: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2017/11/apos->

estudante-ser-esfaqueadoguarda-municipal-reforca-operacoes-no-entorno-da-ufrgs-cj9sds6zs00az01qgt3jg2vdu.html).



Imagem 4: Roda de samba no viaduto do Brooklin (Fonte: <https://midianinja.org/news/porto-alegre-enfrenta-debate-sobre-ocupacao-dos-espacos-no-brooklin>)

Possivelmente, quanto mais pessoas ocupando o Brooklin, maior a sensação de segurança e menor o número de assaltos. Mas parece que os moradores estão mais preocupados em garantir as vagas para seus carros do que efetivamente ter segurança e cultura ao redor de suas casas, comércios e apartamentos. Os eventos no Brooklin atraíam centenas de pessoas, movimentam a economia dos bares e ambulantes, auxiliava os blocos que não tem como pagar estúdio para ensaios em dia de chuva a terem um espaço seco e iluminado para ensaiar, proporcionam um espaço para muitas manifestações culturais como shows e ainda servem para que ONG's de assistência alimentar para moradores em situação de rua possam distribuir refeições.

Gentrificação, exílio da cultura negra das melhores regiões da cidade

O exemplo do Viaduto do Brooklin, assim como o Porto Seco, respeitando as devidas escalas, são comparações de como o poder público e seus agentes, trabalham de maneiras muito difusas diante das políticas públicas para o Carnaval. No caso da disputa territorial do Viaduto, ela não foi só na retórica. Muitas relações culturais se estabeleciam ali, como um espaço comunitário e musical, com destaque para a roda de Samba do grupo Encruzilhada do Samba, que todas as terças fazia a alegria da galera e sempre buscava respeitar os pedidos da Prefeitura.

Os espaços de alegria são expulsos da região central da cidade, em conflitos onde o diálogo, mesmo quando existe algum, são mediados por outras forças, que fazem a polícia, vigilância sanitária e outros órgãos do poder público brotarem diante de denúncias e reclamações. As pressões são imensas quando falamos de cultura negra e certamente são projetos de segregação espacial, assim como o Porto Seco.



Imagem 5. Foto Complexo Cultural do Porto Seco
(Fonte: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-o-que-se-faz-na-universidade/2019/12/pesquisa-da-ufrgs-conta-como-carnaval-de-porto-alegre-foi-parar-no-porto-seco/>)

a alteração de local foi uma tentativa de enfraquecer o carnaval levando-o para uma região periférica e distante. O poder público decidiu dificultar o acesso e a realização do evento dessa forma. Hoje o Porto Seco é um local abandonado durante o ano inteiro, servindo muitas vezes como local para a prática de crimes, fazendo com que as pessoas em geral não queiram dirigir-se até lá durante o evento pelo medo e insegurança.

Exemplo nítido de segregação racial. A ida do carnaval competitivo para a região do Bairro Rubem Berta, foi um conjunto de erros, mas principalmente um processo de expulsão da maior e mais importante manifestação negra que a cidade produziu. Nos idos do carnaval competitivo na região central, a festa contava com estruturas móveis e era alvo de constantes críticas de moradores e alvo de chacotas por parte da população branca e racista.

Este carnaval contava com milhares de participantes, não só entre as escolas, mas também nas arquibancadas, turistas e visitantes que tinham no carnaval competitivo da cidade acesso a um agente de cultura potente e extremamente bem produzido, do ponto de vista da dedicação e empenho das escolas na avenida e durante o ano todo. Esta dedicação ainda existe, mas muito menos arrebatadora, tendo em vista o descaso com o carnaval competitivo em Porto Alegre. O poder público, os conselhos municipais,

a câmara de vereadores, associações de moradores e até mesmo associações ambientais se opuseram em inúmeros momentos a criação de um complexo cultural na região central, havendo inúmeras tentativas fracassadas de aplicação de um complexo multicultural que pudesse abarcar inclusive atividades e festejos que não fossem somente vinculadas aos processos carnavalescos.

Os projetos foram fortemente atacados, as discussões acirradas e no fim o projeto do Porto Seco venceu, de formas muito questionáveis. Este processo todo nos levou a situações muito desconfortáveis, quando por exemplo, o então candidato a prefeito Nelson Marchezan Júnior foi a quadra da Estado maior da Restinga e bateu surdo como se fosse o maior apoiador do Carnaval e no ano após sua eleição já se colocou com seu discurso reacionário contra a aplicação de verbas públicas no carnaval competitivo. Utilizando-se da desculpa de não haver dinheiro, o sucateamento do carnaval competitivo de porto alegre nos trouxe o inédito acontecimento de no ano de 2018 o evento simplesmente não haver ocorrido.

Para muitos isso pode parecer pouco, mas existe aí uma importante quebra de uma atividade que perpassa o ser carnavalesco na sua essência. Assim como a quebra territorial de transferência do carnaval competitivo para o Porto Seco, a não realização do Carnaval gera uma ruptura nos processos culturais com forte impacto no espaço vivido e nos afetos que são rompidos.

Acreditamos ser possível relacionar os frequentadores dos blocos e os locais em que ocorrem os desfiles na cidade com o nível de interação entre classes sociais distintas na produção de diversidade. Isto é, apesar da condição democrática identificada na realização das respectivas festividades, haveria uma força capaz de potencializar a segregação geográfica produzida por efeitos gentrificadores que materializam as diferenças socioeconômicas na metrópole carioca. Dessa forma, acredita-se que, ao mesmo tempo que é possível identificar redutos em que há elevada interação das mais diversas classes sociais durante esse período, também é possível verificar que pequenas apropriações do espaço público por grupos menores podem transformar a rua-via não em um palco, mas sim na projeção do ambiente privado burguês (SIQUEIRA & VASQUES, 2015, p. 148).

5.2. Carnaval de rua após 2004.

Existem paralelos em relação ao carnaval de rua pós 2004 e o carnaval competitivo no Porto Seco?
--

Certamente é possível dizer que a ida do carnaval competitivo para o Porto Seco trouxe alterações no que tange a geografia do Carnaval. Um exemplo é a readaptação de blocos que já eram vinculados a escolas de samba ou até mesmo eram escolas de samba e preferiram projetar-se como blocos de carnaval de rua.

registro do caso do Bloco Areal do Futuro, que foi criado a partir da extinção da Academia de Samba Integração do Areal da Baronesa nesses anos seguintes à construção do Porto Seco.

Mesmo assim existe a percepção de que essa alteração não foi impactante o suficiente, tendo em vista que o reflorescimento do carnaval de rua parece a priori deslocado da população negra.

Acredito que não, pois o carnaval de rua surge nesse período, mas por agentes que não tem muita ligação com as escolas

Contudo, entende-se que existe sim uma ligação com as escolas de samba que favorece inclusive o surgimento de novos blocos quando as escolas passam a ter suas atividades de criação e execução do Carnaval em alguns níveis mais afastadas do centro, distantes de suas comunidades e até mesmo de seus carnavalescos. Por termos uma população negra considerável habitando o centro da cidade e os arredores, muitas destas pessoas passaram também a investir em estruturas menores, mais sucintas como as dos blocos de rua e que garantiriam sua presença no Carnaval, mesmo que sem o desfile glamoroso ao qual mereceriam.



Imagem 6: Foto Oficina de Percussão Turucutá na Estado Maior da Restinga, com Mestre Guto e bateria (Fonte: <https://www.facebook.com/turucuta>).

eu acredito que sim no sentido e alguns bairros centrais terem ficados com acesso limitado ao porto seco e pessoas se movimentando para criar maneiras e curtir o

carnaval.

Esse movimento criativo faz parte do Carnaval que se remodela e se reestrutura em uma cidade que sempre quis seu extermínio, assim como de sua população negra. O movimento no espaço geográfico criou um território anômalo na região norte da cidade com um centro de eventos precário, de difícil acesso e abandonado pelo poder público, onde escolas de samba que nem sempre possuem grandes condições financeiras necessitam muito mais aporte de dinheiro para dar conta dos trabalhos.

Vejo que com o afastamento do carnaval para o porto seco, uma parte da população que não frequentava o carnaval e que muitas vezes não o fazia por não ter carnaval de rua tão disseminado pela cidade começou a participar. Mudando muito o perfil de público no carnaval de rua.

Carnavalescos que entendem que os blocos também podem ser parte estruturante da festa e que decidiram ficar com o Carnaval na região central, auxiliaram também neste reflorescimento carnaval de rua, mas entendo que o sentido embranquecedor da cidade, somado a necessidade de controle e disciplinarização do Carnaval o colocam como um evento de “brancos para brancos”, mas que em verdade significa muito para a população negra que habita e vive as regiões centrais, os bairros centrais e que ficou também, assim como as populações periféricas segregada do carnaval competitivo.

Acredito que o deslocamento da pista de eventos em 2004 para um local distante do centro, pode colocar em perspectiva uma alteração consistente na dinâmica carnavalesca do centro da cidade. Isso pois o centro, por ser genuinamente carnavalesco e negro, assim como suas adjacências, possui um forte apelo carnavalesco, vide por exemplo que a decida da Borges ainda é um marco no Carnaval da cidade.

O evento atrai milhares de pessoas e antecipa uma pitada do que serão os desfiles na Avenida do Samba. Contudo, penso que esse deslocamento, tenha aberto espaços para que também os blocos de rua obtivessem maior atenção de parte da população carnavalesca que não necessariamente frequenta o Porto Seco, mas que gosta de brincar carnaval na rua e se organiza para tal.

Entendo o Carnaval como um fluxo contínuo no espaço tempo que transita em diferentes temporalidades e possibilidades, o que pode trazer em si uma perspectiva de que mesmo este espaço tendo sido rejeitado para o carnaval competitivo, o Carnaval enquanto signo de representatividade e até mesmo do sagrado negro, permanece incorporado as camadas histórico-geográficas dos bairros centrais, assim como se

recoloca sempre a partir de uma resistência ancestral como uma fonte de vida e força para os negros e negras que ainda vivem e amam a festa nas regiões centrais da cidade.

Assim, percebo que existiu um significativo aumento no número de blocos de rua que em 2004 foram fortificados por uma necessidade de ressignificação do carnaval de rua nos bairros analisados, principalmente Centro, Cidade Baixa e Menino Deus.

A manifestação do Carnaval em suas diferentes formas na cidade de Porto Alegre é um fenômeno cultural muito diverso e com muitos atores que o constroem. No que tange o carnaval de rua, pode-se dizer que:

Hoje em Porto Alegre o carnaval de rua é, indiscutivelmente, uma manifestação cultural associada aos segmentos negros da população, e a sua história está relacionada à trajetória deste grupo social dentro da cidade e a população dos festejos, acentuadamente a partir da década de 1930 (GERMANO, 1999, p. 12).

Associada a isso, existem questões que diferem o carnaval de rua de porto alegre de outras manifestações desta cultura na cidade, como os bailes de sociedades e clubes. Isso se manifesta nos instrumentos musicais, nos cortejos, nas fantasias e na repressão e preconceitos. Assim, os sentimentos e vínculos culturais são extremamente complexos e pode-se dizer que, no que tange a rua como palco desta festa, um fenômeno cultural muito importante para seus atores. Isto pois,

Esta apropriação do carnaval de Porto Alegre pelos descendentes de africanos imprimiu-lhe um caráter particular que articula passado e presente através de vivências e de práticas comuns que vem sendo ressignificadas, transmitidas e transformadas de geração a geração até os dias atuais (GERMANO, 1999, p. 12).

Este legado que articula os tempos no espaço, transmitido de geração em geração, ocorre em uma cidade onde é necessário muita força para se fazer carnaval de rua e manter sua cultura. Em uma busca simples no Google com as palavras “carnaval de rua” + “ano” + “Porto Alegre”, a primeira menção ao Carnaval só aparece em 2014, com a criação do grupo de trabalho para o Carnaval criado pela administração de do então prefeito, José Fortunati.

Já em 2015 a busca apresenta os primeiros dados referentes aos números do carnaval de rua. Neste ano foram 14 dias de festa, sendo 21 blocos oficiais, o carnaval de rua foi feito pela produtora Austral e chegou a 301,5 mil foliões. Abaixo outros dados deste carnaval.

Números do Carnaval de Rua 2015

- 21 blocos de rua

- 14 dias de desfiles e apresentações
- 301.500 foliões
- 197 mil na Cidade Baixa – 13 eventos em dez dias
- 89,5 mil na Orla do Guaíba – 6 eventos em 5 dias
- 15 mil no Centro – 3 eventos em 3 dias
- Zero ocorrência policial durante os desfiles

Maior público

- Orla do Guaíba: 35 mil foliões / Bloco Império da Lã (2 de fevereiro)

Fim de semana com maior público

- Orla do Guaíba: 42 mil foliões / Blocos Filhos do Cumpadi Washington, Da Trinca e Kiridão (21 e 22 de fevereiro)

Infraestrutura do Carnaval de Rua

- 780 banheiros químicos
- Posto de informações aos foliões e aos moradores
- Base de apoio aos cerca de 100 servidores municipais que trabalharam em cada dia
- 2 bases fixas do Projeto Coração no Ritmo Certo (SMS)
- 2 equipes volantes do Projeto Coração no Ritmo Certo (SMS)
- Ônibus de Comando Móvel da Brigada Militar
- Plataforma de Observação Elevada (POE) – Brigada Militar
- Delegacia Móvel de Polícia Civil
- Base da EPTC
- Ambulância
- Equipe do Grupo Austral (responsável pela produção do evento) ;
- Caminhão-pipa (100 mil litros água foram usados para lavar as ruas onde ocorreram os desfiles na Cidade Baixa)

(Fonte: https://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_cidade/default.php?p_noticia=176871&REUNIAO+VAI+AVALIAR+CARNAVAL+DE+RUA+E+PREPARAR+O+DE+2016)

Os dados dão conta de uma estrutura que mesmo não tendo o apoio que deveria ter, se consolida como um carnaval de rua possível, onde centenas de milhares de pessoas participaram, em diferentes dias e territórios da região central. Demonstram também a infraestrutura mínima necessária para que haja um carnaval com segurança e condições de acessibilidade para a população. Com quase duzentas mil pessoas a Cidade Baixa desponta como um importante polo carnavalesco na cidade, sendo, com o perdão do trocadilho, o centro do Carnaval porto-alegrense.

5.3. Centro x periferia?

Como você entende a relação centro-periferia no que diz respeito ao carnaval de rua de Porto Alegre?

Quanto mais brancos o Carnaval atrai, possivelmente sim ele estará mais nas regiões centrais, isso como um reflexo da exclusão racial se sustenta na prática onde o carnaval de rua negro ainda resiste nos bairros centrais, agoniza mais não morre.

Quanto mais público branco atrair, mais central o carnaval é.

Mas entende-se que isso não significa que não exista forte trabalho de carnavalescos moradores de regiões centrais da cidade onde resistem na manutenção e feitura da festa mesmo diante de todos os processos de segregação incorporados na cultura racista da cidade.

A periferia é o local de onde as pessoas não saem para frequentar o carnaval de rua de Porto Alegre como foliões. A região central é de onde essas pessoas foram retiradas.

Essa retirada da região central foi uma das formas de as elites tentarem impor seus ideais de higienização racial e capitalista, mas que não se sustentam no que diz respeito ao Carnaval. Mesmo com a ida do carnaval competitivo para o Porto Seco, o carnaval de rua desponta como uma alternativa forte para que a região ainda seja ocupada nos dias da festa. Esses ideais racistas ainda persistem no que diz respeito a perseguição sofridas por escolas de samba e pontos de referência negros como a Imperadores do Samba, Praiana, Bambas da Orgia e Banda da Saldanha, que além de estarem em pontos centrais da cidade, estão sobre toda a sorte de especulação imobiliária, do Menino Deus ao Quarto Distrito.

Entendo que o carnaval está perdendo o espaço em pontos centrais da cidade. Cito como exemplo as tentativas de alterar as sedes das escolas de samba das regiões centrais para regiões periféricas, para dar espaço a investimentos mais rentáveis para empresários.

A lógica empresarial que domina o pensamento administrativo público e privado não considera a história, o legado a importância sócio cultural dos territórios negros e do Carnaval para a população.

por alguns anos, tive a experiência de fazer parte de um bloco da região central e ainda ter a oportunidade de ir até os chamados carnavais descentralizados, que aconteciam nas periferias da cidade. A periferia quando vem ao centro é para uma breve participação ou não recebe a mesmo prestígio dos blocos da região central.

A periferia por ter difícil acesso ao centro, não consegue se fazer presente em massa, mas isso não significa que este Carnaval não seja seu. Isso pode dizer que não existem projetos de políticas públicas que favoreçam o acesso das populações periféricas, não só ao Carnaval, mas como a outras ferramentas culturais como museus, cinemas, teatros, casas de shows e eventos ao ar livre.

A Gênese do Carnaval é a região central, é a Cidade Baixa, o Bom Fim, o Centro e o Menino Deus, por isso entende-se que mesmo embranquecido, o carnaval de rua de Porto Alegre é negro, pois este é o berço e muitos ainda resistem.

Essa relação está na gênese da cidade e do carnaval, visto que inicia-se em bairros centrais o carnaval na cidade

Essa resistência pautada em um legado de construção centenária da festa por diferentes atores e proponentes negros que concretizaram a tradição do Carnaval em PA é mais do que necessária para a população negra permanecer sentindo-se pertencente e digna de ocupar o espaço público que lhe pertence em uma festa construída por ela mesma.

Acho que os blocos que fazem o carnaval de rua acontecer devem reforçar a presença nas regiões centrais da cidades, especialmente levando-se em consideração o fato de que os desfiles das escolas de samba já ocorrem em local descentralizado na cidade. Não é possível se render a intenção do poder público de marginalizar o carnaval e impedir que tal evento ocorra em regiões centralizadas da cidade.

Da região central ao Sarandi, a Restinga, a Lomba do Pinheiro, ao Rubem Berta, o Carnaval é da cidade e deve ser pensado para todos. É necessário que ocupemos todos os espaços, embranquecidos ou não, mostrando nossa potência e nossa capacidade de planejar, executar e colher frutos de um evento que beneficia a toda a população, que mesmo negro é extremamente acessível e democrático com a população branca e que merece mais respeito. Ocupar tudo é o mínimo que o Carnaval merece e o básico para a valorização da população negra porto-alegrense.

acredito que o centro é importante por ser atendido por várias formas de transporte em caso de um evento mais como o desfile de escolas de samba. De qualquer maneira é necessário que se faça carnaval em todos os espaços da cidade, eventos, ensaios, muambas e tudo que for possível.

Assim faz-se necessário que o poder público mais atuante e presente nas comunidades, nos barracões, nas instituições e associações de bairro que compõem o Carnaval, para que erros como os cometidos com Ilhota e Restinga não permaneçam sendo a regra e sim um dado de reflexão histórica e geográfica que permita estabelecer uma relação dialógica entre as demandas da comunidade outrora excluída com uma população carente de festa, de carinho e de alegria resultante dos processos racistas urbanos de P.A.

Entendo que esta relação é resultado da política de gestão que a cidade de Porto Alegre utiliza a anos, uma tentativa de higienização social. Excluindo a população mais carente para a periferia. Um exemplo disto é a remoção dos moradores da antiga ilhota para a região que conhecemos hoje como Restinga. Nos dias de no bairro Praia de Belas temos hoje como rugosidade um território negro estabelecido, o quilombo do Areal da Baronesa.



Imagem 7: Atividade Turucutá no Quilombo dos Alpes
(fonte: <https://www.facebook.com/turucuta>) .

Acredito que o carnaval de rua possa ser muito melhor estruturado no que tange a descentralização da festa. Bairros como Glória, Restinga, Lomba do Pinheiro, Morro

Santana, dentre outros são importantes fontes culturais e de Carnaval de excelente qualidade. Tanto no que diz respeito a escolas de samba quanto blocos e bailes.

O incentivo ao carnaval descentralizado é imprescindível para manutenção e ampliação da cultura do Carnaval em bairros que respiram samba e cultura negra nos 365 dias do ano. Descentralizar o carnaval pode significar elos comunitários e identitários que auxiliam a comunidade a se entender como pertencente ao seu território, aos seus lugares e encontra nesta uma fonte de pertencimento, acolhimento, vínculos e até mesmo outras possibilidades de vivenciar a cultura e a força comunitária.

5.4. Uma Geografia do Carnaval Porto Alegrense.

Como você entende como uma geografia do Carnaval de Porto Alegre?

Pensar uma geografia para e do Carnaval de Porto Alegre é um dos maiores exercícios e de responsabilidade desta dissertação. Pensar uma geografia pós colonial de luta e de resistência, que entenda as complexidades dos territórios, lugares, regiões e demais espaços da cidade não é uma missão que se esgote em uma dissertação. Isso pois este carnaval de rua ou o Carnaval como um todo é uma manifestação cultural que extrapola os limites dos espaços geográficos e históricos, chegando a níveis de subjetividades e interações que seriam elementos para análises muito mais longas e até mesmo multidisciplinares.

Mas de uma premissa básica podemos partir para esta pequena contribuição. O Carnaval de Porto Alegre reflete de maneira sistemática a segregação racial que a cidade fomenta.

Existe uma espécie de degradê acerca da geografia do carnaval, quanto mais escuro o público, mais a margem; quando mais branco, mais central.

A margem os que sustentam a cidade e são os principais atores do Carnaval, os que o trazem da cultura e nas veias, os que trazem em suas raízes e que sem estes carnavais de rua e competitivos não seriam possivelmente nem perto do que são hoje. Aí a necessidade da resistência e do incentivo a maior participação negra no carnaval de rua. Uma geografia do Carnaval de Porto Alegre passa pela disputa territorial e resistência, mas também pelo fortalecimento e ampliação deste protagonismo.

Um espaço tentando ser recuperado.

Recuperar e fortalecer os territórios do Carnaval, redefinir e redesenhar uma geografia que nos oprime, mas que na rua podemos estabelecer relações que solidificam a presença negra em todos os espaços da cidade que lhe são de direito. O carnaval de rua, assim como o Carnaval no Brasil, prevê tensões, conflitos, nunca foi completamente aceito pela cidade e ainda tem um longo caminho para ser realmente valorizado como potência urbana.

dentro de uma perspectiva sócio-política, é aquela breve interação amistosa, festiva, sem não mencionar os conflitos e tensões que isso tudo gera. São pessoas, corpos transitando na cidade, com música, instrumentos, adereços e bebidas alcoólicas. Penso que dentro dessa geografia há (dês)entendimento ou interpretação do que é liberdade e do que é libertinagem (não querendo fazer um juízo cristão). A festa por si só já é tratada como algo a ser revertido, expansivo e tanto parte dos foliões/integrantes quanto quem não participa e vê de fora, pensam e ou praticam essas ideias.

Atualmente a tentativa de descentralizar o carnaval com o Porto Seco que não passa de uma manifestação espacial do racismo e as ingerências da prefeitura com empresas e produtoras atravessa o Carnaval da cidade, mas o centraliza enquanto maioria do público, mas que possui potências significativas nas periferias como os citados bairros Leopoldina e Restinga, além de outros.

Uma geografia um pouco concentrada nos locais centrais, Cidade Baixa, Centro e orla, com exceção dos extremos norte (Jardim Leopoldina) e sul (Restinga)

Esta manifestação espacial analisada pelo prisma do Carnaval, coloca este paradigma de um carnaval central embranquecido diante de um carnaval periférico empobrecido e abandonado. A ligação entre escolas de samba e blocos é extremamente importante para estabelecer essas conexões, mas no espaço urbano as rugosidades são, por vezes, menos aparentes. Por estar muito afastado, o Complexo do Porto Seco não se torna nem representativo para a maior parte das pessoas que não o conhecem, mas que gostam de Carnaval. Isso novamente é um reflexo racial especializado de um plano que tem dado certo, que é o de descredibilizar e enfraquecer o evento.

Acredito que no passado o carnaval ocorria em um local mais centralizado, com mais visibilidade do grande público. Hoje o carnaval foi levado para a periferia em uma tentativa de marginalizar o evento e afastá-lo dos demais. Hoje, só frequenta os desfiles de escola de samba quem faz parte das escolas ou quem já tenha uma identidade com o evento. Já com relação aos blocos de rua, por ocuparem outros pontos da cidade, possuem o alcance de outras pessoas que simpatizam com o evento, mas não frequentam desfiles.

Em detrimento disso, o carnaval de rua torna-se comercialmente mais interessante para produtoras e até para o poder público quando este está normatizado e disciplinado como uma festa qualquer, produzida e formatada de brancos para brancos. No entanto, o Carnaval de PA não é somente isso.

Espaço de relações humanas ligado ao carnaval e interações de sociedade e meio. Acredito que em Porto Alegre se ensina e se aprende a marginalizar o carnaval a muitos anos mas o samba agoniza mas não morre!

Existe uma narrativa constante que perdura há dezenas de anos que o Carnaval da cidade não deveria nem ser considerado um Carnaval, nem deveria existir, ou pior ainda, invisibilizado pelo racismo muitos dizem que nem temos Carnaval em PA. Contudo não é isso que ocorre, a verdade é que o Carnaval de Porto Alegre resiste bravamente com sua população negra e carnavalesca em diferentes territórios da cidade, em pequenos terreiros do samba e da alegria que não desistem de re-existir.

Entendo como uma forma de espacialização histórica de uma cultura popular negra. Que em diferentes momentos resiste ocupando espaços da cidade. Materializando a festa, registrando na história e reafirmando os valores da cultura negra.

Entendo que não é possível existir apenas uma geografia ou uma história do Carnaval. A pluralidade desta manifestação cultural transcende os conceitos acadêmicos que “encaixotam” subjetividades que são por essência livres. A transgressão, o protesto, o corpo, a dança, o pagão, o sagrado, o religioso, a cor, a dor, a cadência, o samba, a fantasia!

Elementos que não exatamente se deixam anexar pelas laudas acadêmicas e que figuram de diferentes maneiras simultaneamente em diferentes espaços geográficos, históricos e simbólicos. A pergunta feita possui uma falha de digitação que foi negligenciada por mim, o que pode gerar resultados ambíguos tendo em vista que esta deveria se dirigir com a palavra -o que- ao invés de –como-, o que pode ter trazido algum prejuízo de interpretação. Porém para que esta pergunta tão importante possa ser colocada nesta dissertação acredito que tanto em minha escrita, quanto nas respostas do questionário existam muitos pontos importantes a serem aproveitados. Mas como eu entendo a geografia do Carnaval?

No momento em que elaborei esta pergunta estava pensando em dezenas de outras e ainda não entendia que não seria possível estabelecer apenas uma geografia do Carnaval, pois este é múltiplo por gênese. Assim acredito que existam múltiplas geografias do Carnaval, a variar com o tema correlacionado, assim como o

carnaval de rua que estabelece infinitas possibilidades de relações sócio espaciais que atravessam o carnavalesco de forma muito singular e ao mesmo tempo muito social e sempre geoespacializado.

Na cidade de Porto Alegre as geografias do carnaval de rua devem sempre trazer em seu corpo teórico que este é um fenômeno da negritude, que acontece como acontece pois muitos homens e mulheres negros lutaram e lutam, assim como trabalham firme para manter blocos na rua. Do Quilombo do Areal da Baronesa ao Bloco espontâneo e auto-organizado, do carnaval de rua embranquecido ao Arrastão da Saldanha, o samba na rua, os blocos e a festa é sempre negra, na raiz.

Geografar o Carnaval e a rua é olhar para um passado e um presente que manifesta sua história negra e dura, que há décadas desfilam pelas avenidas e ruas da Capital. Tendo em vista isso, essa multiplicidade e diversidade do Carnaval traz consigo os diferentes territórios em disputa, acompanhados de lugares especiais, paisagens urbanas, aventuras nas ruas, perigos, por quê não? A rua de Exu é palco, é via, é história e materialidade, onde acontece o que tem que acontecer, pois de todos ela é, mas muitas regras ela possui.

Não apenas as institucionais que colocam em dicotomia foliões e carnavalescos e “moradores”, como se estes não fossem os primeiros ocupantes das regiões centrais ou como se não pertencessem a cidade fora das atividades de trabalho que sustentam esse país. A rua é do Carnaval e territórios, paisagens e lugares são conceitos geográficos que são imprescindíveis para uma análise espacial que leve em conta toda a multiplicidade de elementos que o carnaval de rua pode oferecer.

6. SÓ TEM UM PROBLEMA NESSE AMOR.

6.1. As referências de Carnaval.

Só tem um problema nesse amor
Só um problema nesse amor
Ele é bamba, ele é bamba
E ela é imperador
Música: Carlos Medina

Quais suas maiores referências de carnaval (instituições, blocos, pessoas, baterias, escolas e tudo que compõe esse universo)?

Minha maior referência em relação ao carnaval de Porto Alegre é a Estação Primeira de Figueira, sediada no Morro Santana, zona leste de Porto Alegre. Esta escola de samba teve seu apogeu na década de 90, onde competia pelo grupo especial de Porto Alegre e tinha sua sede no ainda hoje Campo do Figueira, no Bairro Morro Santana. Contudo, minha referência na figueira nunca chegou a ser participativa, tendo em vista que filho de mãe evangélica, as quadras de escolas de samba não eram permitidas, mas os sons dos instrumentos e fugas furtivas para acompanhar ensaios e muambas na comunidade sempre foram ferramentas que utilizei para fazer parte.

Acompanhava os desfiles pela tv e sentia uma alegria enorme em ver meus amigos e vizinhos festejando sua alegria. Hoje penso ser essa a minha primeira lembrança indenível com o bairro onde vivi até os dezoito anos. O Carnaval se marcou sempre como uma forma de transgressão, de busca por poder pertencer, mesmo que por poucos minutos ou pela televisão a algo maior, iluminado e ancestral.

Tendo o Morro Santana como partida, outras vivências são referenciais para o Carnaval nesta dissertação. As referências no Carnaval trazem força e ancestralidade, trazem as histórias de cada corpo negro entrevistado e de milhares de outros que constroem a festa há anos. Esta festa que transcende as fronteiras do município e chega a região metropolitana como por exemplo a Unidos de Vila Isabel de Viamão que aparece em diferentes momentos da pesquisa. A região metropolitana também possui Carnaval de qualidade e seja com esta escola, com blocos ou tribos faz e fez carnavais muito importantes e representativos para suas comunidades.

Unidos de Vila Isabel (Viamão); Turucutá, Afrosul Odomode e Giba Giba

A Turucutá, objeto de análise deste trabalho desponta como a maior referência de Carnaval dos entrevistados tendo óbvia importância para cada um, mas também, grande importância para chegada de mais pessoas ao carnaval de rua, seja por suas oficinas,

arrastões, ensaios ou shows, a Turu é um dos principais catalisadores atualmente do carnaval de rua e uma referência singular no que tange essa pesquisa. Ao chegar no carnaval de rua pelo Bloco Ziriguidum chego também na linha da Turu, tendo em vista que a “Ziri” é um bloco que nasce de ex integrantes da Turu, principalmente com o carnavalesco Flávio Muller (Guerreiro) co-fundador da Turu e da Ziri.

Num ponto
Quilombola da cidade
Um encontro de amizade
Virou uma batucada
Bateria Joia rara
Experiência de Garra
Persistência desse admirar
Foi assim que um “Guerreiro”
Fez um Bloco caminhar
Música: Turucutá, Batucada Nobre e Coletiva
- Maurício Dorneles e Pâmela Amaro

Mas esse bloco nasce num ponto quilombola da cidade, o que traz a Turu como uma referência de negritude no carnaval porto-alegrense. Nascer no Afro Sul Ododomê é caráter fundante desta coletividade, nascer em um quilombo é para quilombolas e a turu assim pode ser considerada. Neste intermédio temos a Imperadores do Samba como grande referência de samba e Carnaval na cidade, resistência territorial e cultural, berço de grandes sambistas como Carlos Medina e parte simbólica irrefutável da história de PA.

Turucutá e Imperadores do Samba.
Turucutá e Imperadores do Samba.



Imagem 8: Festa de encerramento Oficina de Percussão Turucutá na Imperadores do Samba (fonte: <https://www.facebook.com/turucuta>).

Assim como a Imperadores, a Banda da Saldanha é uma dos espaços amento carnavalescos onde o Carnaval reina junto ao samba, com a presença da Praiana estes territórios do samba estão alocados todos na Avenida Padre Cacique, ponto de tensão imobiliária alocados em uma região de porto alegre com fortes conflitos territoriais tendo que resistir a toda sorte de pressão, realocação e especulação em toda sua trajetória. Resistem assentadas na negritude estas instituições que necessitam ser mais valorizadas especialmente tendo em vista que ocupam espaços na cidade onde a população já as reconhece como sua, seu espaço, seu território, seu lugar.

As maiores referências serão sempre as escolas de samba, tanto do RJ como SP, mas também POA e interior. Mestre Márcio, com quem aprendi bastante coisa, Mestre Brinco, Mestre Guto, são boas referências em termos de qualidade. A Banda da Saldanha não deixa de ser uma referência, musical e de relação com a cidade, por mais que existam características que eu não goste. Os novos blocos são referência também como a Laje, o Areal.

O Bloco do Areal da Baronesa, ou Areal do Futuro, como é o nome do projeto se faz presente novamente como uma referência importante de carnaval de rua na região central, de Carnaval negro e quilombola, alicerçado na ancestralidade da antiga Ilhota e das populações negras que constituem e construíram estes territórios centrais.

O eixo sul era uma área baixa, parte da planície de alagamento do Arroio Dilúvio. Nele localizavam-se o Areal da Baronesa e a Ilhota, que sofriam

constantemente com as cheias do Arroio Dilúvio. O eixo leste tinha uma topografia íngreme, sobre a qual se desenvolveram a Colônia Africana e, posteriormente, a Bacia do Mont' Serrat, conforme pode ser observado no mapa topográfico de 1906 (MACHADO, 2017, p. 101) .

Procuro nesta dissertação enquanto escolha de escrita dialogar com textos representativos na minha trajetória e para o Carnaval. Daniele Vieira Machado traz em sua dissertação um importante contribuição para entendermos os territórios negros em P.A. Areal da Baronesa e Ilhota são componentes espaciais importantes na história do carnaval de rua e sua história merece destaque.

O carnaval do Areal da Baronesa era popularmente conhecido como o “carnaval na areia”, pois as ruas eram de chão batido, um verdadeiro “areião”. A partir de alguns depoimentos, a historiadora Iris Germano nos relata que “as rodas de samba do Areal levantavam muita poeira e, à medida que a batucada e as danças iam “esquentando”, as pessoas ficavam com as roupas e os cabelos empoeirados” (1999, p. 174 in MACHADO, 2017, p. 110).

É neste território que nasce parte significativa do carnaval de rua da cidade. A história do Areal é vinculada a história do povo negro de Porto Alegre. Com suas roupas empoeiradas, negros e negras festejavam o samba em rodas dès dos primórdio da ocupação negra nos arredores da cidade. A seguir, o mapa de composição da mesma autora demonstra a composição territorial do Areal no ano de 1906.



Figura 9. Fonte: Machado, 2017, p.

O mapa demonstra onde eram e quais áreas ocupavam os principais territórios negros em PA no início do século passado. Territórios que hoje, com diferentes processos de urbanização, traduzem que o Areal da Baronesa ainda resiste diante de bruscas mudanças nos cenários urbanos no século XX. Esta é uma das referências, não somente de Carnaval, mas de resistência negra na cidade.

Turucuta, bloco da laje, imperatriz dona leopoldina.

O Bloco da Laje, os lajudos e lajudas, enfeitam a cidade com seu vermelho, amarelo e azul, colorem com dança, forte aparato percussivo e vocal, pontos de batuques, louvação aos orixás e uma expressão visual digna de grandes produções artísticas. Além de minha referência e de poder ter participado já de três arrastões como ritmistas, este bloco proporciona a vivência de estar em um coletivo organizado majoritariamente por uma coordenação negra e com forte respeito aos espaços ocupados, escolha de lugares para o arrastão e ensaios.

Como já falado o Bloco da Laje ensaia no Recanto Africano, colocando em contato direto com a ancestralidade negra da cidade, trazendo para a Redenção, mais amor e energias de festa que não deveriam ter terminado ou iniciado apenas no dia da abolição, mas que devem perdurar e serem lembradas como interfaces de um espaço sagrado e sacralizado todos os domingos pela manhã.

O Bloco da Laje, assim como a grande maioria dos blocos de carnaval atuantes na região central de Porto Alegre, é constituído, portanto, como já mencionado, majoritariamente por pessoas brancas. Conquanto os artistas negros, que compõem a pesquisa, ocupem lugares de protagonismo no coletivo, integrando o seu núcleo diretivo, de produção e atuando como cantantes / puxadores, ainda sim é visível a presença em maior quantidade de pessoas brancas, como integrantes do coletivo e como expectadores nos ensaios, shows e desfiles (CONCEIÇÃO, 2019, p. 33).

Assim, esse protagonismo presente no coletivo, não é o quantitativo no que diz respeito a arrastões, ensaios e público em geral . Os arrastões da Laje são festas imensas, o último teve uma projeção de público de cerca de vinte mil pessoas na região do Largo dos Açorianos. Neste ponto central do município foi feito um dos arrastões mais memoráveis pré pandemia e que será lembrado sempre por ter feito a terra tremer!

[...]podemos entendê-lo como um território possível para que negras e negros possam expressar suas subjetividades diante da segregação a outros espaços, tocando seus tambores, dançando suas danças e celebrando suas tradições. Isso não isenta as tensões internas, porém, salienta uma das dimensões. A ideia de território pode ser direcionada ao carnaval na medida em que esse se configura como um espaço de pertencimento (CONCEIÇÃO, p.24).



Imagem10: Foto Saída do Bloco da Laje 2020, Centro - Cidade Baixa
(Fonte: <https://www.facebook.com/blocodalaje>)

sempre gostei da escola Bambas da Orgia, atualmente por frequentar a quadra da Imperadores, acredito que entre as escolhas de samba essa seja hoje a minha maior

referência. Além da Turucutá que foi minha porta de entrada no cenário de carnaval da cidade.

O Bamba é minha paixão, como diz a música, e é uma paixão de Porto Alegre. Localizado na região do hoje denominado quarto distrito, a escola de Samba Bambas da Orgia é gigante no carnaval competitivo de P.A e uma das mais antigas a compor a constelação de escolas de samba da cidade.

Mas assim como o Carnaval de Porto Alegre é metropolitano e conversa com outras cidades desta região, a festa nacional traz referências que demonstram que é uma festa que no estado do RS tem muita força, cidades como Santa Maria, Pelotas, Rio Grande e Uruguaiana são conhecidas regionalmente por terem estreita história com o Carnaval, o que nos lembra de que a população negra no Estado está entranhada em todos os rincões exercendo sua cultura e seu direito de sonhar.

Minha relação de carnaval é de berço em Santa Maria, sendo meu avô paterno uma figura bem importante nesse sentido. Era um cara que participou da fundação de espaços da cultura preta da cidade. A família toda curtia o carnaval de escolas de samba da cidade através das instruções dele. Lá minha escola chama Vila Brasil, minha família é bem envolvida e a defendi na avenida diversas vezes. frequentava tb carnavais de clubes tendo sido rainha de um e tb ido participar em Bagé da escolha da Rainha do Carnaval do Rio Grande do Sul. Portela é a escola do meu coração e Mangueira uma grande referência

Esta festa que extrapola os sentidos da disciplina e da “ordem” é uma festa também de família, pedagógica e multifacetada, onde todos e todas podem ter seus momentos. A chegada de crianças e famílias a cada evento carnavalesco traduz uma das expressões mais bonitas da festa. A presença de todos os tipos de pessoas congregando no espaço público suas dores e amores torna a festa uma celebração a união de um povo.

As referências que trazem a Turu como principal ponte entre alguns e o carnaval de rua são tidas também como as próprias referências da Turucutá em relação a sua existência. Os acadêmicos da orgia, local de ensaios da Turu durante alguns anos, escola de samba que tem nos bairros Santana e Bom Fim sua comunidade coloca uma ligação importante com a Turucutá, que nasce no Odomodê, é em parte gestada na Acadêmicos e tem sua raiz marcada na Imperadores do Samba, atual quadra onde ensaios, oficinas e muitos outros encontros acontecem todos os anos, unindo a Turu a uma raiz quilombola, negra e que “permanece viva”.

Uma das primeiras referências é minha família e as festas que sempre foram embaladas pelo samba. A Imperadores do samba que foi a primeira escola de samba ainda com 6 anos tive o primeiro contato. Na época que a quadra da imperadores era na esquina da Ipiranga com a Aureliano de Figueiredo, em frente a Zero hora. Também o Afro Sul Odomodê e Acadêmicos da orgia. E desde 2007 a Turucutá

Assim, as referências como escolas de samba, blocos e bailes são essenciais para entender como chegamos ao Carnaval de Porto Alegre que temos hoje, mas sempre é importante lembrar que quem constrói esse Carnaval são pessoas. No caso de uma referência importante os mestres e mestras que solidificam este trabalho seja nos coletivos ou em baterias são lembrados e referenciados, como no caso do Odomodê a Senhora Iara Teodoro e Paulo Romeu Teodoro, referências na negritude da cidade, no samba e no Carnaval.

Outros mestres citados como Mestre Brinco, Mestre Guto e Giba Giba representam neste texto educadores e educadoras, mestres e mestras que trabalham incansavelmente para que o Carnaval de todo o Brasil exista, pessoas negras que em sua bagagem nos trazem suas vivências e saberes ancestrais.

6.2. Fortalecendo o carnaval de rua.

Quais as principais características, pontos fortes, pontos fracos do carnaval de rua de Porto Alegre? Como seria possível fortalecer o carnaval na cidade?

Ao colocar esta pergunta de certa maneira dicotômica é possível perceber que nem sempre as coisas são tão simples, ou tão sim e não. A predominância branca no carnaval de rua de Porto Alegre é um dado posto, no entanto isso não significa que não tenhamos um carnaval diversificado, e heterogêneo nas ruas da capital.

Embora, em termos comerciais, tenha predominância branca no circuito Cidade Baixa, é um carnaval heterogêneo. Muitas expressões em diferentes bairros

Essa heterogeneidade é do Carnaval, é da rua e é do espaço urbano que mesmo normatizado sem considerá-la, consegue transpor na rua e no seu Carnaval as regras que querem lhe impor e que não condizem com suas múltiplas formas de existir.

Vejo o carnaval de rua de Porto Alegre organizado, mas penso que instituições públicas poderiam colaborar mais com a construção do carnaval do que criar empecilhos.

Germano nos trás a perspectiva histórica de que as relações Carnaval e poder público são muito complicadas. Primeiramente em um viés racista a autora coloca que

Em Porto Alegre, os territórios carnavalescos negros marcaram a própria trajetória dos descendentes de africanos na história da cidade. O Areal da Baronesa, a Ilhota, a Colônia Africana e a Cabo Rocha foram territórios que passaram do desprezo ou apreensão do poder público municipal ao

controle e a desterritorialização desses mesmos espaços, com o desenvolvimento da cidade e a urbanização desses locais (GERMANO, 1999, p. 164).

Assim o poder público que é ou deveria ser uma extensão do pensamento comunitário que coloca em prática as demandas sociais possui papel central e infelizmente nada positivo na realização do carnaval de rua. A falta de apoio destes poderes torna as coisas que já são difíceis piores ainda, tendo em vista que quem não ajuda não deveria atrapalhar, mas assim o faz.

Como ponto forte destaco a resistência das escolas de samba para continuarem nos seus espaços e também na realização de projetos para passar o legado aos mais novos, além da realização do próprio evento. Ponto fraco, a falta de apoio e investimento. Todo trabalho é realizado com muita dificuldade.

Termos escolas de samba e blocos como arautos da resistência é extremamente importante para que o carnaval de rua se fortaleça, se consolide mais ainda e cresça para todos os que assim quiserem, mas as péssimas políticas públicas, quando existentes, para o Carnaval dão conta de que este evento precisa ser pensado com mais ímpeto a se entender a cidade nas suas entranhas, nas suas diferentes perspectivas e principalmente territórios.

No entanto, apesar das desterritorializações, esses espaços vem sendo preservados na memória dos carnavalescos até o presente, estabelecendo uma história própria dentro da cidade, um passado comum que é compartilhado pelo grupo. Os territórios carnavalescos negros do passado tem um significado particular especial para o grupo até os dias atuais, inclusive para os mais jovens, que não vivenciaram as sociabilidades e negras ocorridas no interior dos mesmos, mas que compartilham Dos sentidos atribuídos a estes espaços pelo, como lugares de memória e de história do seu passado no interior da cidade (GERMANO, 1999, p.164).

Este significado é mantido por blocos do carnaval de rua como sagrado, muitas vezes. Sendo assim um elo importante de ancestralidade e territorialidade. Os diferentes sentidos atribuídos aos territórios no carnaval de rua, apontam nas memórias dos carnavalescos que atualmente o ocupam.

Ponto forte é que temos inúmeros blocos, várias opções, gostos e estilos. Acho que essa diversidade é um ponto forte. O ponto fraco é a burocratização e impedimentos para a realização das atividades dos blocos, com restrições de dias, horas e locais, o que atinge a autonomia de cada um deles, acho que essas iniciativas reguladores dos órgãos públicos, trazem um ponto negativo para a realização da festa somado ao principal fator que é o apoio da iniciativa privada. O entendimento, a meu ver vai à capacidade de um diálogo em que todos entendam que são responsivos, que haja respeito dos blocos para os órgãos públicos e vice-versa. É possível realizar um carnaval de rua em que o estado esteja presente e de forma mínima (parece um discurso neoliberal, mas não é) que ele garanta parte da segurança e dê orientação ao público e que os blocos também não fiquem esperando que o estado dê verba e estrutura de mão beijada, todos possuímos direitos e deveres e é possível fazer isso de forma

equilibrada.

O “estado mínimo” no carnaval de rua ganha um significado muito interessante, pois ao invés de um poder público burocratizado travestido de democrático deveríamos pensar em uma maneira de se estabelecer relações diretas do Carnaval com a cidade sem necessariamente ter que passar por um escritório de eventos ou secretarias, protocolos burocratas e autorizações infundadas. Os propositores do Carnaval tem geralmente a noção de que é necessária uma estrutura consistente para que haja a festa, mas a prefeitura e seus agente tratam as populações carnavalescas como crianças e além disso invisibilizam as reais necessidades da população negra e periférica em relação ao carnaval de rua em detrimento a um carnaval comercialmente atrativo e embranquecido.

O ponto forte é aceitação da classe média/alta branca da cidade e ponto fraco é ausência negra de participação efetiva

A aceitação desta classe média não é homogênea tendo em vista que boa parte dela nem passa o período de Carnaval na cidade e outra parte abomina o Carnaval enquanto manifestação cultural sagrada. Somada a isso esta mesma classe média branca e racista se coloca diante dos poderes como mandante da cidade, tendo em vista poderes e influências políticas e econômicas que desestabilizam a representatividade democrática no que tange o carnaval de rua, colocando este como marginal, em segundo plano e menosprezando o valor deste para a cidade.

ponto forte eu acredito ser a resistência das pessoas que fazem o carnaval acontecer mesmo com todas as tentativas do poder pública de impedir o acontecimento da festa. Ponto fraco eu acredito que seja a falta de incentivo por parte de uma entidade que represente as escolas fortemente junto ao poder público para que o evento seja valorizado.

As articulações para o carnaval de rua acontecem o ano todo, em fóruns, reuniões e inclusive dentro das esferas do executivo, legislativo e judiciário, mas em uma perspectiva disciplinadora, branca e sempre tratando este evento como um por menor que quiçá nem deveria existir. É necessária forte resistência por parte das entidades proponentes e organizações carnavalescas que também contam com seus conflitos internos e muitas vezes pouca representatividade.

ponto forte eu acredito ser a resistência das pessoas que fazem o carnaval acontecer mesmo com todas as tentativas do poder pública de impedir o acontecimento da festa. Ponto fraco eu acredito que seja a falta de incentivo por parte de uma entidade que represente as escolas fortemente junto ao poder público para que o evento seja valorizado.

O poder público pode e deve se colocar como ouvinte e executor de demandas relacionadas ao carnaval de rua com base em ações condizentes com as reais necessidades dos carnavalescos da cidade, principalmente levando em conta que o Carnaval não é uma forma disciplinada de festa, nem nunca será, é a transgressão que percorre as veias da festa e é ela que move o arrastão.

acredito que o povo de carnaval de escolas em porto alegre resiste com bravura e resiliência todos os anos de descaso dos governos. Acho importante que a população de maneira geral entenda que carnaval é um período importante economicamente para muitas cidades do Brasil e que tb pode ser para a nossa. acredito que as pessoas brancas podem reforçar essa luta mas entendendo que o papel deles não é de protagonismo.

O poder público agindo como impeditivo não se faz representante de toda a população e apenas reforça os discursos racistas de exclusão do povo negro de sua própria cidade. Os blocos por sua vez mantêm um elo com sua raiz e permanecem resistindo territorial e simbolicamente, fazendo suas festas, mesmo que muitas vezes engessados por burocracias, pela truculência das polícias ou normativas que não condizem com as diferentes realidades que cada bloco, cada bairro, cada setor da cadeia produtiva do carnaval de rua pode exercer de melhor.

Essa cadeia produtiva não é restrita a um caráter capitalista, destacando que muitos produtores culturais, ritmistas, escolas de samba, blocos, possuem um elo criativo com diferentes setores da economia e sociais. Este é mais um elemento que diversifica o Carnaval em sua completude e na rua se manifesta de diferentes formas para diferentes necessidades. Sejam capitalistas ou culturais.

Uma das características fortes é a crescente diversificação de blocos que estão surgindo. Tendo como referências as escolas de samba ou outros blocos. Cada um tendo uma identidade diferente, objetivos e lutam pela cultura. Isto ajuda a construir um carnaval para todos. Com ponto negativo temos a pouca fomentação e incentivo do poder público. No sentido financeiro, e principalmente, em ações para dificultar a realização do carnaval nos diferentes modelos em que ele se manifesta. O fortalecimento passa pelo incentivo e pelo fim do preconceito quando o assunto é carnaval e as pessoas que se envolvem com ele. Outro ponto negativo é a mercantilização e a forma como o evento é mercadoria nas mãos de produtoras, que não tem nenhum interesse em desenvolver a cultura. Usam a cultura do carnaval para justificarem verbas oriundas do poder público, sendo que muito pouco dessa verba é repassada a quem realmente faz a festa. O fortalecimento passa principalmente pela valorização.

É necessária a valorização do Carnaval, VALORIZAÇÃO! Este já possui seu valor, não só monetário e capitalista, mas cultural, simbólico de emancipação e político, mas é extremamente necessário que as autoridades instituídas sejam suficientemente

competentes para perceber que o carnaval de rua ou competitivo não são meros elementos passageiros ou fugazes. São estruturas fundantes de uma cultura que está nas entranhas do município e que não pode ser ignorada por pressupostos de momento ou da “moda” por gestões engessadas em uma doutrina liberal e excludente. Ele ao contrário dos gestores, nunca passará, pois é sempre vivo, eleições de quatro em quatro anos são meros acidentes de percurso diante de uma festa que vibra no coração de uma população.

Um dos pilares do carnaval de rua é sua negritude, seguido de um processo de resistência e luta diárias para manutenção, preservação, realização e desenvolvimento da cultura, economia, educação e cidadania na cidade em diferentes âmbitos e instituições. As articulações necessárias politicamente são de extrema importância para a democratização dos muitos carnavais possíveis em Porto Alegre, no entanto, no que tange a possíveis pontos fracos do carnaval de rua, penso ser no aspecto político institucional seu maior desafio.

A seguir pela vontade de muitos blocos, estes nem precisam de autorizações ou inscrições burocráticas castrativas de prefeituras, agentes de trânsito e ministérios públicos. O carnavalesco sabe que ao colocar seu bloco na rua ele e muitas outras pessoas são responsáveis por seus foliões, não que não devam existir algumas regulamentações de segurança a serem seguidas, mas principalmente blocos menores, mais espontâneos e com organizações muito conscientes procuram estabelecer uma relação de cuidado coletivo ao se colocar na rua. Contudo agentes de repressão não faltam em eventos no espaço público onde o direito à cidade garante que:

A percepção sobre a utilização da rua como finalidade (palco), a interação com esse espaço público e o abandono do ambiente privado são elementos valiosos para construir nos habitantes um sentimento de pertencimento ao território. Dessa forma, o carnaval de rua pode ser percebido como um exercício do direito à cidade e também como um exercício de manifestação política. Portanto, a manutenção dessas características essenciais do carnaval de rua demanda a necessidade de se estar atento, a fim de se evitar que o empreendedorismo urbano irrompa, de forma desregulada, em direção à espetacularização do carnaval de rua, descaracterizando-o quanto ao seu apelo popular. Assim, entre outras coisas, é possível perceber que a manutenção da atual característica, de amplo e irrestrito acesso às festividades de rua, é essencial para que possamos percebê-las como instrumentos de exercício de acesso à cidade (SIQUEIRA & VASQUES, p. 158).

Talvez possa existir mais empatia dos agentes públicos ao pautar o Carnaval da cidade, tendo em vista esse como um forte elemento político, que fortalece os laços e discussões em espaços de empoderamento, como oficinas, reuniões, assembleias, eleições, dentre outros elementos que compõem os processos democráticos, como

pertencente a instituições carnavalescas e levados muito a sério. Penso que mais que um ponto fraco, o diálogo entre poder público, instituições carnavalescas e comunidade como um todo, devam ser pautados e mediados de forma mais democrática possível, não apenas com audiências públicas e reuniões burocráticas que resultam em editais que ano após ano continuam com inúmeros questionamentos por parte da comunidade carnavalesca.

6.3. Carnavais sem fronteiras.



Imagem 11: Saída Bloco da Laje 2017, Bairro Assunção (Fonte: <https://www.facebook.com/blocodalaje>).

Em comparação a Porto Alegre, quais as principais características do carnaval de rua em outros cidades/estados que você possa conhecer?

O Carnaval enquanto um fenômeno nacional tem suas raízes negras constituídas em diferentes espaços do território brasileiro, com especial destaque para Bahia e Rio de Janeiro. Mas cada um com suas características e processos históricos também tem em outros Estados da federação forte influência como em Pernambuco, Minas Gerais e São Paulo. Com diferentes lutas e trajetórias cada local transformou a festa em um símbolo cultural e de manifestações orgânicas de seu povo.

O Rio Grande do Sul por vezes já teve carnavais onde o poder público se apropriou da construção, mas atualmente tanto o estado quanto o município de Porto

Alegre viraram as costas para a festa como se esta representasse apenas algo a ser escondido, o que é impossível.

Talvez exista um maior apoio público em outros centros, como Salvador, Rio, São Paulo, Minas e Olinda (apenas para citar alguns exemplos). Esses locais conseguem capitalizar e tornar as expressões atrativas e turísticas. Em POA é um processo inverso, de inviabilizar e suprimir essa expressão.

As tentativas de suprimir essa festa nos levam a exemplos diversos de onde o carnaval de rua é uma festa apoiada e construída por população e poder público mas sempre com muita disputa e resistência. Seja em grandes centros urbanos ou em cidades do interior, a luta pela realização dos eventos carnavalescos é constante e reflete relações de poder no espaço público.

Eu passo o carnaval na praia de Arroio do Sal. Lá o carnaval é de rua e com desfile competitivo de escolas e blocos. No período pré-carnaval, ocorrem amostras de sambas e outros eventos relacionados ao carnaval da cidade. Todavia há dificuldades e desafios na relação escolas x poder público, cito o exemplo da alteração da realização do desfile, que antes era realizado na avenida principal da cidade e que há dois anos passou a ser realizado na avenida beira-mar. Essa alteração ocorreu principalmente pela pressão dos grandes empresários da cidade e moradores. O evento perdeu espaço físico e dificultou o acesso e acomodação do público.

O crescimento do carnaval de rua ocorre quando a população entende que este espaço é um espaço de libertação visceral onde a rua é palco de diferentes formas de se sentir pertencente, onde ocorrem significados e identidades específicas de cada espaço, mas também vem em um fluxo onde juventudes e carnavalescos se adaptam às novas contingências e conjunturas políticas e econômicas. O Carnaval contesta o status presente quase sempre branco e disciplinador, burocrático e cheio de regras, pois esse não se enquadra no padrão de normalidade das classes colonizadas e brancas que discriminam e atrapalham a festa.

Acho que RJ, SP, MG e BA, são grande praças de carnaval de rua que crescem a cada ano, guardadas as devidas proporções com Porto Alegre. São Paulo tem um forte viés jovem e progressista, é um carnaval bem novo em termos de visibilidade, talvez até mais novo do que POA e se assemelha parcialmente com a nossa cidade, que possui blocos mais antigos e tem essa nova geração com essa tendência.

O tempo de cada carnaval varia conforme seu público, sua cidade, suas relações espaciais com a rua, com as agremiações e com o poder público, mas em todos os territórios citados o carnaval é fonte de resistência e luta.

A principal diferença com o outro local que conheço (rj) é a concentração em em regiões centrais.

No Rio de Janeiro temos a expressão principal de um Carnaval que tanto no formato competitivo quanto de rua tem um trajeto simbiótico com a formação da cidade e do estado. As disputas no estado são bom exemplo do nível de importância e do nível de desprezo pelas festas tendo em vista que mesmo este sendo um dos principais produtos turísticos e econômicos da cidade, quando chegamos em aspectos culturais a relação da cidade com o evento nem sempre é pacífica.

Esta relação pode ir de uma grande metrópole como o RJ até cidades como Arroio do Sal, sempre com uma relação extremamente tensa entre o evento e o poder público.

freqüente há 10 anos o carnaval de rua de Arroio do Sal, fazendo parte de duas escolas de samba, embora lá o carnaval seja um grande evento e com bastante apoio popular e visibilidade, mesmo assim, o poder público em que pese contribuir para que o evento ocorra faz diversas exigências das escolas, muitas vezes impedido que algumas desfilem. Além de outros fatores, como a modificação do local dos desfiles para atender os interesses dos empresários do local. Acredito que as dificuldades se assemelham guardadas as proporções dos eventos.

As relações capitalistas que permeiam o Carnaval e transformam algo orgânico em produto são um dos fatores determinantes para a existência de conflitos em relação ao evento. Seja no Rio ou em SP, no interior do RS ou na capital, empresas e poder público sabem que o Carnaval gera importantes somas em dinheiro e visibilidade, mas não entendem que esta cultura não está somente baseada em valores econômicos e que é alicerçada em valores culturais.

Há um epistemicídio em curso na cidade. É isso aí mesmo: assistimos ao processo de destruição dos bares, práticas, modos de vida, visões de mundo, das culturas que não se enquadram no padrão canônico. Relegadas ao campo da barbárie, ou acolhidas com pitorescas ou folclóricas, elas são desqualificadas em nome da impressão de que o hemisfério norte representa o ápice civilizatório da humanidade e de que a história humana só pode ser contada a partir dos marcos e códigos que o Ocidente produziu (SIMAS, 2020, p. 48).

no interior do RS já curti carnaval em Santa Maria que tem bastante carnaval de clubes mas onde tb se marginaliza o carnaval de rua, e em Rosário do Sul, que tem carnaval de blocos nas ruas que me pareceu organizado e para toda a cidade curtir, com velhos e crianças com pretos e brancos. Na Bahia frequentei circuito barra ondina que é pra turista ver e que tb ta se reformulando no sentido de ser democrático. Mas lá há carnaval em todos os espaços da cidade durante 10 dias seguidos.

Mesmo sendo um expoente importado como vitrine, internamente o Carnaval sofre com uma estrutura racista que o coloca como um subproduto social, interessante de vender, mas que se fosse possível, jamais aconteceria. As justificativas de que os investimentos em Carnaval seriam melhores utilizados em saúde e educação por

exemplo são conhecidas nas narrativas que desfavorecem a festa, mesmo nos centros urbanos onde ela é um dos maiores motores econômicos do município, como em Recife, Rio e São Paulo.

Um das principais características que vejo em relação a essa questão é a forma como pessoas de diferentes estados se concentram em cidades onde a cultura do carnaval é incentivada. É disseminada pelo mundo e recebe o título de maior carnaval do planeta. Salvador, Rio de Janeiro, Recife tem suas manifestações carnavalescas fortalecidas e são um centro de concentração e referência. Mesmo nos tempos mais recentes esses grandes centros estão sendo atacados, enfraquecendo suas atividades.

Conheci o Carnaval de Rio Grande, no sul do RS. Esta cidade portuária, universitária e turística abriga em seu município a Praia do Cassino, popularmente conhecida como a maior praia do mundo, mas isso gera grande controvérsia. Esta praia possui seu carnaval de rua, de blocos, alegres, antigos e diversos.

O Carnaval no interior parece ter outro tempo, no litoral do Rio Grande do Sul estes tempos se alteram nos espaços, tendo em vista que, mesmo com semelhanças e tradições os aspectos do turismo e a sazonalidade da festa no verão trazem características que podem ser vistas como “diferentes” dos carnavais metropolitanos como o de Porto Alegre. Não que este ou aquele sejam melhores, esta comparação não cabe a este trabalho, mas a nível de identidade e pertencimento acredito que os carnavais seja onde forem são únicos e incomparáveis.

Cada detalhe, cada grupo de amigos, cada confraria, cada bloco, escola de samba ou clube possui identidades sociais, históricas e geográficas que os distinguem radicalmente, muitas vezes, de carnavais que acontecem no mesmo bairro. Isso traz a discussão que os processos criativos do Carnaval também são múltiplos assim como os espaços onde estes festejos acontecem.

O território, como espaço dominado e/ou apropriado, manifesta hoje um sentido multi-escalar e multi-dimensional que só pode ser devidamente apreendido dentro de uma concepção de multiplicidade, tanto no sentido da convivência de - "múltiplos" (tipos) de território quanto da construção efetiva da multiterritorialidade. Toda ação que se pretenda efetivamente transformadora, hoje, necessita, obrigatoriamente, encarar esta questão: ou se trabalha com a multiplicidade de nossas territorializações, ou não se alcançará a transformação que almejamos (HAESBAERT, 2004, p.42).

6.4. Blocos independentes e o carnaval de rua.



Imagem 12: Arrastão Turucutá 2015 - Avenida João Alfredo, CB
(Fonte: <https://www.facebook.com/turucuta>).

Qual o significado dos blocos independentes no carnaval de rua de Porto Alegre?

O que seria uma bloco independente? Um bloco que sai única e exclusivamente com seu dinheiro, seu trajeto, seu evento? Ou um bloco que consegue dialogar com sua história e territórios e realizar uma festa conforme suas necessidades com apoio de patrocinadores e poder público?

Uma faca de dois gumes, pois é independente até a "página dois". Invariavelmente, há um diálogo com o poder público. Outro ponto delicado diz respeito às lógicas de editais que a prefeitura vem adotando, assim criando novos nichos. Os blocos mais conhecidos, como Turucutá e Bloco da Laje são compostos por pessoas já habituadas a essas lógicas e linguagens que envolvem um processo de edital para recursos, uma realidade que nem sempre se repete em blocos de bairros e hegemonicamente negros.

As diferentes realidades dos blocos em que existem mais pessoas com acesso a linguagens de editais, jurídicas e políticas são uma face importante no que diz o quão o bloco pode ser independente do poder público ou de patrocinadores, tendo em vista que

a profissionalização do Carnaval não é para todos e muitas vezes as burocracias e falta de dinheiro prejudicam entidades carnavalescas que desejam sim ser independentes, mas esbarram em uma burocracia determinada a excluir os que têm menos acesso às políticas públicas para o Carnaval.

A resistência e o amor ao Carnaval como um todo que permeia escolas de samba e blocos é parte fundamental no que diz respeito a um bloco que consiga se dizer independente.

Não se render aos empecilhos criados para que não haja carnaval de rua em Porto Alegre.

Não se render é uma expressão conhecida na luta do povo negro, que resistiu a processos de escravidão, racismo e branqueamento desde que aqui chegou. Essa coragem de se manter fazendo festas, shows, cortejos, ensaios e outros movimentos como financiamentos coletivos para sustentar as demandas de um bloco. Como diz a música da Laje, Recanto Africano:

É purpurina, poeira e tinta cor
A gasolina, a kombi, o gerador
A bateria, correndo eu vou ver o meu amor

Eles representam força, resistência, coragem. São figuras importantes que lutam para que a festa não perca a essência de ser um evento popular e que merece respeito e reconhecimento

Reconhecer o Carnaval como uma festa de todos, a festa mais popular e democrática que existe na cidade onde todos e todas podem estar, podem passar, podem entrar e sair, é importantíssimo para que o poder público possa dialogar com os blocos sem intervir em sua autonomia, tendo em vista que é sim necessário que este aja garantindo determinadas estruturas da festa como segurança principalmente, mas o que não o exime de que deva garantir acesso transparente a editais, verbas, projetos e outras demandas.

No entanto devem os blocos ter total autonomia em virtude do caráter espontâneo do carnaval de sair e fazer suas festas em qualquer momento do ano, tendo em vista que estes sabem como fazer e realizam seus eventos de forma a buscar respeitar sua cultura e principalmente com amor pelo espaço público, que merece e é cuidado pelo Carnaval, sendo seu palco e plateia.

eles demonstram que é possível produzir uma cultura com e para a cidade durante o ano inteiro. De apresentar e ressignificar espaços da cidade até então impensáveis para realização de um carnaval de rua. Eles trazem mais vida à cidade, pautam a cidade, demonstram que existem outros formatos de realizar eventos na cidade sem esperar pelos órgãos públicos. O

significado é de reinvenção do lugar onde se vive.

Os blocos independentes auxiliam na ocupação de espaços públicos que muitas vezes não teriam acesso a determinados meios de cultura, mesmo na região central como é o caso dos coletivos de blocos que atuam juntamente com o Areal da Baronesa e na Vila Planetário, não só com cultura mas com contribuição ativa na comunidade, como foi o caso da Vila Planetário e junção de participante de blocos que colaboram na ONG Misturaí, que distribui dezenas de marmitas para população carente e em situação de rua de bairros centrais e de forma voluntária.

Assim como o Carnaval a independência de suas entidades representativas deve ser respeitada em sua manifestação cultural genuína, legítima e engravada em esquinas e cruzeiros desta cidade. A resistência é no território do Carnaval a marca que nos lembra todos os dias que ele nos atravessa como Oxóssi atravessa a mata e Exu as encruzilhadas.

O significado é resistir contra as forças municipais e reacionárias existem na cidade

Um território negro é um território de resistência a forças que não são apenas as mais discutidas nas reuniões entre poderes. A Rua enquanto elemento espacial é um palco de afirmação onde muitas informações, situações, encontros, políticas e conversas ocorrem. Estar na rua é, além de um direito, um ato de resistência. Lutar de frente contra as forças reacionárias dialogando, fazendo festa e mostrando que o espaço público pode ser um espaço não civilizatório no sentido de adestrador e sim um espaço emancipatório e onde diferentes coletividades podem conviver e expressar sua arte, sua dor e seu amor. Os blocos de rua independentes dão seu jeito e são fundamentais para a manifestação mais genuína do carnaval que é no espaço público, na avenida, do brilho do glitter ao mais alto carro alegórico.

os blocos independentes possuem participação fundamental no carnaval de rua da cidade, pois ajudam a reforçar e manter vivo o evento, além de estarem mais próximos e serem porta de entrada para muita gente no envolvimento com o carnaval.

Toda a reverência às escolas de samba e aos blocos de carnaval de rua que mantêm portas culturais abertas, cada um do seu jeito, cada um à sua maneira. São quem mantêm um coração batendo mais forte, estabelecem diálogos políticos, contestatórios e muito pertinentes a todos os tempos históricos e territórios onde se manifestam. Ao pensar nos blocos independentes, penso também nos que não se

denominam assim, mas que se colocam na luta por um Carnaval seja com apoio do poder público, brigando em edital ou com patrocinadores.

No Carnaval tudo é Carnaval e este sabe como funciona. Manifesta-se no espaço. Luta contra as forças que não o querem em cada esquina e encruzilhada de um cortejo.

acho que são importantes para manter viva a festa e não se submeter às forças que não nos querem ocupando espaços da rua.

Lutar contra forças que boicotam o Carnaval em reuniões, em editais confusos, em falsas promessas, em enganação não são tarefas simples, quando não temos que lutar para resistir a violência policial, os olhares racistas, os desprezos, ainda lutando por permanecer vivo em seus territórios, essa é a estratégia do povo negro e também a do Carnaval. O transgressor quebra os protocolos e constrói e se reconstrói, tendo nos blocos de rua uma manifestação destas multifaces. Um exemplo é a Imperadores do Samba que resiste e ainda promove Carnaval de excelência na cidade.

A Imperadores do Samba acolhe a Turucutá gerando uma rica interação social. Neste ano de 2018, esta interação se mostrou muito importante, pois a região da encosta do Morro Santa Tereza é fonte de diferentes conflitos e interesses imobiliários. A Escola mesma já sofreu com as obras da copa uma redução considerável de seu espaço físico, assim como a escola de samba que fica ao lado. Não obstante, as pressões pela saída das escolas de samba da área são constantes, assim como a pressão para saída de outra entidade vinculada ao samba, localizada mais próxima ao Estádio Beira Rio.

Não fosse esta pressão, ainda existem conflitos por áreas internas da encosta do morro, em terrenos que são disputados pelo Asilo Padre Cacique e o Quilombo dos Lemos. Neste ano estes conflitos ficaram mais latentes por uma ordem de desapropriação expedida pela 17ª Vara Cível de Porto Alegre. Felizmente, esta ordem não foi cumprida e o processo encontra-se parado. Esta região faz parte de muitas disputas territoriais, inclusive algumas muito caras ao Carnaval.

Diferentes projetos de sambódromos ou pistas de eventos foram apresentados aos poderes executivos e legislativos com o intuito de se construir a pista nas imediações da orla do Guaíba. Todos esses projetos foram derrotados pela força das associações de moradores do Bairro Menino Deus, com anuência e complacência dos conselhos municipais, poder executivo, legislativo e judiciário.

Frente à necessidade de se construir uma estrutura fixa para o espetáculo, inspirado na experiência de outras cidades, em 1988, o prefeito na época, Alceu Collares, lançou na Avenida Augusto de Carvalho a pedra fundamental do que se dizia ser o “Sambódromo” na capital gaúcha. Porém, no ano de 1995, um mandado de segurança impossibilita que o projeto seja votado na Câmara de Vereadores. Em 1997, é escolhida pela prefeitura uma área junto ao Parque Marinha do Brasil, porém, no ano seguinte, uma liminar, fruto de uma forte pressão dos moradores do bairro Menino Deus, impossibilita a construção da pista neste local. Após estas inúmeras polêmicas em relação à possibilidade, ou não, da construção em diversas localidades da cidade, a Prefeitura de Porto Alegre anuncia no ano de 2002 a escolha do Porto Seco como local para a montagem da estrutura fixa que receberia os desfiles das escolas de samba (BITENCOURT, 2016, p. 13).

Contudo não são estes os únicos atores neste processo. O Movimento Tradicionalista Gaúcho e as forças armadas também teriam direito de uso sobre a pista de eventos, mas foram omissos e até mesmo contra a construção desta. Todos os projetos foram rechaçados veementemente pelos atores já citados, com justificativas que geram movimentos muito acima do normal na região, congestionamento e barulho excessivo.

Lembrando que esta região é um gargalo de passagem para a zona sul da Capital, possui um dos maiores estádios de futebol do Brasil, que recebe grandes eventos e jogos, inclusive recebeu partidas da Copa do Mundo. Lembrando que no mês de novembro (2018) uma empresa de cervejas internacional realizou um evento em que as principais vias (que já são insuficientes) foram bloqueadas por DOZE DIAS!

Lembrando que em todos os meses de setembro, desde 1986, o Acampamento Farroupilha ocorre na região do Parque Harmonia, oficialmente conhecido como Parque Maurício Sirotsky Sobrinho (esta cidade é uma piada pronta). Neste mesmo mês ocorreram os desfiles de 07 e 20 de setembro, bloqueando as avenidas, mudando o trânsito, aumentando intensamente o fluxo de pessoas, comércio irregular e violência na região – um mês. O carnaval possui entre três e quatro dias de desfiles, ocuparia uma área planejada para tal, geraria empregos diretos e indiretos em larga escala.

A independência se faz importante para que cada grupo possa construir e se construir de forma autônoma. Sem ficar restrito a regras impostas por financiadores, poder público ou qualquer agente que tenha a intenção de impor limites a manifestação cultural.

O fortalecimento do Carnaval pelo poder público é algo mais que necessário, mas é necessário que haja um amplo e constante diálogo com todas as comunidades carnavalescas que promovam o surgimento, inclusive de mais blocos independentes e coletivos musicais e culturais na cidade. Sabemos o quão crítico para o carnaval de rua e competitivo é o momento atual. Mas se houver patrocínio, que seja justo, se houver

edital, que seja honesto, porque o Carnaval terá e ao menos quem não ajuda não atrapalha.

Quem ajudou reinventa espaços, lugares e territórios, altera a paisagem de forma alegre e musical, organizada, mesmo que diante de algum caos. Quem ajuda está trabalhando e valoriza cada real ganho nas festas pois sabe que o trabalho negro por mais difícil que seja é honesto. Quem ajuda dialoga com a comunidade e auxilia a pensar de forma aberta, por políticas públicas de inclusão cultural sabendo-se que a cultura assim como outras políticas pode contribuir substancialmente para o fim do genocídio de nossa população assim como aumentar a presença negra no carnaval de rua ou simplesmente qualquer negro e negra que esteja em um bloco é um ator de representatividade, e sejam poucos, sempre estamos nele.

Acredito que o Carnaval seja um momento de independência dos corpos, das angústias, dos dilemas e sofrimentos da vida. Pisar livremente na rua traz uma sensação de liberdade, uma liberdade que para muitos é ilusão, mas para o folião é a mais pura realidade, atravessada de experiências únicas e inesquecíveis. A independência de um bloco, no contexto desta pergunta está mais associada a uma forma de ser e atuar livre dos moldes muitas vezes impostos ou direcionados pelos agentes públicos e reguladores.

Quanto a estes blocos, a importância dos mesmos é gigante, tendo em vista que muitos deles ainda guardam e reproduzem uma linda forma de se fazer Carnaval, com apoio comunitário, financiamentos coletivos e manutenção de legados culturais relevantes para moradores, visitantes e carnavalescos. No entanto, acredito que a independência no Carnaval, assim como no toque dos tambores, quando o ritmista consegue tocar diferentes batidas com braços e até pernas, utilizando polivalente de ambas as mãos, os blocos de carnaval fazem um exercício de tocar em frente uma festa na avenida de formas muito diversas e criativas. Venda de produtos customizados, realização de ensaios abertos, festas particulares, são algumas das possibilidades de se lutar o ano todo financeiramente e tecnicamente para realização de um bonito Carnaval na passarela.

Os blocos independentes atuam muitas vezes quebrando a lógica de controle social duramente imposta por agentes reguladores que não compreendem a importância do Ser Carnaval na rua, na segunda, no sábado, no inverno ou em fevereiro. Blocos que conseguem realizar seus carnavais de forma independente também podem trazer consigo elementos de luta social, como é o caso do Bloco da Diversidade, Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só, Ai Que Saudade do Meu Ex, dentre outros.

Tive a alegria de ensaiar poucas vezes neste bloco e tocar para uma multidão na parada LGBTI+ de 2019 na Redenção. Um enorme palco e milhares de pessoas escutando os sons dos surdos e agogôs, foi uma experiência de muita energia, forte, tendo em vista que ali estava eu em um palco com meus amigos praticamente em um dos parques que considero minha casa tocando a música que acreditamos, com a bandeira de justiça social e igualdade que acreditamos e principalmente levando o carnaval para a avenida em forma de contestação social e afirmação identitária.

Acredito que blocos que precisem ou optem pelo carnaval patrocinado, ou do chamado circuito oficial da prefeitura, devam sim ser apoiados pelo poder público e incentivados a realizar seus carnavais. Contudo o que é possível discutir são as prerrogativas e argumentos utilizados pelos agentes reguladores como forma de cercear blocos independentes.

No ano de 2019 a TURU foi multada na Avenida Edvaldo Pereira Paiva em 12 mil reais por, de acordo com guarda municipal, obstruir a avenida com o caminhão de som. No entanto, a avenida citada já é obstruída e assim estava no sábado do arrastão da turucutá. Inclusive no dia houve forte chuva, o que afastou os frequentadores da orla e muitos foliões.

Blocos com características comerciais ou independentes são fonte de carnaval, são fonte de cultura e sempre podem repensar suas práticas sociais enquanto atores culturais, porém o diálogo com os atores e agentes não carnavalescos deve partir do princípio que os blocos independentes devem ter total autonomia para escolha de seus lugares de saída, assim como datas.

6.5. O poder público e o carnaval de rua.



Imagem 12: Arrastão Turucutá 2019, Avenida Edvaldo Pereira Paiva
(Fonte: <https://www.facebook.com/turucuta>).

Qual o papel do poder público no carnaval de rua de Porto Alegre?

O poder público enquanto um conceito que representa toda a população seja de um país, estado ou município é aplicado nesta dissertação a partir de um já explicitado tensionamento entre este e o Carnaval que transcende a temporalidade das histórias oficiais. Assim, primeiramente o poder público pode ser considerado um agente que:

Em ato, o poder público exerce um papel de controle. Impede manifestações orgânicas

Este papel de controle exercido pelo poder público em relação ao carnaval de rua, é elemento crucial para que se possa entender onde se dão estas intervenções, pois

pouco ou quase nunca dialogam com as demandas da sociedade, nem mesmo do carnaval de rua.

Deveria ser agregador e incentivador mas ocupa um lugar contrário a isto.

Por um poder público que consiga estabelecer relações de agregador e não apenas de um vendedor do espaço público, mas que trace metas e objetivos nítidos em relação a políticas culturais e ao Carnaval, tendo em vista que a cidade possui demanda e capacidade de estabelecer na cultura do Carnaval de uma vez por todas uma marca de sua trajetória, pois esta cultura não deixará de existir e nem de se rebelar aos que tentam impedi-la.

O poder público deveria atuar com o seu papel de promover políticas sociais e culturais.

Cabe ao poder público a promoção de políticas públicas que contribuam para a construção e fortalecimento cultural no Carnaval, durante todo o ano e de maneira equânime entre blocos centrais, blocos periféricos e escolas de samba, cada segmento com suas demandas.

o papel do poder público é apoiar o carnaval de rua, mas de uma forma confluyente e não conveniente. É necessário, dialogar e conhecer os blocos, têm o ano inteiro pra isso acontecer, mas tudo, infelizmente, é feito às vésperas.

Seja no carnaval ou na cultura como um todo o papel do poder público não é fazer cultura e sim promover os meios que os agentes da sociedade civil a façam

acredito que o poder público deve fortalecer o evento, já que se trata de cultura. Permitindo que as escolas de samba realizem mais eventos e dando espaço e visibilidade para essas situações

poder publico tem que ouvir seu povo e trabalhar democraticamente pela sua cultura e fortalecimento do nosso carnaval. Deveriam ser aliados.

O poder público tem o papel de assegurar que as expressões culturais, o direito a cultura seja um direito de todos os cidadãos. Ele tem o dever assegurar que a população possa com segurança exercer o seu direito de manifestação.

Todas as respostas acima conversam com a mesma intenção. O poder público enquanto promotor de políticas públicas capazes de alcançar as mais profundas necessidades do Carnaval como um todo, deixando este ser como é e suas diferentes manifestações sejam competitivas ou na rua, independentes ou patrocinadas, assegurando o poder de manifestação que é um direito garantido constitucionalmente, agregando e compondo o Carnaval e assegurando que este possa florescer espontaneamente e com segurança.

Acredito que o papel do poder público possa ser o de orientador e mediador na organização do carnaval de rua, mas que este deva levar em consideração toda a

diversidade que a rua possui e seu Carnaval exala. A brigada Militar deveria realmente propor táticas de proteção dos foliões não jogar bombas em foliões (2020)

A prefeitura poderia investir mais em logísticas e fomentos para o carnaval de rua e competitivo, tendo em vista que a cadeia produtiva do Carnaval no Brasil movimenta mais de 8,1 bilhões no Brasil (Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/02/cancelamento-de-festas-do-carnaval-faz-pais-deixar-de-movimentar-r-81-bilhoes.shtml>).

7. NOSSO ILÊ É NOSSO LAR.

Joguei flores no mar joguei
E fiz promessa pra firmar meu patuá
Dancei um jongo com as estrelas jonguei
E pisei forte no terreiro do luar
Música: Nosso Ilê - Turucutá

7.1. Trajetórias Turucuteiras.

Nesta trajetória encontramos nosso espaço. Territorializado já, mas sempre sambando, com a prática territorial ativa, alcançando lugares onde muitos nem pensam ocupar. A trajetória constrói nossas referências, nossas histórias, no espaço geográfico ou na memória.

Qual sua trajetória na Turucutá? Como você chegou e o que mais te marcou nesse caminho (sentimentos, vivências, experiências)? Por quê?

Cheguei na Turucutá através de amizades. Amizades estas que também geógrafa, experienciam e ensinam. Fui brincar carnaval no arrastão de 2015 na Rua João Alfredo, no Bairro Cidade Baixa. Ao chegar neste local, presenciei um mar de gente nas cores vermelho e verde, uma energia contagiante, alegre e uma rua iluminada por rostos sorridentes e muito *glitter*. O toque do ijexá foi o início de uma experiência social, espacial e musical que marcou minha trajetória.

Com um olhar geográfico que busca sempre entender o máximo de relações das pessoas com seu espaço vivido e culturalmente pertencente percebi que aquele evento tinha toda a magia que eu presenciava pois também acontecia em um bairro e rua com tradição de Carnaval e negritude. A hoje rua João Alfredo margeava o então arroio dilúvio localizado, posteriormente retificado até o fim da av Ipiranga, formando assim um bairro chamado Ilhota. Lar de sambistas como Lupicínio Rodrigues, a Ilhota é um capítulo à parte na história de Porto Alegre.

Alegrias, amores e amizades, tudo isso com muito carinho através de experiências da rua até dentro de casa, o espaço, o território, o lugar vivido, pois seja onde estiver a Turucutá te recebe como que em casa, é um Lar, um Terreiro, um Ilê.

Comecei na oficina em 2013. Tenho muito carinho por tudo que a Turucutá propiciou na minha vida: Alegrias, amor, amizades... As experiências mais marcantes foram os carnavais descentralizados e um ensaio que aconteceu na minha casa

Sejam em bairros afastados do centro, sejam nas praças, sejam em churrascos após Oficina, sejam nos bares do Centro e Cidade Baixa, uma família se forma, que anda junto, expõem em suas camisas o vermelho e verde ao qual pertencem.

Cursei a oficina de percussão em 2018 e 2019. Conheci anos antes pelo arrastão. O que mais me marcou foi conhecer pessoas com a cabeça livre além de aprender a tocar instrumentos.

Uma família que busca em sua raiz garantir sua negritude e sua diversidade, que zela pela aprendizagem e trocas de conhecimentos, musicais, políticos, sociais, íntimos e fugazes, mas que proporciona trocas reais entre espaço e tempo. Como um lar, muitas vezes somos trazidos por irmãs, por namorados ou namoradas, pelos pais, pelos filhos, pelos amores e principalmente amigos e amigas. Esse caráter familiar que respeita a diversidade de todas as possibilidades de existir uma família é a chave da cidade na mão do rei momo.

Cheguei na Turu no ano de 2018, conheci o trabalho do coletivo através da minha irmã que iniciou na oficina em 2016. Acho um trabalho lindo, realizado por pessoas que têm muito amor pelo coletivo.

Isso pois a coletividade e experiências coletivas em espaços de negritude, no espaço público, territorializando com resistência o Carnaval traz um sentido de pertencimento e identidade, mas tendo em vista seu caráter político e musical, estar em um bloco e na Turucutá significa, gera um signo de “estar em casa”.

me aproximo da Turu em 2010 e entro efetivamente em 2011. O grupo era pequeno ainda, logo, ao participar da oficina como aluno, já fui convidado para algumas saídas e ensaios, posteriormente arrastão e depois virei professor. Tudo no mesmo ano. O Sentimento sempre foi de muita alegria e amizade, construímos isso com pessoas que já saíram do grupo e sempre lembramos até hoje. Estávamos fazendo o que queríamos fazer, que era tocar e cantar e entre amigos, entre família. Construindo e aprendendo juntos.

Em uma casa onde vivemos diferentes fases de desenvolvimento, em uma convivência que pode muitas vezes ser permeada por conflitos e “ladaias” mas que se fortalece nos momentos de alegria, de reunião, de celebração. Alguns chegam sem nunca terem pego um instrumento na mão, outros chegam com mais dificuldades, outros chegam sabendo, mas todos e todas chegam e aprendem e possuem a possibilidade de experienciar o coletivo. Professores e professoras, educadores, oficineiros, amigos e amigas em uma pedagogia de fortalecimento de vínculos* muito singular e autêntica.

Comecei fazendo a oficina em 2015, conheci vendo um ensaio na redenção. Faço oficina desde então, e já toquei com a turucutá em alguns arrastões. É um sentimento de pertencimento muito grande, pois permitiu perceber que existem mais pessoas como eu que até então não tinha conhecimento.

Neste Ilê percebemos os iguais, mesmo que de maioria branca, sabemos nos enxergar, sabemos nos ver, sabemos brincar inclusive com a branquitude

numericamente dominante, mas que por vezes não entende as reais dimensões da festa e da rua. Para homens e mulheres negras é importante ocupar este espaço, tendo em vista que este pertencimento que flui em direção a uma identidade, no tocar dos tambores e instrumentos gera uma vivência que empodera e dignifica.

Conheci a Turucutá em 2015, quando acompanhei o arrastão do bloco pela primeira vez. Sempre tive vontade de tocar em bateria de escola de samba e comecei a oficina de percussão em 2016, para mim como mulher e negra é muito empoderador tocar um instrumento e fazer parte do coletivo. O que mais me marcou foi a minha primeira participação no arrastão de 10 anos da Turu em 2018.

No ano de 2015 foi o ano em que também conheci a Turu. Foi um arrastão lindo, na Av João Alfredo, no Bairro Cidade Baixa. Um mar vermelho e verde tomou conta da CB e tudo parecia ser a Turucutá. Uma experiência sensorial na rua, com música e muita cor, passistas e porta estandarte abriam caminho para uma bateria potente, um carro de som com uma banda forte e delírio. Quando você se encontra com a bateria de um bloco ou escola de samba, sua vida muda.

conheci através de uma amiga em um ensaio. Tentei ingressar na oficina de 2017 e não consegui. Me inscrevi para a de 2018 e entrei depois de uma desistência. Marcou o meu retorno ao carnaval, a voltar a sentir uma bateria.

Esse lar nasce em um “ponto quilombola da cidade” de no Afro Sul Odomodê, localizado na Avenida Ipiranga, um centro cultural negro referência em abordagens negras da musica, do teatro e da dança, assim como outras manifestações como o Carnaval. Um lar que acolhe e auxilia seus filhos a crescerem e ir para o mundo.

Minha história na Turucutá começa em 2007 no Afro-Sul Odomodê. E com um projeto do Central do samba, grupo que fazia a festa embalando os domingos do Odomodê. Neste projeto, a ideia era formar percussionistas para um cortejo no dia Nacional do samba em 02/12/2007. Após essa saída, terminado o projeto. Grande parte dos percussionistas tinham a vontade de seguir os encontros e continuar batucando e estudando. Foi consequência disso que em marco de 2008 funda-se a Turucutá. Nesse caminho muita gente passou, cantou, pulou, entrou, saiu, aprendeu, ensinou, sorriu e chorou ao som do samba. Tivemos desafios e aprendizado para poder formar o que a turucutá é hoje. A lembrança que tenho dos primeiros momentos que comecei a batucada na na Turu, é o quanto eu ficava torcendo para que chegasse logo o sábado. Dias dos encontros da batucada e poder batucar novamente, sentia que a vibração do tambor passava por dentro do meu corpo, energizando, e tirando todos os maus sentimentos. Uma sensação única de estar entregue e conectado ao som.

Após passar por quadras de escola de samba como Fidalgos e Aristocratas Imperadores, a Turucutá chega como uma referência de música popular e carnaval criativo, com um repertório variado, mas que traz a negritude em todas as suas referências, seja do surdo um da mangueira aos agogôs com toques da Portela, seus

tamborins e repiques com influência de Imperadores e Bambas, nascida no dia nacional do samba, em um quilombo, espontânea e orgânica, negra raiz que permanece viva, colhi Batucada Coletiva, se materializa no espaço geográfico em forma de bloco e ao som dos atabaques, ocupando seus espaços e contribuindo para o fortalecimento do carnaval de rua de Porto Alegre e sua cultura, negra. Nossos corpos, nossas ruas, nossos blocos A TURUCUTÁ É NOSSO ILÊ, NOSSO ILÊ É NOSSO LAR.



Imagem 14: Estandartes Turucutá e Bloco da Laje
(Fonte: <https://www.facebook.com/turucuta>)

7.2. Territórios e Lugares de experiências.

À medida que a identidade e os imaginários correspondem a práticas que afetam algum sentido da permanência dos outros grupos, vai se vendo a imbricação que elas possuem com a localização, a extensão da presença e os usos associados. Se for possível ver cada um desses aspectos como a ligação de um grupo com o lugar, um vínculo, o conjunto deles expressa uma territorialidade própria (HEIDRICH, 2017, p.35).

Qual o lugar que você mais gosta ou gostou de vivenciar alguma experiência com a Turu? Por quê?

A emoção, o sentimento durante a vivência são catalisadores de experiências territoriais. Estas por sua vez se traduzem quando em diferentes níveis existe uma relação de identificação no tempo e no espaço. Nem sempre a vida e muito menos o Carnaval são assíncronos. Existem despedidas, existem tensões e momentos de mudança. O Carnaval muda se remodela, se reorganiza, remodela e recria as experiências. Não é linear, como a vida, mas tem seu tempo, e marca no tempo do surdo seu pulsar.

Os carnavais descentralizados, porque meu desejo estava em consonância com o que realizamos enquanto coletivo.

Vivências que marcam são festas em escolas de samba, blocos e escolas, bandas, amigos e samba. O encerramento da oficina é um evento esperado e marcado com bastante antecedência, já tendo ocorrido em diferentes espaços com destaque para o Largo Zumbi dos Palmares e Imperadores do Samba, territórios negros onde a festa que celebra a aprendizagem de aproximadamente cem ritmistas por ano em um trabalho que dura meses e gera vínculos fortes.

Nos encerramentos da Oficina de percussão, na quadra da Imperadores onde minha família foi assistir.

A Escola de Samba Imperadores do Samba serve de refúgio para ensaios da Turu, apresentações de blocos e para a festa de encerramento das atividades da oficina de percussão do bloco. Uma festa que movimenta o coletivo em todos os eixos da produção e execução do evento. Tidos por muitos como um dia mágico, é um evento em solo sagrado. Onde a família está, está também o nosso lar. A beleza destes momentos é singular pois é singela, é trabalhosa, mas celebra em um palco de tantas alegrias e lutas uma vitória daquele que agora pertence mais ainda ao Carnaval.

Arrastão 2020. Foi meu primeiro arrastão e senti uma emoção enorme em participar.

O Arrastão 2020 foi para alguns o melhor, tendo acontecido na Rua Washington Luiz, no centro histórico de P.A. Sol escaldante do dia 14 de março de 2020. Em uma localização central, com concentração próximo a esquina da Avenida Augusto de Carvalho, grande palco de carnavais competitivos históricos e parte fundante dos

territórios do samba em Porto Alegre, com dispersão marcada para a Praça Júlio Mesquita, em frente a Orla do Guaíba. Esta localização fora considerada boa, mas nem só de bons espaços se vive Carnaval.

A eminência da Pandemia de Covid foi fator amplamente debatido e como já citado o evento ocorreu, de forma tranquila, com famílias, casais, solteiros e solteiras, crianças e idosos, comunidade LGBTQIA+ e claro negros e negras ocupando seu espaço. Neste dia além da Pandemia tínhamos a missão de recordar que Marielle havia sido assassinada há dois anos, sem respostas, sem culpados.

Essa foi à tônica deste arrastão, a confluência de uma vontade gigante de realizar a festa e o momento que vivíamos, ocupando pela derradeira vez o espaço público no que seria o maior tempo de isolamento social da modernidade. Mas todos os arrastões marcam.

Bah, foram diversos. Já me apresentei na rua, em escola, em praça, já fui na TV, no rádio, já viajei. Teve um show no largo zumbi, 2012 ou 2013, semana da consciência negra, eu acho, foi bem marcante. Arrastão 2015, na João Alfredo. Arrastão 2012, eu acho, que choveu e foi adiado, aconteceu só em outubro ou novembro.

O arrastão de 2015, já citado, os shows, no Largo Zumbi do Palmares, dão conta da ocupação de dois territórios negros que traduzem a negritude da Turucutá e a escolha de espaços onde sua territorialidade está se consolidando, mas que busca em diferentes momento estabelecer conexões descentralizadas com outros territórios do Carnaval na cidade. O primeiro arrastão marca e quem chega entende que estar em um lugar representativo serve também para gerar um vínculo com o bloco.

Foi o primeiro arrastão que toquei, ocorreu na João Alfredo, não me recordo o ano.

Este território situado nas regiões centrais da cidade é também a rua e tendo território e rua importâncias tão grandes nesta análise é considerável que ocupar estes territórios é uma ação prática de resistência cultural e racial negra.

acho que o lugar da turu é na rua, ocupando o espaço público. Esse é o meu local preferido para estar. Na rua, em regiões centrais, onde as pessoas possam ver e conhecer o bloco.

Mostrar para o povo que ocupamos os espaços que são nossos e ter na prática a consciência de quem herdou a herança do saber popular do Carnaval. As tardes de sábado com ensaios ou oficinas em praças são momentos de convivência na cidade onde todos que passam tem a possibilidade de interagir, mesmo que de longe com uma

bateria de escola de samba, com amigos e com a paisagem de uma cidade com vida e alegria.

gostava dos ensaios nas praças que mostra pro povo que estamos ocupando espaços nossos, de todos nós.

Acompanhar a evolução do bloco, acompanhar o andamento, do paço, da dança, o molejo da bateria, a bossa, o tempo e o compasso. Ver crescer e se frutificar em outros blocos, outras possibilidades artísticas, outros coletivos. Na trajetória de um coletivo, a Turucutá proporciona esta experiência.

Tiveram muitos lugares e cada um com experiências diferentes. Mas as saídas da Turu na João Alfredo é muito marcante, pois elas vem em uma crescente de desenvolvimento musical, de público e estrutura. Lembro que a primeira vez saímos batucado pela calçada, um grupo de no máximo 20 pessoas tocando. Na última saída na João Alfredo era em um trio elétrico, bairro lotado em função do evento. Festas lindas e em todo os momentos construídas com o coração.

Esta experiência no lugar ou territorializada nos serve de refúgio no espaço aberto, refúgio com os nossos, ou com alguns dos nossos, mas neste Ilê temos uma comunidade que cuida de seus filhos e dos filhos dos seus filhos, sabendo que aquilombados somos mais forte ou como diz Luiz Carlos da Vila: “um doce refúgio pra que quer sonhar” .

7.3. A diversidade da Turucutá Batucada Coletiva Independente.

Você acha que a Turucutá representa a diversidade étnico-racial da cidade entre os seus membros e seu público? Por quê?

Um coletivo heterogêneo, é marcado por diferentes pessoas que geralmente compartilham os mesmos espaços, intenções incomum e que vem de diferentes classes sociais, gêneros e raças.

Atualmente não sei dizer como está a composição do grupo, acredito ser bem heterogêneo.

Essa heterogeneidade não é elemento suficiente para se garantir que haja uma maioria negra retumbante no coletivo, mesmo este saindo e se consolidando em espaços de negritude a localização geográfica central ainda não permite que existam maiorias negras, mas garante certa representatividade, que pode melhorar.

Sim. Na medida do possível, mas poderia haver mais membros negros tanto alunos e professores.

Apesar desta diversidade étnico-racial estar presente, mas necessitar de mais atenção coletiva, existe uma cultura de respeito pelos que chegam e participam, discutem os temas e consideram as fragilidades que as relações étnico-raciais expõem na coletividade.

Sim, acho. É um grupo com uma diversidade enorme e um espaço em que todos se respeitam.

Mesmo com estas ressalvas, e muitas ressalvas em relação ao coletivo em espaços negros ou embranquecidos, mas que coloca nas práticas carnavalescas como construção de repertório, escolha de lugares e espaços para ensaios, shows e arrastões a negritude pode ser considerada fator relevante em diferentes momentos. É importante lembrar que mesmo em espaços embranquecidos negros e negras que compõem a coletividade são artistas que por muitas vezes necessitam compor sua renda com seu trabalho.

Cantores e cantoras, músicos, ritmistas, que tem em eventos e blocos de carnaval uma possibilidade de além de expor suas artes, somar a sua renda dinheiro digno a partir de seus estudos e vivências. Que os permite tocar em espaços variados, heterogêneos, de diferentes públicos, variando entre raça, classe e gênero, mas que garante também acesso a estes artistas negros a poder viver de sua arte.

Pode parecer que não, mas ela representa. No grupo show são 18 pessoas, 8 pessoas negras, isso é 44%. Levando em consideração que Porto Alegre possui cerca de 20% de pessoas pretas, é um percentual representativo. O discurso, no caso, o repertório são praticamente gêneros musicais, cantores e compositores afro-brasileiros, acho que o repertório é mais enfático do que um próprio discurso do grupo. Não existe um posicionamento explícito por parte do grupo, mas é possível enxergar e ver isso, é preciso estar atento. E entre o público eu acho que é mais complexo, varia de acordo com os lugares onde estamos, geralmente a maioria é branca, mas tem muita gente identificada com a turucutá que nos acompanha e vai aos shows justamente pela representatividade. Talvez o discurso político não seja explícito e nem é o forte do grupo, mas a presença e os corpos dizem muito. Um terço do grupo show é formado por mulheres, no arrastão acredito que a maioria da bateria seja formada por mulheres, então existe um representatividade diante do público.

Estas dinâmicas são muito interessantes tendo em vista que existem negros, existem mulheres, existem pessoas de classe média, poucas de classes mais baixas, mas existem e mesmo que “poucas” são as referências muitas vezes de negritude que existem e não podem ser invisibilizadas jamais. Mesmo assim, deve haver atenção a presença ainda limitada de negros e negras na Batucada.

Existe uma diversidade dentro da turucutá, mas acredito que não possa ser considerada como um representante da diversidade. Digo isso pela parcela de negros que participam das oficinas durante o ano. Acredito que seja pelas poucas vagas, aliado ao valor mensal.

Nestas nuances é possível perceber que embora haja a diversidade étnico racial ela não está alicerçada de forma a ser unânime e garantir a representatividade de todos e todas.

sim, na Turucutá existem pessoas de todos os tipos, é um espaço aberto para todos. As pessoas que compõem do coletivo são das mais diversas possíveis negros, brancos, mulheres, homens, homossexuais.

Destaca-se a participação de mulheres negras que compõem o coletivo e oficinas que carece de atenção mais que especial tendo em vista que representativamente são o menor número de pessoas em um recorte racial, mesmo tendo massiva e maioria presença de mulheres, mulheres negras ainda não são uma presença marcante o suficiente, pelo que aponta a pesquisa.

Não. Acredito que a Turu deveria ter uma maioria de pessoas pretas considerando a sua proposta e não tem.

O tensionamento está em garantir que não só o repertório os os territórios, lugares e vivências sejam de negritude, mas que haja participação efetiva de uma representatividade negra na construção e no pensar, nas oficinas e nos arrastões onde a negritude chegue e sinta-se pertencente.

Sim, pois o grupo é composto por diferentes etnias, pessoas que estão ou que passaram pela turu. E os lugares onde a turu se faz presente, desde festas de casamento para grupos de grande poder aquisitivo a grupos de comunidades mais carentes com maioria negra, e diga-se de passagem são as melhores apresentações

A diversidade étnico-racial na Turucutá não é uma unanimidade, mas existe, não é uma marca visualmente escrachada, mas está ali, merece ser pensada e discutida de maneira coletiva, mas já é presente em suas práticas. É contraditória e não está posta como pronta ou definida.

Acredito que não seja necessariamente o papel de um coletivo de Carnaval representar a diversidade de uma cidade em seus membros, mas em se tratando de um coletivo politicamente engajado e que possui em suas características a negritude do samba, o valor pelos espaços ocupados, o respeito pelo sagrado (samba, agogô e rua), a Turu consiga trazer consigo uma gama significativa de elementos que traduzem a diversidade étnica e racial de PA, assim como de gênero. No ano de 2018 a oficina de percussão da Turu teve pela primeira vez um número maior de participantes mulheres do que homens e esse movimento continua.

Proporcionalmente a quantidade de pessoas brancas é maior, sejam homens ou mulheres, mas os negros e negras que ocupam seus espaços no coletivo, seja em qual eixo (oficina, grupo show e arrastão) for, trazem profundo respeito e consideração em suas práticas e diálogos com a negritude e sua cultura, mantendo sempre em alerta a necessidade de se aproximar mais dos coletivos e espaços de maioria negra (restinga, imperadores, Saldanha).



Imagem 15: Encerramento Oficina de Percussão Turucutá na Imperadores do Samba (Fonte: <https://www.facebook.com/turucuta>).

7.4. O corpo negro na coletividade.

Precisamos de Corpos fechados ao projeto domesticador do domínio colonial, que não sejam nem adequados nem contidos para o consumo e para a morte em vida. Precisamos de outras vozes, políticas porque poéticas, musicadas; dá sabedoria dos Mestres das academias, mas também das ruas e de suas artimanhas de produtores de encantarias no precário (SIMAS, 2020, p. 56).

Em uma abordagem étnico-racial e de gênero, como você se percebe no coletivo atuando como professor, aluno ou ritmista?

Ao ocupar territórios negros, com repertório negro, instrumentalidade negra e posicionamento político um coletivo pode demonstrar relativo amadurecimento em relação ao momento e contexto de sua criação. Suas práticas também se alteram, seus

componentes além de se alternarem experienciam diferentes situações, aprendizados e vivências.

No tempo que eu era integrante, tinha uma certa permeabilidade no que diz respeito ao repertório para ritmos e expressões negras, mas não nos posicionávamos de forma efetiva enquanto coletivo no que tange questões raciais

A discussão de gênero no coletivo assim como as raciais avançam na Turu em compasso com a sociedade, as novas necessidades de resistência, o crescimento numérico do Coletivo a já alcançam resultados.

Este ano a bateria do arrastão era composta por maioria de mulheres. Mas apenas meia dúzia eram negras.

Mesmo assim, os resultados ainda demonstram uma necessidade de olhar para a representatividade feminina negra dentro do coletivo. Esta representatividade é muito necessária para que haja uma posição efetiva no carnaval de rua em relação a sua resistência racial. Para que todos e todas possam sentir algo que os complete um pouco mais diante das mazelas do racismo.

Com um sentimento de preenchimento de um aspecto que sempre fez falta dentro de mim, mas não sabia até então.

Mas o Carnaval mexe com todos, de formas diferentes. As interseccionalidades presentes nas relações são significativas. Ao ponto que mulheres negras podem ou não se sentir representadas em detrimento de seu gênero, podem não se sentir representadas em relação a sua raça.

me sinto representada e inserida em um coletivo com várias mulheres e negros ocupando o espaço.

Isso destaca que mesmo com uma presença de homens negros, possivelmente mais significativa, ainda falta acesso a mulheres negras no que tange a participação no Bloco.

não sei se as mulheres são maioria na turu mas acho que há pouquíssimas mulheres pretas

É necessário pensar os porque de termos no coletivo poucas mulheres negras e quais mecanismos podem ser colocados de forma organizada para que essa posição possa ser mudada em relação a pouca presença de mulheres negras na Turucutá, mas sabendo que são importantíssimas as mulheres negras que já compõem e já compuseram o coletivo em sua trajetória. Nenhum corpo negro pode ser invisibilizado,

tendo em vista que está é uma perversa tática racista que nos coloca diante dos nossos em uma perspectiva de que se somos poucos ou não a maioria não deveríamos estar ali.

O debate é sobre responsabilidade em relação ao Carnaval e sua raiz. O carnaval de rua também é sério e precisa ser traçado também por perspectivas que incluam a negritude em seus brincares.

Sinto uma responsabilidade enorme, tudo que se ensina se diz, tudo que representamos faz parte de uma identidade comum construída a partir de uma individual, eu como professor e como comunicador tenho a função e a responsabilidade de levar esses aspectos que constroem essa identidade a frente, as abordagens políticas, a cultura, a história que se carrega esta sempre presente.

Assim existem debates, existem representatividades, existem tensões de gênero e raça que precisam ser melhor estabelecidas coletivamente, mas que já possuem eco consistente na coletividade.

Atuei como ritmista e aluno em 2017, 2018, 2019 e 2020, tanto na Oficina quanto nos arrastões. Acredito que sempre teremos que repensar práticas em meio de maioria branca, tendo em vista que o racismo se não explicito, muitas vezes se camufla, assim como o machismo, nas entranhas dos mais desconstruído progressista, pois ser branco e homem torna impossível alcançar as subjetividades de negros e mulheres. Nestes quatro anos de participação no coletivo, percebo que em relação às questões étnico-raciais a Turu exerce um papel muito importante na abordagem e diálogos desta pauta, tendo em vista suas músicas, referências de samba, respeito enquanto coletivo aos alunos muito acolhimento.

Porém como professor de geografia e educador social penso que o respeito, o entendimento e o diálogo para com os territórios e lugares, disputados e ocupados é o que me faz ter certeza de que atuo em um coletivo que leva muito em conta as pautas raciais e de gênero, que pode melhorar e ampliar os espaços de diálogo referentes aos temas, mas que colabora muito com práticas, lutas nas disputas que se referem a ampliação do acesso à cultura na cidade, participando de fóruns, reuniões em secretarias de estado, ministério público, município, audiências públicas e demais espaços possíveis que lutam pelo Carnaval e sua cultura.

7.5. Turucutá é Cultura.

Dês do início de sua trajetória, até o presente momento, você identifica que a Turu acrescentou significado a sua vida e a cultura negra em Porto Alegre?

As escolas de samba de P.A são a grande referência de negritude no Carnaval que podemos constatar neste trajeto. Mas a importância de se fazer presente é inclusive

paradoxal no sentido de que ter negros em sua composição pode ser considerado mais importante em algum aspecto do que ser um coletivo negro.

Em termos raciais, acredito que os componentes negros da Turucutá que acrescentaram para o coletivo do que o contrário, e para cultura negra em POA, penso que as escolas de Samba exercem um papel mais significativo, por exemplo.

Mesmo assim, as vidas negras que ali estão, ou na cultura negra que ali é alimentada muda as perspectivas e é importante para que haja um maior aprofundamento no que diz respeito à representatividade e significado.

Na minha vida sem dúvida. Quanto à cultura negra vejo um esforço

Existe assim uma atitude de se pautar e se colocar nas práticas que colocam o carnaval de rua como um ator político atuante nas dinâmicas sociais e em temas onde há necessária urgência de debate como o racial e de gênero.

Sim e muito. Antes da Turucutá não tinha envolvimento com o carnaval de rua de Porto Alegre. A participação no coletivo ajudou no meu nível de interesse sobre esse tema.

De alguma forma acrescentar significado é algo que é proporcionado no coletivo, mas que é extremamente perceptível dentro das individualidades. Culturalmente esse caldeirão tece e ressignifica a vida de pessoas que chegam e se identificam, seja por poder tocar um instrumento, seja pelo repertório, seja pelos shows, a Turu auxilia na elaboração de ideias sobre a cultura negra, mesmo que este não seja o debate central do grupo, ele permeia as relações tendo em vista o legado adquirido, os territórios ocupados.

acrescentou, me formou como pessoa, me proporcionou conhecer pessoas e lugares, de compreender certas relações, então sou grato à Turu. À Cultura Negra existe um certo reconhecimento por parte da população, por conta do repertório e circulação do grupo, mas também tem pessoas, inclusive negras, que não gostam.

Sim, existem pessoas negras que não gostam da Turucutá ou pessoas críticas a uma maior presença branca no coletivo e eventos, principalmente aos centrais, mas como já dito, Carnaval é o ano todo e possui muitas outras facetas que não somente no evento principal do ano ou na composição de uma bateria. Mais uma vez não é possível invisibilizar a negritude e é necessário entender que esta negritude deve ser reforçada.

Sim, trouxe e deixou um legado de conhecimento

Esta negritude que também se alicerça em um legado de conhecimentos que é transmitido pela composição dos instrumentos de bateria, pelos ensinamentos do sagrado de estar na rua, no carnaval de rua e tocando toques e músicas que trazem a ancestralidade à tona e mostram de que raiz estamos falando. Esta raiz se dissemina no território quando o coletivo interage o ano inteiro com diversos espaços, territórios, públicos e renova anualmente suas composições de bateria, oficinas e grupo show.

sim, a turucutá me proporcionou participar do carnaval da forma que eu sempre queria, que é no meio da bateria. Acredito que o bloco contribui de forma ativa na cultura negra da cidade quando faz ações em pontos negros da cidade e sempre reforçando e ensinando a importância do povo negro.

Ensinar a importância do povo negro acompanhada de uma prática alicerçada neste legado e nos espaços de negritude contribui para proporcionar ao menos um significado que a cultura negra já está sendo fortalecida, tendo um negro ou negra como referência e para esta pesquisa são oito, no coletivo são mais vários. Isso já seria uma contribuição do bloco para a cidade ou até mesmo uma contribuição da negritude para o Bloco. Muito ou muito pouco, a contribuição existe, nem tudo são resultados concretos e matemáticos. Deve-se sim manter um fortalecimento da cultura racial no debate cultural da cidade e o bloco já o pauta há anos e vem fortalecendo esse significado cultural tanto para sua coletividade quanto para a cidade.

A minha vida sim, pq eu amo música e achava que era incapaz de tocar algum instrumento. Mas a cultura negra da cidade não muito. Acho importante as parcerias da Turu dentro do Areal da Baronesa por exemplo, mas acredito que a Turu deveria incentivar o ingresso de gente preta de maneira mais efetiva.

A parceria com o Areal da Baronesa é um exemplo da construção coletiva nos territórios negros do Carnaval, tendo em vista que ela não se restringe a Carnaval, são mais profundas, tendo em vista que muitos integrantes da Turu atualmente participam de forma direta ou indireta do carnaval de rua do Areal, chegando junto ao quilombo e claro, muitos brancos, mas alguns negros geram uma ponte a partir de conhecer o Carnaval pela Turucutá e ir conhecendo outras referências no percurso, aproximando inclusive mais de sua negritude.



Imagem 16: Turucutá no Areal da Baronesa, CB
(Fonte: <https://www.facebook.com/turucuta>).

Sim, pois de alguma forma a força que o carnaval e a cultura de bairro negra, toma força a partir da formação da turucutá e sua presença nas ruas.

Culturalmente este novos elos de negritude são especializados no território tendo em vista a intersecção territorial, política e ancestral, que faz o Areal uma referência de carnaval de rua e luta, mas também fazem do trabalho da Turucutá um expoente importante na formação de ritmistas que agregam em diferentes bloco e escolas de samba da cidade, construindo laços de negritude a partir da Batucada Coletiva Independente Turucutá.

Acredito que a Turucutá acrescenta todos os dias significado a minha vida. Seja ao vestir uma camiseta do bloco, ouvir uma música tocada nos arrastões ou oficinas, seja ao estudar um instrumento musical, minhas referências vêm da Turu. Também as práticas das oficinas me auxiliam muito na composição do meu trabalho enquanto educador social, o fato de tocarmos para milhares de pessoas muitas vezes, tocamos em festas, em ensaios abertos, me trouxe muito mais segurança em minha atuação como

professor e educador, tanto em questões metodológicas quanto perda de timidez e inibição.

Fazer parte de algo é muito importante, mas sentir que este algo também faz parte de você já pode ser uma experiência mais rara. Sinto que o carnaval de rua faz parte de minha vida e que a Turu é a referência desta vida no Carnaval. Penso que o toque do tambor nas ruas é um importante elemento da cultura negra que merece especial atenção, pois este no couro é uma manifestação de ancestralidade.

O jongo, o samba, o ijexá, o afoxé, são toques que trazem a força de uma conexão com o sagrado. Para o povo negro os instrumentos como agogô e surdo, por exemplo, são instrumento que trazem as forças dos orixás e entidades, que conectam o sagrado com o profano e que trazem através do som e do canto o ritmo que embala não só nossas danças, mas também todas as batalhas e lutas de cada dia. Assim, penso que a turu contibui a cultura negra pois traz esses elemento com zelo e método, buscando contribuir e retribuir para cidade o que os negros contribuíram para que pudesse existir, uma cultura linda, rica de elementos e uma festa única no mundo que é o carnaval.

7.6. Turucutá é Política.

Quais as transformações políticas, sociais e culturais que você observou/vivenciou, em Porto Alegre, após seus primeiros contatos com atividades na Turucutá e o carnaval de rua?

Ter acesso a cultura no meio de territórios negros nem sempre é fácil. A carência de políticas públicas que deem condições de acesso cultural a periferias e bairros periféricos é fator estruturante da segregação espacial e racial existente em PA. Mesmo sendo a Turucutá uma forma de diversão e lazer, sabemos que nem todas as populações negras têm acesso a forma de lazer consistentes, nem mesmo a uma praça, nem mesmo a um Carnaval.

Particularmente, sempre tive uma trajetória dentro de movimentos sociais, enxergava a turucutá muito mais como uma forma de lazer.

Ter seu lazer a partir de um movimento coletivo musical e que tem variações múltiplas de se organizar (oficina, arrastão e grupo show, por exemplo) e possui significativa capilaridade cultural no município já é algo a se destacar. Como elemento cultural da cidade a Turu e todos os blocos e escolas de samba deveriam ter seus direitos de manifestação assegurados. Com a importância destes serem elementos inclusive de lazer que a cidade pode colocar a disposição de sua população como

políticas públicas de apresentações e eventos ao ar livre ou gratuitos durante todo o ano. Como já manifestado neste texto, nem sempre isso acontece.

a não autorização para o arrastão de 2019 para a autorização do arrastão de 2020.

As mudanças que nos marcam nem sempre são as melhores no que diz respeito à luta pelo carnaval de rua. Como já referido sobre a não autorização do cortejo de 2019 que gerou uma multa para o Bloco, em 2020 essa autorização foi concedida diante de grandes debates referente a data em que a Turu necessitar para fazer seu carnaval, que é considerada a data de aniversário do Bloco, mas que não é respeitada em detrimento a outros eventos da cidade como jogos de futebol e até mesmo festas de elementos culturais estritamente comerciais como Saint Patrick's Day. Uma forma de racismo em relação ao carnaval de rua que há anos vem fornecendo e colaborando culturalmente com a cidade e que é desprestigiado pelo poder público que não entende a diversidade dos habitantes da cidade que administram.

Que a cidade possa ter espaço para todos os eventos e festejos livres e democráticos, mas que seja dada reais condições de igualdade em relação ao carnaval de rua e competitivo no cenário das políticas culturais e sociais da cidade. Este viés político não só em mim, mas em outros entrevistados em relação à política cultural do município e seu deslocamento da realidade cultural do carnaval de rua e competitivos se fortalece na Turucutá e é responsável direto pela inspiração para esta dissertação.

Despertou em mim a vontade de participar de manifestações, para defender os interesses do carnaval de rua, além de outras questões políticas.

Este despertar pode ser de pessoas que já tinham uma caminhada em diferentes militâncias e movimentos sociais e pode ser de pessoas que tiveram acesso a uma visão diferenciada da cultura do Carnaval e seu envolvimento com a cidade. Este envolvimento colabora para que haja um Carnaval que se renova, mas mantém laços com sua matriz, pois este é sempre coletivo.

A Turucutá junto com outros blocos reconfigurou o carnaval de rua de Porto Alegre, fez com que as entidades públicas percebessem tal fenômeno e se organizassem pra dar conta dele. Ele em si nunca deixou de existir, mas a partir do momento que surgem novos atores com novas propostas, a cidade hoje tem um calendário que a dez anos atrás não havia.

O reflorescimento do carnaval de rua está associado ao fortalecimento do Bloco Areal do Futuro, Turucutá, Bloco da Laje, Isopor, Saldanha, Odomodê, Imperadores do Samba, Restinga e tantos outros referenciais já citados aqui, mas no que tange a Turu, esta também apresenta significado e importância singular no processo. Tendo em vista

não somente a formação de componentes para baterias e suas inserções territoriais, na cidade, mas também a participação efetiva nas discussões que se referem ao carnaval de rua durante períodos longos, entre editais e multas, entre certezas e incertezas da realização do evento, diálogos com outros blocos e escolas de samba, com o comércio, com os ambulantes, com seus turucuteiros.

Assim como cada um dos blocos que compõem o carnaval de rua de PA possui também suas referências, sua história e seus legados, a Turu é uma parte, mas uma importante parte no que diz respeito ao crescimento do carnaval de rua após o ano de 2004, sempre marcando que o Areal da Baronesa é o berço disso, pois dêz que deixou de ser escola de samba em 2004 Passou a promover um importante trabalho social com o Areal do Futuro e na Cidade Baixa, fazendo sempre o seu carnaval. A Turu chega na soma e multiplica.

De início verifiquei um maior pertencimento de posse da rua como sendo do próprio cidadão. Igualmente verifiquei um recrudescimento por parte da prefeitura de Porto Alegre.

A Turucutá age nesta soma de forma a proporcionar a experiência de pertencimento em relação a ocupação do espaço público em paralelo a práticas reacionárias da Prefeitura em relação ao carnaval de rua.

após entrar na turucutá me tornei mais conhecedora das problemáticas relacionadas ao carnaval e também mais posicionada politicamente. Nessa trajetória já participei de diversas manifestações contra o atual governo, e até mesmo juntamente com outros blocos de rua em razão das questões do carnaval.

O coletivo proporciona maior envolvimento político dos seus membros a partir de um percurso que se posiciona dentro da cidade juntamente a outros blocos de rua e escolas de samba trazendo representatividade e engajamento e nas causas que dizem respeito ao Carnaval e aos espaços públicos.

acho que a turu ter resistido às investidas do governo do psdb em 2019 foi muito importante, acredito que a parceria com a quadra da imperadores é importante, acredito que o fato de os cantores, mestre maumau e mestre medina serem pretos é importantíssimo..

Atuando de forma a representar o carnaval de rua em sua forma mais genuína a Batucada resiste aos empecilhos e aos entraves colocados por diferentes gestões municipais ao longo dos últimos anos em relação à realização do carnaval de rua.

O carnaval de rua era uma festa apagada em Porto Alegre, poucas festas e pouco público, pouca divulgação e nada de apoio. O governo não via essa cultura como forma de

expressão e valorização cultural, e atualmente ainda não vê. O que mudou é que o número de pessoas a se expressarem cresceu, aumentou o número de blocos, a cidade de uma forma ou outra já sabe que existe o carnaval de rua e procura por ele.

O poder público não enxerga, mas os coletivos e blocos envolvidos no carnaval de rua têm grande importância no desenvolvimento cultural da cidade. Não é por falta de visibilidade ou por falta de força coletiva que o carnaval de rua de Porto Alegre ainda não é um grande expoente no que tange os carnavais do Brasil e suas capitais porém é importante salientar que mesmo diante de todas as ações contrárias ao carnaval de rua este permanece vivo e alcança exponencial crescimento ao longo dos últimos anos principalmente após a ida do carnaval competitivo para o complexo cultural do Porto Seco.

Após minha chegada à Turu eu pude me aprofundar e aproximar mais de espaços de celebração a negritude, não somente ligados ao Carnaval, mas também ao samba, a boemia, a religiosidade afro e a discussões referentes a negritude no Carnaval e no Brasil como um todo. Observei que a cidade de Porto Alegre vivenciou um forte crescimento do carnaval de rua nos anos de 2010 em diante, mas que após 2015 foram alguns carnavais muito importantes nas ruas da cidade.

Observei, também, que o carnaval competitivo teve um arrefecimento causado pela ausência de políticas públicas ativas pela manutenção e ampliação do evento, que a cidade de Porto Alegre ama o Carnaval e sua população quer sim que este possa ser mais organizado, seguro e divertido, que é possível fazer Carnaval independente ou com patrocínios, mas que é necessário o mínimo de vontade política e entendimento do que significa o Carnaval para a cidade por parte de gestores e poder público.

7.7. Turucutá é Legado.

Venha dançando
Ao som do tambor
Venha dançando
Ao som do tambor
E o povo vai chegar
e dançar
com a Turucutá
Ao toque
do repi
venha brincar
é o povo que vai reunir
(Música: Chamada de Repi, Tátá Gonzales)

Você identifica um maior engajamento nas questões políticas e culturais da cidade após sua chegada à Turu?

Atuação coletiva em relações a questões referente à política públicas sejam de ocupação do espaço público ou relacionadas à cultura constitui um processo evolutivo dentro da perspectiva de uma ação que tem no carnaval de rua Seu principal palco.

Após minha saída, sim. Pelo menos no que diz respeito aos posicionamentos públicos.

Nem sempre os coletivos ou.doc de rua consegue ter uma participação tão efetiva quanto necessária dentro de todos os espectros do carnaval de rua, mesmo assim fato é que ela existe.

Pouco.

O envolvimento em manifestações que por vezes parecem não ser suficientes tendo em vista a dinâmica coletiva, mesmo assim é notável, o carnaval de rua é o espaço onde a política acontece mesmo quando os atores que não tem como primazia essa intenção.

Sim, é perceptível. Toda essa década foi marcada por manifestações que envolviam o espaço público e em algumas das oportunidades a Turucutá estava lá ou seus membros estavam também. O carnaval dos blocos de rua é um exemplo.

O envolvimento em questões culturais aparece enquanto um elemento significativo da existência da própria coletividade estando intimamente ligado ao fazer carnaval na rua.

Sim

Sim.

As trocas e convivências que ocorrem nos âmbitos onde a Turu tatua são maneiras de estimular E dialogar com as necessidades políticas e culturais da cidade. este diálogo permeia Relações objetivas e subjetivas diante da coletividade onde ele é estimulado pensado e construído a partir das necessidades de se entender enquanto um ator político cultural como é o caso da Turucutá.

sim, após participar da turucutá, comecei a fazer parte de manifestações políticas e compreender melhor as questões políticas e culturais da cidade e do país.

Com o passar dos anos o crescimento coletivo daquele tocar pode fortalecer diálogos e vivências em diferentes espaços públicos onde a criação de engajamento político é um resultado das práticas relacionadas ao carnaval de rua.

Considero que a criação da tucurutá é um grande influenciador para haver esse engajamento. Ela empodera um grupo que só vem crescendo desde então a se envolver nessas questões.

Sim, meu engajamento em questões relacionadas a políticas públicas de cultura aumentou, tendo em vista minha maior participação em espaços de debates, onde através do carnaval de rua é possível se discutir outras formas de emancipação social e políticas públicas que transcendem o âmbito cultural, tais como educação, história, sociológicas e econômicas do Carnaval que atravessam outros setores sociais e caminham junto com pautas importantes, como a exclusão social, racial, econômica e de gênero. O Carnaval pode ser visto como um evento interseccional onde os atores deste são, mesmo que indiretamente, convocados a estarem em espaços políticos e tendo em vista que o próprio Carnaval é um ato político, quanto mais você participa mais engajado tende a estar.

7.8. Turucutá é Coletividade.

Você participa ou participou de mais blocos de carnaval ou escolas de samba na sua trajetória? Se sim, quais e como foram suas experiências e quais a ligação de sua trajetória na Turucutá com estas outras vivências?

A coletividade traz um contato importante com outros espaços, com outros territórios, mas também tem nas instituições colaborativas que fomentam e fazem o Carnaval, importante apoio e momentos de partilhas. Nestas trajetórias, a Turucutá contribui para o fortalecimento dos vínculos tendo em vista seu contato com outras agremiações. Todas as respostas apontam para um legado de vínculos construídos a partir da Turu com diferentes territorialidades e diferentes atores carnavalescos que hora na região central hora em outras se estabelece nos diferentes espaços carnavalescos da cidade.

Em um ano desfilei pela Acadêmicos da Orgia e na Vila Isabel.

Sim, passei a tocar em outros coletivos após iniciar a oficina de percussão da Turucutá.

Sim, comecei a desfilar na bateria de uma das escolas de samba do carnaval de Arroio do Sal.

particpei dos Acadêmicos de Gravataí, Acadêmicos da Orgia e Imperadores do Samba. Estive nos primeiros anos junto ao Bloco da Laje. Quando possível desfilo com o Areal da Baronesa, tudo isso paralelo com a Turucutá.

Sim. A ligação da turucutá é intrínseca, sem ter começado a fazer a oficina jamais teria acesso ao demais blocos em que toquei. Inclusive restou oportunizado por meio da turucuta a vivência de escola de samba.

Entendo que a cidade de P.A tem grande potencial para a cultura como um todo. Nos anos em que o carnaval competitivo foi na região central, os ingressos eram vendidos dias antes, com filas, pessoas de vários pontos do estado vinham para assistir. Projetos sociais que tenham como o samba e o Carnaval um guia, são por gênese espaços de troca e saber profundo, tanto no que diz respeito ao legado negro na cidade quanto acultura negra e sua manutenção.

A população precisa conhecer mais as escolas de samba, seus ambientes, suas magias, assim como precisa conhecer mais os coletivos que compõem o carnaval de rua da capital. Estar dentro de uma escola de samba traz um sentido de comunidade ou comunitário que gera pertencimento e identidade, e que forma vínculos que se especializam sempre em seu espaço, ou em algum espaço onde esta escola esteja. A cidade de Porto Alegre merece mais escolas de samba, mais blocos de carnaval, mais atividades gratuitas, exposições, shows, oficinas, investimentos e todos os elementos que são característico de uma cidade que tem Alegre no nome, mas nos últimos anos tem sido negligenciada pelo poder público.

Muitas escolas são terreiros de samba, lugares sagrados, sacralizados pelos toques do tambor e seus orixás. É muito necessário que haja maior vinculação da população porto-alegrense com as escolas e oficinas de percussão, festas, eventos, ensaios abertos, dentre outras ações, são parte fundante de uma mudança de pensamento da população em detrimento do Carnaval da cidade e da cultura negra.

o carnaval sempre esteve presente na minha vida, embora nunca tenha participado ativamente do carnaval de Porto Alegre. Desfilo há 10 anos no carnaval de Arroio do Sal. Inicialmente sempre desfilei em alas, mas tinha muita vontade de tocar na bateria da escola. Depois de entrar na oficina da turucutá, não só comecei a tocar na bateria, como também levamos um instrumento que até então não havia nas escolas de samba de lá. Gosto de frequentar o bloco do isopor criado por moradores da cidade baixa, areal do futuro, gostei de participar do galo do porto em 2016. acho interessante os ensaios da laje no recanto africano mas tenho algumas críticas ao bloco, frequentei as quadras do bambas, imperadores, acadêmicos da orgia, fidalgos e aristocratas.

Eu participei de saídas do bloco afro sul, e de lá que surge meu desejo de ir além, vendo toda aquele espetáculo e como a relação das pessoas se desenvolvia eu quis viver mais isso e mais aprofundado.

Desde que cheguei na Turucutá pude estabelecer contato com diferentes comunidades, escolas de samba e Blocos. A Turu incentiva, enquanto coletivo, que estejamos sempre presente, na medida do possível nos eventos que ocorrem na cidade, tanto de samba e Carnaval quanto de amigos, de outros artistas não necessariamente ligados ao Carnaval.

Isso se dá em parte a um processo de ocupação dos espaços centrais da cidade que é fomentado pela necessidade de se estar na rua, enquanto um estilo de vida onde a rua também passa a ser parte material da organização individual das pessoas que estão participando do coletivo. Estar na rua é imprescindível para que os vínculos territoriais sejam cultivados e estabelecidos. Estar na rua com outros blocos, com outros atores, com outras escolas é crucial para o amadurecimento da cidade como um organismo vivo e democrático.

Um território que se destaca como vivência é o quilombo Areal da Baronesa, situado na rua Baronesa do Gravataí, no bairro Cidade Baixa. Em algumas ocasiões já pude estar presente e tocar juntamente com o projeto do quilombo chamado Areal do Futuro, para crianças quilombolas e do entorno, e demais pessoas que queiram aprender um instrumento.

O Areal, como chamamos, é um território extremamente acolhedor, importantíssimo para o samba na cidade, com larga trajetória tanto em blocos como escolas de samba, sendo parte remanescente de uma porto alegre antiga, onde a ilha ainda abrigava Lupicínio Rodrigues e um ar rural, Areal da Baronesa é o Berço do Samba. Fiz entrevistas no Areal mas não quis dar continuidade a pesquisa lá, por não querer usar o quilombo como base de pesquisa por não sentir que é justo, por não me sentir pertencente ao território enquanto quilombola e por ver que muitas pessoas estudam o quilombo e nunca mais aparecem, minha relação com ele é de afeto e amizade, e quis manter ela por aí.

Acredito que coletivos organizados de forma independente e autônoma podem contribuir muito para a disponibilidade de ações e práticas culturais que trazem e presenteiam a cidade com a ocupação do espaço urbano, com a geração de significado, assim como resgate do mesmo quando os espaços públicos recebem o coletivo e trocam dentro de sua história e especificidades, experiências, vínculos e disputas.

Particpei durante três anos como aluno das oficinas da Turu e entendo que é uma das experiências mais transformadoras que eu já tive. Aprender um instrumento percussivo novo a cada ano já seria algo muito interessante, mas a oficina da Turu contém elementos que extrapolam seus objetivos primários. Um deles é a convivência entre os membros do coletivo, a grande interação social que é incentivada a partir das oficinas, ensaios fechados e abertos, churrascos, rodas de conversa e até mesmo debates sobre Carnaval, produção cultural, direito à cidade, dentre outros. As oficinas são espaços lúdicos, que se utilizam de métodos simples e dinâmicas acessíveis para crianças, adultos e idosos e a depender do instrumento todos podem chegar, sem

restrição de idade. As oficinas, assim como outros encontros provenientes desta convivência, são espaços familiares, de amizades que são muito para além do aprendizado estrutural de percussão.

Os vínculos são, ao meu ver, a grande chave de aprendizagem que a Turu proporciona. Estes vínculos são humanos, sociológicos, mas também especializados, pois é a partir desta oficina que surgem vínculos com as escolas de samba, com suas quadras, com quilombos (AREAL e ALPES) e com a ocupação do espaço público através da arte e da música. Experiência na oficina da turu é experienciar (Paulo freire) uma fábrica de amizades, onde poderão encontrar

7.9. Batucada Coletiva e a Cidade.

Os nossos grandes inventores rufaram tambores, chamaram zambiapungo de olorum, riscaram o asfalto preenchendo de dança o intervalo entre as marcações do surdo, despacharam as inclusas, subiram o São Carlos e escadaria da Penha bradaram revividos em seus santos-cavalos nas matas e cachoeiras, celebraram os mortos na palma da mão (SIMAS, 2020, p. 14).

A cidade enquanto palco de contradições, fora feita e celebrada por negros e negras que nem sempre tiveram motivos para festejar. Mesmo assim, são estes os atores principais da festa. Nesta cidade que em nada nos privilegia, negros foram perifêrizados, o que gera uma significativa contradição entre as centralidades e as descentralidades.

A participação e ação da Turu em escolas de samba, na, restinga, no quilombo dos alpes são exemplos de descentralização da cultura onde a Turucutá chega ou chegou a outras comunidades, com mais tradição no Carnaval até, mas que buscando o intercâmbio, a troca e o aprendizado, pode colaborar com a formação social de seus componentes, assim como colaborar para vivências nas comunidades visitadas. A ocupação do espaço público em ensaios abertos também é uma forma de levar cultura para as cidades e receber um carinho imenso com que a população recebe o coletivo.

Essa troca quando nos ambientes abertos, com público, é muito benéfica para a cidade, pois transmite que a alegria de nosso porto não está só no nome. Está na liberdade de se expressar, de se colocar a dispor da sociedade com um trabalho sério, metodológico, comprometido com a cultura e com a população. Quanto a festas em espaços privados, acredito que o artista deva sempre ser valorizado, seja em que área este atuar. Isso porque para um coletivo que alcança dezenas de pessoas diretamente e milhares indiretamente, precisa de dinheiro, precisa repor materiais, instrumentos, precisa se valorizar e valorizar seu público, ensaiando em estúdios pagos muitas vezes.

Esse lado mais comercial é um dos três eixos de atuação do bloco e mesmo a oficina tendo valor a ser pago em forma de mensalidade, o alcance dela, com aproximadamente 100 vagas por ano, contribui para a formação de ritmistas que irão transitar por outros blocos e coletivos, muitos deles que não possuem qualquer caráter financeiro, nem cachê, apenas amor pela música e pelo Carnaval. Essa tríade de ação do coletivo ao meu ver faz com que ele possa atuar de formas muito abrangentes, diversificando seu público, que não é o mesmo das festas na cb, nem nas festas da imperadores, nem nos arrastões. Por mais que muitos componentes acompanhem o bloco há anos, nestes mais de 10 anos, a turucutá já formou centenas de ritmistas, que foram atuar em outras escolas de samba, que se profissionalizaram, que hoje vivem de música, e isso é muito forte.

Como você entende que a Turucutá contribuiu e contribui ao longo de sua história para o desenvolvimento do carnaval de rua de Porto Alegre?

Chega-se então a contribuição da Turu com e para o Carnaval de Porto Alegre. O Bloco se constitui como uma importante expressão carnavalesca no carnaval de rua, principalmente na região central da cidade, mas com inserções em territórios de carnaval descentralizados e disseminação da cultura do Carnaval de rua para a população.

Foi a partir do Turucutá que eu pude conhecer mais o quilombo do areal onde hoje tenho vínculos muito significativos em relação a Carnaval e amizades. Mas esse é um ponto. As amizades são ao meu ver a maior parte da alegria. Tocar com amigos, a sintonia que muitas vezes é percebida, as energias e vibrações que o coletivo pode manifestar, em arrastões, ensaios e apresentações são muito bonitas e boas de sentir, de ver, de ver os brilhos, o vermelho e verde que toma conta da paisagem onde a turu está. Essas relações modificaram nos últimos anos a minha vida e ampliaram muito minha visão de mundo e da cidade. Também na turu, tive uma maior aproximação com elementos da negritude, debates raciais e cheguei até essa dissertação.

A turucutá é uma das expressões mais fortes em termos de carnaval de rua, inegavelmente. Entre outras coisas, ajuda a aproximar pessoas que não tem vivência de carnaval com essa realidade.

Aproximando pessoas, ocupando espaços, resistindo territorialmente, a Batucada Coletiva atua na cidade de maneira constante e dialógica, tendo diferentes possibilidades de atuação tanto no espaço público quanto privado. Mas que tem na rua seu lugar e se posiciona enquanto um ator coletivo responsável pela cultura a qual se propõe trabalhar.

Resistindo não se curvando aos empecilhos que o poder público impõe

Esse trabalho que ocorre com a presença de um coletivo organizado em diferentes esferas para que o carnaval de rua tenha seu espaço tem como processo de formação as trocas garantidas por oficinas que são significativo elo entre a cultura do Carnaval e pessoas interessadas em vivenciá-la. Esse elo contribui na criação de novos elos, diferentes, mas que também atuam no espaço público, como outros blocos que tem grande parte dos componentes advindos de oficinas da Turu, bandas de samba, outras bandas que se misturam ao cenário cultural e musical porto alegreense reinventando as possibilidades.

A Turucutá tem um papel muito importante na formação de ritmistas. O trabalho de formação realizado pela turucutá contribuiu para a formação de bateria de outros coletivos

Essa formação de ritmistas, esse ajuntamento de diferentes pessoas com diferentes necessidades, trajetórias e vivências é acompanhada por uma coletividade que acolhe os novos e procura ser um espaço de vetor de vivências alegres. Esse vínculo é muito bom, pois transforma também os espaços em referências de alegria, inclusive o espaço público, onde novos significados são elaborados.

São onze anos de processos onde a troca de saberes sempre é motor de partida para as relações, tendo em vista a criação de músicas, diálogos com o poder público, ensaios, festas, participações em carnavais de outras agremiações, em escolas de samba em comunidades descentralizadas, de conflitos, de resistências, sempre em coletivo, não só de forma individual em coletividade com a coletividade.

Acho que a Turucutá contribui no aspecto de organização e senso de coletividade, demonstrando que existem outras formas de lidar com a cidade, com o espaço e com a institucionalidade e a burocracia. Não é nada fácil construir um espaço onde todos e todas se sintam contemplados, tanto internamente quanto externamente. É um processo. Acredito que essa forma de viver e que é a sua forma política de ser e estar no mundo é inspiração pra muitos grupos, pois eles nos procuram ou nos convidam para que façamos parte de determinadas ações. Chegar diante dos órgãos públicos dizendo que iremos realizar um arrastão e já apresentar tudo aquilo que é solicitado são anos de construção e aprendizado, acertos, erros e correção dos erros. Existe um reconhecimento de parte da cidade, mas não inventamos a roda, apenas olhamos pra traz, aprendemos com o presente e usamos as ferramentas e conhecimentos à nosso favor dentro dessa estrutura toda.

Organizar um bloco, ter andamento nos arrastões, propor uma execução musical de qualidade, são todas características do trabalho da Turu e de outros blocos que compõem o carnaval de rua. É necessária uma grande entrega por parte dos componentes que quase sempre de forma voluntária compartilham suas vidas pelo amor ao Carnaval. Isso ocorre de maneira anual na cidade de amantes das escolas de samba, blocos de rua, bailes e eventos ligados ao Carnaval.

No momento atual contribui trazendo música de qualidade, bem tocada e com organização para o contexto do carnaval de rua.

Essa chegada do carnaval de rua ao referido momento que vive na cidade é fundada com um trabalho diário, muitas vezes, pegando-se instrumentos, fazendo fretes, contabilidade, material gráfico e para internet, marcação e execução de ensaios e oficinas, criação, produção e realização de eventos em casas noturnas, na rua, em escolas de samba, assim pode-se dizer que a Turu, juntamente com outros blocos é uma porta para o carnaval de rua, ou,

muitas pessoas que participam de vários outros blocos do de Porto Alegre aprenderam a tocar na oficina as Turucutá. Vejo a turu como uma porta de entrada no universo do carnaval para muita gente.

Essa porta de entrada recebe seus foliões, dialoga com bolsas para seus educandos, tendo em vista que este trabalho para acontecer precisa sim de direção financeira e dinheiro para que possa ser realizado. Mas que não tem no dinheiro seu objetivo principal e se coloca como um catalisador de um carnaval de luta e principalmente resistência na Cidade.

Com aproximadamente cem vagas por ano, as oficinas da Turu são um ponto de comunhão do samba, de fazer novos amigos, de ter novas experiências sociais, interação tanto com escolas de samba quanto com espaços da cidade. Isso porque estas são realizadas não só na quadra da Imperadores do Samba mas também em espaços abertos como o Largo dos Açorianos e a Praça do Aeromóvel, oficialmente chamada de Praça Júlio Mesquita.

Estes ensaios em espaço público são um forte componente de interação do bloco com a cidade, servindo de componente cultural e gerando certo apreço pelas pessoas que os observam. São momentos de utilização do espaço público onde existe uma verdadeira confraternização na rua, em espaços mais ou menos utilizados pela população, como é o caso do Largo dos Açorianos.

Este espaço possui um “cachorródromo” que é visivelmente subutilizado, inclusive nos finais de semana. Ainda mais com a extensa obra de reforma da Ponte dos Açorianos que já dura alguns anos sem previsão de término. Outro espaço por vezes utilizado para as oficinas e ensaio do bloco é a Redenção, mais especificamente a frente do Auditório Araújo Viana.

Nesse caso, ocupar esse espaço serve como uma reafirmação de cultura negra no Parque, tendo em vista que atualmente nem seu nome oficial remete mais aos antigos moradores ex-escravizados que habitavam as imediações do que hoje se chama Bairro Farroupilha. No ano de 2018 a E. Turucutá ocupou esse espaço em momentos emblemáticos como a Parada Livre e os protestos denominados #EleNão. Isso demonstra uma posição política do Bloco que não se coloca como um coletivo neutro diante das demandas sociais e pautas políticas.



Imagem 17: Arrastão Turucutá 2019, Avenida Edvaldo Pereira Paiva (<https://www.facebook.com/turucuta>).

acho que a turu é um dos embriões para um grande polo de carnaval que porto alegre pode se tornar no futuro.

O carnaval de rua de Porto Alegre tem no presente de incertezas a possibilidade de se reinventar e florescer ainda mais, sempre ressaltando que poder público tem papel fundamental na criação de políticas públicas que revelem mais ainda os talentos culturais que o Carnaval pode proporcionar, mas sabendo que este é também um ator político e sagrado que tem em seus territórios a necessidade de se manifestar sem obstruções indevidas do poder público.

Buscando cara vez mais formas de valorização e expondo as situações de tentativas de desvalorização como foi a questão DA MULTA NO CARNAVAL DE 2019.

Ter recebido uma multa, ter tido o seu arrastão obstruído, ter tido seus diálogos com a prefeitura barrados em respostas torpes não deixou de ser um conflito desgastante, mas este e outros que já traçaram e traçam a história de blocos e escolas de samba são apenas mais um na resistência necessária para que o Carnaval aconteça em uma cidade racialmente desigual e reacionária.

Acredito que a Turu é uma referência, não só para mim, mas para centenas de pessoas que aprenderam a gostar do carnaval de rua nas oficinas, ensaios, arrastões e festas. Seu impacto na região central é considerável quando se fala em carnaval de rua e por mais que sua capilaridade em outras regiões da cidade possa ser menor, existe forte apelo em relação aos arrastões da Turu, oficinas de percussão com cem vagas e lista de espera, colaboração com outros blocos, a defesa do carnaval de rua em fóruns públicos e institucionais, a defesa pelo direito ao espaço público, respeito a diversidades e justiça social.

A repressão policial, leis proibitivas, regras, normas “civilizatórias” sempre acompanharam a presença negra no Brasil, no Rio Grande do Sul e na cidade de Porto Alegre. A perseguição a músicos, sambistas, carnavalescos, blocos e escolas de samba faz parte da luta diária que os amantes da festa precisam travar para manter vivas suas tradições e amores por sua cultura.

Enquanto isso as camadas populares por força de repetidas repressões policiais contra o entrudo – adotam formas mais disciplinadas de brincar nas ruas, paganizando a estrutura das procissões e criando os cordões que segundo Tinhorão (1974; 107), foram “os primeiros núcleos de criadores da autêntica música de carnaval” (PMPA, 1992, p. 14). Com a perseguição à própria população negra, marginalizada em locais de difícil acesso, longe das regiões centrais, negros e pobres são expurgados para mais longe.

Acredito que o coletivo deva procurar descentralizar mais suas atividades, buscando mais conexão sempre com as periferias, com os menos favorecidos, mas sei das dificuldades de um trabalho que se realiza na região central a partir de voluntários e com baixas remunerações e cachês de alcançar essa amplitude. Mas podem sim ser desenvolvidas estratégias que corroborem pela ampliação de acesso de pessoas com menos recursos.

O crescimento urbano na capital acompanha a lógica de higienização social onde pobres não são bem vindos e vistos. Seja por pressão do estado ou imobiliária, cada vez mais afastados de qualquer região onde serviços e equipamentos urbanos de maior qualidade estejam presentes. Para se ter uma ideia disso: a estigmatização urbana esteve presente na cidade e designou certos lugares, personagens e práticas sociais

conhecidos como espaços malditos, excluídos econômica e socialmente, sendo esses territórios comumente associados à população pobre e negra (SOMMER, 2011, p. 96).

8. MORA NA PEDREIRA

Mora na pedreira, é a lei da Terra
Vem de Aruanda pra vencer a guerra
Eis o justiceiro da Nação Nagô
Samba corre gira, gira pra Xangô
- Samba enredo Salgueiro, 2019

8.1. Considerações

Este samba enredo chega como a chave que cela essa dissertação. Não como um fim em si, mas assim como Exú abre os caminhos, Xangô vem pra trazer a vitória. Essa dissertação é resultado de uma pesquisa de quatro anos, na qual fui autor, fui espectador, observador e proponente, mas principalmente um folião. Aí se traduz o que o Carnaval significa para mim neste fim de ciclo, uma festa, a alegria manifestada no espaço, política e culturalmente materializada. MaterIALIZEDO no território, no lugar de cada um, de cada bloco, escola de samba, de cada negro e negra que o faz.

Sei que neste texto busquei dar conta de muitas coisas, muitos conceitos, muitas teorias e que nem sempre neste percurso narrativo consegui entregar tudo o que eu queria e tudo o que o Carnaval merece. Mas também sei que esta pesquisa tem um imenso valor para minha negritude, para uma vida de mais um negro que chega a universidade e pode ser mestre em geografia, representando de forma indireta muitos outros, meu alunos, meus irmãos negros e negras mortos e escravizados.

Saio deste processo com mais dúvidas do que respostas, sobre o carnaval de rua, sobre a vida, sobre identidade, sobre territórios, sobre a cidade. Considero isso bom, tendo em vista que o processo de pesquisa, a ciência e a evolução social dependem de perguntas, dependem de questionamentos e transgressões.

Sei também que esse texto transgride alguns aspectos acadêmicos, outrora não consegue dar conta do tamanho de seu potencial, mas certamente é fruto de uma pesquisa sólida, com importante embasamento teórico e argumentos que, dentro de uma perspectiva descolonizada, tem grande sentido e significado para seus “escriventes”.

Neste trabalho aprendi que é necessário um olhar amoroso pela cidade, aprendi que é necessário se pensar em uma cidade que gera vínculos, que possa respeitar sua diversidade cultural e racial. Pude observar que as territorialidades são múltiplas, mesmo não conseguindo trazer para o corpo do texto esta discussão da forma como havia planejado. Mas que traz em sua narrativa as diferentes visões em suas escrituras,

que estas sim dão conta de entender a importância do protagonismo negro nos espaços de Carnaval.

Ao discutir identidade e pertencimento percebo que o carnaval de rua gera o significado necessário para que existam territorialidades bem estabelecidas no que tange a rua e sua festa. Nestes territórios estão os lugares, vivendo e fluindo nos espaços, no tempo e na história, sendo uma representação e espacialização da alegria na sua manifestação mais negra.

O pertencimento territorial marca a trajetória do samba e do carnaval de rua na cidade de Porto Alegre, marca os corpos negros, suas territorialidades, seus coletivos. Dentre estes, o Quilombo do Areal da Baronesa surge como a grande referência de Carnaval na região central. Contudo, a Turucutá vem nos últimos anos assumindo e colaborando de maneira significativa para a construção e ampliação da cultura do carnaval de rua na cidade.

Como ritimista e aluno me percebo como um homem negro em um espaço social que tende a ser embranquecido, mas que me auxilia muito a entrar em contato com minha ancestralidade, negritude e principalmente com territórios e lugares onde a negritude resiste e festeja. A formação da Turu me permitiu chegar em mais blocos, ter acesso a mais espaços, a mais diálogos, a mais samba, a mais apropriação e ocupação do espaço público. Hoje não sou militante de nenhum partido, mas em todos os atos, passeatas e eventos onde uma bateria de samba se faz necessária para manifestar as demandas políticas as quais acredito, eu posso estar lá, com meu surdo, com minha caixa ou agogô, seja como for, apreendi na Turucutá.

A visão que por vezes é associada ao Carnaval enquanto uma simples festa é uma visão fortemente atravessada por preconceitos e questões de classe. Esta manifestação cultural é um expoente da dimensão da complexidade da formação social brasileira. O carnaval de rua, por consequência, torna-se uma fonte de análise muito importante do ponto de vista geográfico e social, quando se quer ter melhores entendimentos de como a cidade pode libertar e oprimir ao mesmo tempo.

De como bairros e ruas podem manifestar inúmeras contradições sociais e espaciais em poucos quilômetros de território. Este texto traz à tona a complexidade de agentes e atores que compõem esta paisagem (no sentido geográfico e artístico da palavra). O espaço geográfico onde é impressa a história do carnaval de rua de Porto Alegre está fortemente cartografado pela história do povo negro e de suas manifestações culturais e religiosas.

São centenárias as disputas pelo território desta festa, são centenárias as disputas entre classes altas e médias que se apropriam do espaço sem considerar fatores históricos e geográficos que fazem com que as regiões centrais da cidade também sejam de uso legítimo das populações periféricas. O poder público age, muitas vezes, como um vetor de legitimação de um discurso e práticas de segregação espacial e esvaziamento cultural do Carnaval.

A cultura e suas geografias envolvidas em disputas territoriais resistem e florescem em meio a fortes mecanismos racistas e discriminatórios. No entanto, o carnaval de rua de Porto Alegre, enraizado em forte cultura e apelo popular, resiste e cresce neste cenário. A falta de planejamento estratégico no que tange uma festa de tamanha magnitude é evidenciada pelo que deveria ser e não é uma festa promovida e incentivada pelo poder público.

Mesmo leis que deveriam servir de ferramentas de fomento para os festejos são muito mal ou quase nada levadas em conta, em diferentes esferas públicas. A rua é o palco dessa disputa que mais do que nunca ensina que as relações de poder na Cidade são muito mais complexas do que banais e que espaço, território, cultura e planejamento são alguns dos muitos conceitos que podem ser utilizados nesta manifestação plural e tão cara a milhares de pessoas.

Acredito que a principal limitação da cidade de Porto Alegre seja o próprio poder público. No entanto esse poder público eleito, muitas vezes, possui uma forte característica racista estrutural onde o Carnaval e a cultura negra são desprezados em detrimento de uma ideia de que ninguém fica em P.A. no Carnaval, ou de que o grande evento da cidade é o acampamento farroupilha, ou moradores que não entendem qual o significado desta festa para a população negra na cidade e da cidade.

A guarda municipal pela forma sempre muito autoritária em que se posiciona em relação às saídas de blocos e ensaios. A PM pela ambiguidade de suas ações onde em fóruns de debate público se coloca à disposição para o diálogo, mas em suas práticas atua de maneira ostensiva contra as manifestações carnavalescas, quando estas são por reclamações de vizinhos, principalmente na cidade baixa.

A potência do Carnaval na cidade é enorme, tanto no de rua quanto no competitivo. O povo sabe trabalhar, ama o que faz e ama estar na rua, na avenida e até mesmo no sambódromo do P.S. A cadeia produtiva do Carnaval é imensa, abarcando artistas de muitas áreas, profissionais liberais, ambulantes, cadeia de bares e restaurantes e em se tratando de uma cadeia onde o Carnaval seja levado a sério pode até ser um evento turístico, principalmente a nível estadual, como já foi.

Nestes cenários a Turucutá Batucada Coletiva Independente nasce no coração dos turucuteiros como uma fonte de cultura, saberes, convivências e espacialidades. Estar neste Bloco, poder participar de diferentes processos durante estes últimos anos me fez perceber a importância da coletividade dentro dos espaços geográficos. Estar enquanto ator negro nesta coletividade ignifica estar em um espaço como resistência. Significa ocupar a trajetória do povo que é meu e que por mais embranquecido que seja em algum momento, é de raiz negra, de solo negro e de vínculo negro. A Turucutá é um espaço de negritude, territorializada em espaços de negritude e contém em sua formação artística e coletiva a negritude em seu Ilê.

Rito sagrado, ariaxé

Na igreja ou no candomblé
A bênção, meu Orixá!
É água pra benzer, fogueira pra queimar
Com seu oxê, chama pra purificar
Bahia, meus olhos ainda estão brilhando
Hoje marejados de saudade
Incorporados de felicidade
Fogo no gongá, salve o meu protetor
Canta pra saudar, Opanixé kaô!
Machado desce e o terreiro treme
Ojuobá! Quem não deve não teme
Salgueiro, 2019.

REFERÊNCIAS

MÚSICAS

Batucada Nobre e Coletiva : Dorneles e Pâmela Amaro.

As Vezes Faz Bem Chorar: Ivor Lancelotti.

Retalhos de Cetim: Benito di Paula.

Pode Acreditar: Marcelo D2.

Deixa o Meu Povo Ser Feliz: Imperadores do Ritmo, 2018.

Só Tem Um Problema Nesse Amor: Carlos Medina.

Recanto Africano: Bloco da Laje.

Chamada de Repi: Tatá Gonzales.

SITES

EL PAÍS: acessado em 2021; <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-17/covid-19-se-espalha-entre-indigenas-brasileiros-e-ja-ameaca-povos-isolados.html>

FOLHA DE SÃO PAULO: Dados do carnaval. Acessado em 2021. <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/02/cancelamento-de-festas-do-carnaval-faz-pais-deixar-de-movimentar-r-81-bilhoes.shtml>

GAÚCHA ZH: Segurança Viaduto do Brooklin. Acessado em 2020. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2017/11/apos-estudante-ser-esfaqueadoguardamunicipal-reforca-operacoes-no-entorno-da-ufrgs-cj9sds6zs00az01qgt3jg2vdu.html>.

JORNAL DO COMÉRCIO: Viaduto do Brooklin. Acessado em 2020. https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2018/04/geral/624340-viaduto-do-brooklyn-um-lugar-dividido-entre-a-arte-e-o-ruído.html.

MINISTÉRIO DO TURISMO: Carnaval e Turismo. Acessado em 2021. <https://www.gov.br/pt-br/noticias/viagens-e-turismo/2020/02/carnaval-deve-movimentar-r-8-bilhoes-em-2020-preve-setor-do-turismo>.

NO NADA: Largo Zumbi dos Palmares, uma história de resistência. Acessado em 2020; <https://www.nonada.com.br/2020/10/largo-zumbi-dos-palmares-uma-historia-de-resistencia/>.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES: acessado em 2021; <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/porto-alegre-e-a-pandemia-moradia-e-direito-a-vida-nos-territorios-da-metropole/>

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE: Acessado em 2020. : https://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=261.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é Racismo Estrutural?** Ed. Letramento, 2018.

AZEVEDO, Ana Francisca de, *at all*. **Geografias pós-coloniais: ensaios de geografia cultural**. Ed. Figueirinhas, Portugal, 2007.

BITENCOURT, Vinícius Oliveira. **Desfiles das escolas de samba de Porto Alegre no Porto Seco: uma análise da (ausência de) participação da sociedade carnavalesca no processo de decisão**. Trabalho de conclusão de curso de graduação em Administração Pública e Social – Escola de Administração, UFRGS, 2016.

CAMPOS, Mayã Polo de & SILVA, Joseli Maria. **‘TEU CORPO É O ESPAÇO MAIS TEU POSSÍVEL’**: Construindo a análise do corpo como espaço geográfico, Revista ANPEGE, v.16, 2020.

CAMPOS, Adrelino. **Do Quilombo à Favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro**. Bertand Brasil, Rio de Janeiro, 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandrini. **A prática espacial urbana como segregação e o “direito à cidade” como horizonte utópico**. In A Cidade Contemporânea: segregação espacial: VASCONCELOS, CORRÊA e PINTAUDI (org.), Ed. Contexto. São Paulo, 2013.

CORREA, Roberto Lobato. **Espaço, um conceito-chave da geografia**. in Geografia Conceitos e Temas. Ed. Bertrand Brasil, RJ, 2011.

DUARTE, Ulisses Correa. **O Carnaval Espetáculo no Sul do Brasil: Uma etnografia da cultura carnavalesca nas construções das identidades e nas transformações da festa em Porto Alegre e Uruguaiana**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – PPGAS – UFRGS. 2011.

_____. **A Cultura Carnavalesca em Porto Alegre: o espetáculo, a retórica e a organização da festa**. Revista OES, UFBA. Salvador, 2013.

ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA. **Histórias de Ninar Gente Grande**. Enredo 2019. Disponível em <http://www.mangueira.com.br/>, acessado em 03/2019.

_____. **Samba enredo 2019: Histórias de Ninar Gente Grande**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/sambas/mangueira-2019/>, acessado em 03/2019.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Ed Pallas, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra mascaradas brancas**. EDUFBA, Salvador, 2008.

FIORAVANTI, Livia Maschio. **Reflexões sobre o “direito à cidade” em Henri Lefebvre: obstáculos e superações.** Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, Recife, v. 02, n. 02, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Paz e Terra, São Paulo, 1996.

_____. **Educação Como Prática de Liberdade.** Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967.

GERHARDT, Tania Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa.** Ed. UFRGS, Porto Alegre, 2009.

GERMANO, Iris Graciela. **Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40.** Dissertação de mestrado em História, IFCH/UFRGS – 1999.

G.R.E.S. ACADEMÍCOS DO SALGUEIRO. Samba enredo 2019: **Xangô.** Disponível em: <http://www.salgueiro.com.br/novidades/salgueiro-produz-gravacao-independente/>, acessado em 03/19.

HAESBAERT, Rogério. **Dos Múltiplos Territórios à Multiterritorialidade.** UFRSGS, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>, acessado em 10/04/2019.

_____. **Território e Multiterritorialidade: um debate.** GEOgraphia, UFF, Rio de Janeiro, 2007.

HEIDRICH, Álvaro. **Vínculos territoriais – discussão teórico metodológica para os estudos das territorialidades locais.** GEOgraphia - Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2017.

_____. In **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações.** Autores Paul Claval *et all.* EDUFBA, Salvador, 2008.

Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA). **Nota Técnica: Vidas Perdidas e Racismo no Brasil,** Brasília, 2013.

Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA). **Atlas da Violência,** Brasília, 2019.

JUNIOR, Henrique Cunha. **Metodologia da afrodescendência: uma discussão introdutória, por Henrique Cunha. 2015.** Disponível em: <http://negronicolau.blogspot.com/2015/12/metodologia-da-afrodescendenciauma.html#.XC-cNFVKjcs> (acessado em 25/03/2019).

LAZZARI, Alexandre. **Coisas para não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915).** Editora da UNICAMP, Campinas, 2001.

LE BOSSÉ, Mathias. **As Questões de Identidade em Geografia Cultural.** in Paisagens, Textos e Identidades, ed. EdUERJ, RJ, 2004.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e Ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço**. Ed. Contexto, São Paulo, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE (P.M.P.A.). **Carnavais de Porto Alegre**. Texto de Flavio Krawczyk, Iris Germano, Zita Possamai. Secretaria Municipal da Cultura, Porto Alegre, 1992.

PESSOA, Vera Lucia Salazar. **Geografia e pesquisa qualitativa: um olhar sobre o processo investigativo**. Geo UERJ - Ano 14, nº. 23, v. 1, 1º semestre de 2012.

CONCEIÇÃO, Thiago Pirajira. **Forjas Pedagógicas: rupturas e reinvenções nas corporeidades negras em um bloco de carnaval (Porto Alegre, Brasil)**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2019.

ROSIÈRE, Stephan. **Les acteurs géopolitiques**. Géographie politique & Géopolitique. 2 e édition. Paris: Ellipses Édition. 2007.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. **O Carnaval, a peste e a “espanhola”**. Revista Imagens, v.3, 2006.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. EdUSP, São Paulo. 2009.

_____. **As Cidades Mutiladas**. In O Preconceito, Julio Lerner Editor, SP, 1996/1997.

_____. **Ser negro no Brasil hoje : Ética enviesada da sociedade branca desvia enfrentamento do problema negro**. Folha de São Paulo, 07 de maio de 2000.

_____. **Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência**. Boletim Gaúcho de Geografia, disponível em: <http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38613/26350>, 1996. acessado em 26/02/2019.

_____. **O Espaço Cidadão**. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SANTOS, Neusa Souza. **Tornar-se Negro: as vicitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Edições Graal, Rio de Janeiro, 1983.

SIMAS, Luiz Antonio. **O Corpo Encantado das Ruas**. Ed. Civilização Brasileira, RJ, 2020.

SIMAS, Luiz Antonio. **Espantando a Miséria**. Jornal o Globo, Caderno de Cultura, 05/10/2017.

SIQUEIRA, Gustavo Silva & VASQUES, Pedro Henrique Ramos. **O carnaval de rua do Rio de Janeiro como uma possibilidade de exercício do direito à cidade**. Revista da Faculdade de Direito - UFPR, Curitiba, 2015.

SOMMER, Michele Farias, **Territorialidade Negra: a herança africana em Porto Alegre: uma abordagem sócio-espacial**. Edição do Autor, Porto Alegre, 2011.

SOUZA, Marcelo José Lopes. *In Geografia: Conceitos e Temas*. Org. CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. Ed. Bertrand, Rio de Janeiro. 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE (P.M.P.A.). **Carnavais de Porto Alegre**. Texto de Flavio Krawczyk, Iris Germano, Zita Possamai. Secretaria Municipal da Cultura, Porto Alegre, 1992.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio espacial** – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MACHADO, Daniele Vieira. **Territórios Negros em Porto Alegre/RS (1800 – 1970): Geografia histórica da presença negra no espaço urbano**. Dissertação de mestrado em geografia – PPGE0 – UFRGS, 2017.

ZILI, Luís Felipe. **Letalidade e Vitimização Policial: características gerais do fenômeno em três estados brasileiros**. Boletim de Análise Político-Institucional | n. 17 | Dezembro 2018.

ANEXOS

QUESTÃO 2 : Em relação à identidade, pertencimento e representatividade enquanto homem/mulher negro/negra no carnaval de rua de Porto Alegre:

ENTREVISTADO					
		a) Você se identifica com o carnaval de rua de Porto Alegre? Por quê, como e em que aspectos?	b) Você se sente representado/representada enquanto corpo negro no carnaval de rua de Porto Alegre? Por que, como e em que aspectos?	c) Você se sente pertencente ao carnaval de rua de Porto Alegre? Por que, como e em que aspectos?	d) Qual o melhor lugar para fazer carnaval de rua em Porto Alegre? Existe o melhor lugar para se fazer carnaval? Por quê?
1	Não mais, pois há um notório embranquecimento dessa expressão	Pelo fato de ter me afastado dos carnavais de rua, não é uma questão senti-me representado.	Não. Porém os negros aparecem em cenários diferentes ao que eu quero	Não. Passei a frequentar o carnaval de rua de Porto Alegre a pouco tempo	Acrescido que o ideal é que o carnaval aconteça de forma descentralizada e orgânica, delegando com a prioridade região de cada bloco.
2	Mau contato com o carnaval de rua de Porto Alegre, realmente começou com a Turunad. Isso ocorreu porque nunca passei o carnaval em Porto Alegre, na minha infância e adolescência passei o carnaval no interior, depois passei dos carnavais no Rio de Janeiro, e atualmente passei o carnaval na praia. Mas sempre participando do carnaval de rua, atualmente na praia dividio em duas escolas, uma como integrante de ela e em outra como integrante da bateria.	X	Embora tenha contato com o carnaval de rua através da Turu, sinto que não sou presente no carnaval de rua de Porto Alegre.	Acho que o carnaval tem que ser realizado em lugares onde a população atendida vai além dos organizantes e frequentadores dos blocos e escolas de samba. Acrescido de duas forma o carnaval de rua atraiça e contaria com o apoio de mais pessoas.	
3	me identifico como disse anteriormente, por afilidades identitária, políticas e estéticas.	Participante. O atual carnaval de rua foi mercantilizado, com isso vieram patrocinados, publicidade e ideias dissociadas sobre a ideia em geral. Logo, existem blocos negros, mas o público por vezes não é. Ou o repertório, ou poucas pessoas negros, é completo. Por isso, participante.	Sim, sinto pertencente principalmente por fazer parte de um grupo propositivo e que de certa forma colaborou para a retomada da festa na cidade, por mais que existam conflitos, abusos e divergências.	Por experiência, eu julgo ser o lugar mais adequado a Av. Augusto de Carvalho, entre a orla, cidade baixa e centro Histórico. A orla do Quilaba não é de todo ruim também, e a Auréliano, trechos do Centro Histórico e Solo Afrado junto com o Largo Zumbi, no meu entendimento, são espaços adequados. Se estiverem com uma estrutura garantida. Ao que me parece, ainda falta um entendimento tanto para os propositores quanto para o público frequentador do que é Qualidade X Quantidade. Algumas iniciativas tem pensado no Conforto, desconhecimento, segurança, pré e pós evento, e por mais que o evento aconteça em determinado horário e local, a cidade (os direitos públicos) deve entender que aquele dia, naquela determinada região vai ter uma movimentação atípica, e não somente no local da festa.	
4	Sim, me identifico, pois é uma acontecimento extremamente popular que permite "tomar posse" da cidade.	Parcialmente, visto que ainda falta maior participação das escolas de samba no seu ver. Parte é culpa dos organizadores do carnaval de rua pela ausência de uma vontade e parte culpa das próprias escolas, pois não aprovam melhor quando são chamadas	Sim, basicamente pelos motivos da resposta anterior	O melhor lugar é um local central de fácil acesso, como a cidade baixa, orla e centro	
5	minha participação no carnaval de Porto Alegre iniciou após minhas participações com a Turunad. Antes disso, apesar de sempre pertencer ao carnaval nunca estive inserido na cidade de Porto Alegre. Hoje, me sinto como participante do carnaval, após participar dos últimos três anos no arrastão da Turunad e frequentar as saídas de diversos outros blocos da cidade.	sim, acrescido que o carnaval da cidade é um evento em que a maioria dos frequentadores são pessoas negras. Após conhecer alguns espaços como quadras de escolas de samba e blocos de dança de rua como o Azeite da Baronesa pude aprender um pouco mais da história do carnaval e conviver com as histórias e lutas das pessoas que o compõem.	sim, fazer parte de um bloco de rua é uma forma de pertencer ao carnaval de rua. Livrando a história do carnaval ao povo que assiste, a energia e a música.	Acrescido que não existe melhor lugar, o carnaval deve estar onde as pessoas estão. Nesse contexto, em Porto Alegre, acrescido que o evento deve ocorrer em locais mais centralizados e acessíveis a todos.	
6	nas quadras de escola de samba sim, praticamente sempre porém nas espaços de blocos de brancos depende muito	na escola de samba e eventos de escola de samba sim. No arrastão da baronesa sim, no bloco do vapor sim no sentido de serem espaços pensados e encorajados por gente negra	não completamente, não em blocos de mulheres brancos, não em blocos criados por gente branca, não em blocos que se apropriam de cultura nordestina...	o melhor lugar é onde a maioria da população tenha acesso fácil e seguro. É to acrescido que eventos descentralizados são importantes.	
7	Mé identico, pois é a forma de cultura que acredito e que valoriza a população negra e suas origens. Mé identico com a sonoridade que se construiu e que permeiamos vivas com o passar das gerações. Mé identico por ser uma manifestação popular e construída pelo povo.	Mé sítio representado, pois, essa expressão cultural convivia com valores da população negra e suas origens.	Sim, me sinto pertencente por poder também ajudar a construir e viver a dança e os valores do povo negro, a música negra, as histórias. Poder ter um papel ativo na construção do carnaval	Não existe melhor lugar para se fazer carnaval, o carnaval é uma forma de expressão que se concentra com a reunião de pessoas e o lugar se transforma em palco devido essa reunião. São as pessoas que dão vida ao carnaval.	
8					

ENTREVISTADO		QUESTÃO 3 : O carnaval do ano de 2004 foi marcado, em Porto Alegre, pela inauguração do Complexo Cultural do Porto Seco (Bairro Rubem Berta), com um belo empate entre Imperadores do Samba e Bambas da Orquí em primeiro lugar. Já em 2018, ano desta entrevista, o desfile da escola Embaixadores do Ritmo, pela primeira vez em sua história, não teve carnaval competitivo em Porto Alegre. Referente ao Complexo Cultural do Porto Seco e a saída do carnaval competitivo da região central da cidade:		
	a) Qual sua percepção sobre a alteração do carnaval competitivo da região central para o Porto Seco?	b) Existem paralelos em relação ao carnaval de rua pós 2004 e o carnaval competitivo no Porto Seco?	c) Como você entende a relação centro-periferia no que diz respeito ao carnaval de rua do Porto Alegre?	Como você entende como uma geografia do Carnaval do Porto Alegre?
1	Um sistema do ensino público e cerca das experiências negras, que é colocadas cada vez mais a margem das regiões centrais.	X	Quando mais público branco entrar, mais central o carnaval é.	Existe uma espécie de degradação a cerca da geografia do carnaval, quanto mais escuro o público, mais a margem, quando mais branco, mais central.
2	Vejo como mais uma maneira de marginalizar o povo preto e sua cultura	Não sei opinar.	A periferia é o local de onde as pessoas não saem para frequentar o carnaval de rua de Porto Alegre como foliões. A região central é de onde estas pessoas foram retiradas.	Um espaço tentando ser recuperado.
3	Foi ruim, acho que é a única atividade cultural realizada nesse espaço. As demais atividades culturais continuaram a serem realizadas em pontos centrais da cidade. Vejo como mais uma tentativa do poder público em esquecer o evento.	X	Entendo que o carnaval está perdendo o espaço em pontos centrais da cidade. Cito como exemplo as tentativas de alugar as salas da escola de samba das regiões centrais para regiões periféricas, para dar espaço a breves tentativas mais rentáveis para empresários.	X dentro de uma perspectiva sócio-política, é aquela breve intervenção artística, festiva, sem não mencionar os conflitos e também que não tudo gira. São pessoas, corpos variando na idade, com música, instrumentos, adereços e bebidas alcoólicas. Penso que dentro dessa geografia há (des)entendimento ou interpretação do que é liberdade e do que é libertação quando fazendo um jazz criativo. A festa por si só já é tratada como algo a ser recriado, expandido e tanto parte dos foliões/integrantes quanto quem não participa e vê de fora, ganham e ou perdem estas ideias.
4	O tema Porto Seco é muito caro para lugares que apreciam as escolas de samba. É uma amostra do que se entende pela antiga ideia de Epitáfio, conceito do filósofo Sôni Carneiro, no qual, de respeito à discriminação, desvalorização das culturas negras. Onde já existe desvalor, se mantém com quase ou sem nenhum apoio, mas para quem é mais de fora do que de dentro, acho que o poder público tem sua parcela de responsabilidade, assim como as escolas de samba, que ficaram na espera da agenda de esvaziamento dos projetos desistidos.	recordo do caso do Bloco Areal do Futuro, que foi criado a partir da extinção da Academia de Samba Integrado do Areal de Baronesa menos anos seguintes à construção do Porto Seco.	por alguns anos, tive a experiência de fazer parte de um bloco da região central e ainda ter a oportunidade de ir ali ou chamados carnavais descentralizados, que aconteciam nas periferias da cidade. A periferia quando vem ao centro é para uma breve participação ou não recebe a mesmo privilégio dos blocos da região central.	Uma geografia um pouco concentrada nos locais centrais, cidade baixa, centro e onde, com exceção dos extremos norte (jardim Leopoldina) e sul (parque)
5	Gerenciamento, falta da cultura negra das maiores regiões da cidade	Acredito que não, pois o carnaval de rua surge nesse período, mas por agentes que não tem muita ligação com as escolas	Esta relação está no gênero da cidade e do carnaval, visto que inclui-se em bairros centrais o carnaval na cidade	
6	a alteração de local foi uma tentativa de enfraquecer o carnaval levando-o para uma região periférica e distante. O poder público decidiu discutir o assunto e a realização do evento dessa forma. Hoje o Porto Seco é um local abandonado durante o ano inteiro, servindo muitas vezes como local para a grifeira de crimes, fazendo com que as pessoas em geral não queiram dirigir-se ali já durante o evento pelo medo e insegurança.	não possui conhecimento para opinar sobre o tema.	acho que as bocas que fazer o carnaval de rua acontecer devem melhorar a presença nas regiões centrais da cidade, especialmente levando-se em consideração o fato de que os desfiles das escolas de samba já ocorrem em local descentralizado na cidade. Não é possível se render a intenção do poder público de marginalizar o carnaval e impedir que tal evento ocorra em regiões centralizadas da cidade.	acredito que no passado o carnaval ocorria em um local mais centralizado, com mais visibilidade do grande público. Hoje o carnaval foi levado para a periferia em uma tentativa de marginalizar o evento e afastá-lo dos desfiles. Hoje, só frequêcia os desfiles de escola de samba quem faz parte das escolas ou quem já tenha uma identidade com o evento. Já com relação aos blocos de rua, por ocuparem outros pontos da cidade, possuem o alcance de outras pessoas que participam com o evento, mas não frequentam desfiles.
7	entendo como mais um aspecto da gentrificação numa cidade pensada e governada por gente branca e burra, que não sabe que carnaval tá é dinheiro	eu acredito que sim, no sentido e alguns bairros centrais foram ficados com acesso limitado ao porto seco e pessoas se movendo para sair maneiras e curtir o carnaval	eu acredito que sim, no sentido e alguns bairros centrais foram ficados com acesso limitado ao porto seco e pessoas se movendo para sair maneiras e curtir o carnaval	espaço de relações humanas ligado ao carnaval e interações de sociedade e meio. Acredito que em Porto Alegre se ensina e se aprende a marginalizar o carnaval a muitos anos mas o samba alguma mais não morreu!
8	A mudança de local do carnaval é uma forma de integração espacial vivido pela cultura negra. É uma forma de tentar incluir parte da população nas periferias da cidade. Tentar estabelecer um local para realização do carnaval afastado do centro é uma tentativa de excluir e não incentivar a cultura negra.	Vejo que com o afastamento do carnaval para o porto seco, uma parte da população que não frequentava o carnaval e que muitas vezes não o fazia por não ter carnaval de rua tão desenvolvido pela cidade começou a participar. Mudando muito o perfil do público no carnaval de rua.	Entendo que esta relação é mudando da política de gentio que a cidade de Porto Alegre utiliza a anos, uma tentativa de higienização social. Excluindo a população mais carente para a periferia. Um exemplo disso é a remoção dos moradores da antiga favela para a região que conhecemos hoje como Restinga. Nos dias de no bairro Praia de Belas bem hoje como ocupado um território negro estabelecido, o quilombo do Areal de Baronesa.	Entendo como uma forma de espacialização histórica de uma cultura popular negra. Que em diferentes momentos resolve ocupar espaços da cidade. Materializando a festa, registrando na história e reafirmando os valores da cultura negra.

